



**Universidade de Brasília**

**Instituto de Ciências Humanas**

**Programa de Pós-Graduação em História**

**Para inglês ver: uma análise de *Journal of a Voyage to Brazil*, de Maria  
Graham.**

Maíra Guimarães Duarte Porto

Brasília,

2017.



**Universidade de Brasília**

**Instituto de Ciências Humanas**

**Programa de Pós-Graduação em História**

Maíra Guimarães Duarte Porto

**Para inglês ver: uma análise de *Journal of a Voyage to Brazil*, de Maria Graham.**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em História. Linha de pesquisa: História Social e suas múltiplas formas da Universidade de Brasília para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Balaban

Brasília,

2017.

MAIRA GUIMARÃES DUARTE PORTO

**Para inglês ver: uma análise de *Journal of a Voyage to Brazil*, de Maria Graham.**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em História. Linha de pesquisa: História Social e suas múltiplas formas da Universidade de Brasília para a obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Marcelo Balaban (PPGHIS- UnB - Orientador)

---

Prof. Dr. André de Melo Araújo (PPGHIS- UnB)

---

Profa. Dr. Eneida Maria Mercadante Sela

Brasília,

2017.

*Às minhas avós, Dóris e Iracy (in memoriam), pelos ensinamentos de uma vida.*

Escrevo a fim de entender a mim mesmo e vou escrever o mais honestamente que puder. Isso não quer dizer que eu seja confiável. O homem que se faz passar por confiável em qualquer coisa que escreva sobre a sua própria vida, geralmente já soçobrou antes mesmo de começar essa perigosa viagem.

Joisten Gaarder in *O vendedor de histórias*

## Agradecimentos

Os caminhos acadêmicos parecem solitários, mas ao chegar ao final do processo, percebemos o quão coletivo ele é. Não me seria possível terminar este processo sem a contribuição e apoio de todos os que me rodeiam, vocês me ajudaram a manter minha saúde mental em dia nesse período e por isso serei eternamente grata.

Ao meu orientador, Marcelo Balaban, agradeço primeiro pelas horas de conversa e discussão debruçados sobre os meus escritos e por ter aberto meus horizontes. Agradeço também pelo cuidado e respeito na leitura, por ter me feito parar não de acreditar na minha capacidade e por me ensinar a desconfiar das fontes. Aos professores e funcionários do PPGHIS-UnB pelo compartilhamento de sua sabedoria. E aos colegas de curso pelos momentos de discussão e por dividirem seus conhecimentos comigo. E também aos professores André e Neuma por lerem meu projeto de mestrado e por todos os aconselhamentos e palavras de incentivo na banca de qualificação.

Saindo do âmbito acadêmico, sou muito grata aos amigos de longa data Ludmila, Saulo, Ana, Hermanno, Marco, Simone, Amanda, Nado, Monica, Priscilla, Julia do Vale, Angélica, Mag, Luis Gabriel, Mayra, Marcela, Luis Felipe (No), Ana Tereza e Daniel, e as aquisições mais recentes Priscila Neiva, Julia Pacheco, Deborah, Sarah, Débora, Ramon, Nayara, Fernando, Bruno, Jacque e Lorena por todos os momentos de descontração, risadas, jogos e danças. Eles me mantiveram nos eixos.

Também agradeço profundamente à toda a minha família por todo o incentivo e por acreditarem que eu chegaria ao fim deste percurso e também por entenderem a minha ausência neste período. Meus avós, Dóris, Iracy e Marcionil (*in memoriam*), tia Jane, tia Janete, tia Janice, tia Lucia, tio Juenes, tio Zé, tio Marcelo, tia Lily, Thaty, Thais, Phill, Natalia, Ian, Iago, Gabriel, Cris, Miguel, Daniel, Fernando, Izzadora e Raffael os momentos que passei ao lado de vocês, mesmo os muitos tristes, me nutriram do amor e carinho que precisava. Estendo este agradecimento à família Carvalho que me acolheu como parte dela neste período.

Agradeço também aos meus pais, Maysa e Timótheo, que me deram a vida, me garantiram a oportunidade de fazer dois cursos superiores e chegar até o mestrado, além de sempre me acolherem em seus colos. Agradeço ainda à Renata, por me ver crescer e me acompanhar neste percurso.

Por fim, agradeço ao Samuel, my significant other, por aceitar passar uma vida comigo e, mesmo neste período de fim de mestrado, me manteve sã e compreendeu todos os meus momentos de loucura.

A todos, meu muito obrigada.

## Resumo

Os livros seguem uma lógica de formatação para a publicação. Eles também são editados e pensados para um determinado público com demandas específicas. Os livros de viagem não fogem à essa lógica. Assim, analisaremos neste trabalho, por meio da história do livro, a obra *Journal of a Voyage to Brazil*, da viajante inglesa Maria Graham, publicado no ano de 1824. No caso de Graham, ela escrevia sobre o Brasil para um público inglês num período em que a discussão sobre a abolição da escravidão crescia na Grã-Bretanha. Além disso, neste momento os olhares europeus se voltavam para o novo continente em função das independências que ali ocorriam. Logo, concluimos que escravidão e independência tornam-se os principais temas de seu livro. Eles se relacionam por serem temas políticos e também porque ambos se conectam à delicada noção liberdade. Com isso, a motivação da autora para eleger determinados assuntos em detrimento de outros, o público para o qual ela escrevia e a os temas que são mais presentes na narrativa conduzirão esta dissertação.

Palavras chave: Maria Graham, diário de viagem, independência, escravidão, liberdade.

## **Abstract**

The books follow a formatting logic for publication. They are also thought and edited to a determined audience with specific demands. Travel books follow this logic as well. With this in mind, in this work we are going to analyse under the optics of the history of and book trade, *Journal of a Voyage to Brazil*, by the English traveller Maria Graham, published in the year of 1824. In this case, Graham wrote about Brazil to an English audience in a period when the discussions about abolition of slavery grew in Great Britain. Besides that, in that moment European people were getting more interested in the New Continent because of the independencies which were happening there. So, we concluded that slavery and independence became the main themes of her book. They are connected by their political background and also because both of them relate to the delicate perception of freedom. Therefore, the motivation of the author to select some subjects instead of others, the audience she wrote to and the themes most present in her narrative will lead this dissertation.

Key words: Maria Graham, travel journal independency, slavery, freedom.

## Sumário

Todos a bordo: uma introdução .....	10
1. Narrativas de Viagem: viajando e escrevendo .....	22
1.1 Viajar é preciso: o interesse dos leitores ingleses em narrativas de viagem .....	30
1.2 Na ponta do lápis: sobre as vendas dos livros e custos das viagens .....	34
1.3 Entre jornais e tabloides: as redes sociais em torno do livro de Graham .....	39
2. O que vai, o que fica: o processo de montagem do livro .....	49
2.1 Jornadas em papel: o diário como gênero literário .....	50
2.2 Um diário em partes: a composição do diário para a publicação .....	53
2.3 Ou melhor, um demônio: o uso de adjetivos nas construções de Graham .....	62
2.4 Uma narrativa por meio de imagens .....	67
3. O olhar de Maria Graham: o Brasil pela pena de uma viajante inglesa .....	75
3.1 Liberdade: um tema que costura a narrativa? .....	77
3.2 Quando a imaginação encontra a escravidão: o reflexo do debate sobre a escravidão na narrativa de Graham .....	87
3.3 Diga ao povo que eu fico: a transcrição dos discursos de Dom Pedro, a liberdade do povo brasileiro e a descrição dos eventos da independência .....	96
Aportando: o fim de uma jornada .....	106
Referências Bibliográficas .....	110

## Todos a bordo: uma introdução

Livros e viagens. Estas são duas formas bastante prazerosas de conhecer novos horizontes e ampliar os já conhecidos. Há quem afirme, e esta é a visão adotada por nós neste trabalho, que quem lê viaja. Assim, livros que tratam de viagens, nos levam a lugares distantes e que muitas vezes não teremos a oportunidade de conhecer. Com os livros podemos ir até planetas nunca antes visitados ou mesmo para universos criados só para aquela obra. Podemos também revisitar lugares que conhecemos bem, pois já viajamos para eles. Por meio dos livros podemos ainda entrar em contato com culturas diferentes das nossas e nos colocar em situações difíceis ou mesmo perigosas, sem sair do conforto de nossas casas.

Quando os livros são descrições de viagens reais e conseguimos nos colocar no lugar do viajante, a peregrinação pode se tornar ainda mais proveitosa. Os livros de viagem carregam em si experiências relatadas pelo olhar do viajante. É comum pensarmos que o viajante chega ao seu destino com um olhar cru, sem preconceitos ou emoções fortes relacionadas àquele lugar. Mas como veremos neste trabalho, isso não se aplica, pois, antes de chegar ali, quem viaja carrega bagagem emocional e cultural que se modificará com a experiência daquele lugar. Assim, as visões de mundo daquele viajante se confrontam com a cultura que ele encontra ali. Pensemos por exemplo que uma mulher inglesa do século XIX, caucasiana, de boas condições financeira e culta, chegue a um país ainda sob o domínio europeu, embora este esteja dando seus últimos suspiros, e cuja sociedade é escravista. Neste caso, o choque cultural seria latente, pois a inglesa, embora soubesse que havia escravidão no país e que este era um modelo de trabalho que explorava seus trabalhadores, nunca tinha visto a escravidão tão de perto. Além disso, há também a esperança de que o país em questão se liberte do jugo europeu e a partir desta libertação cresça para se tornar uma grande potência<sup>1</sup>.

Esta mulher, que já havia publicado livros sobre viagens a outros lugares, pensaria que poderia revelar ao mundo as selvagerias da escravidão e as vantagens de ser um Estado independente. Este é o cenário em que Maria Graham decide escrever e publicar o livro *Journal of a Voyage to Brazil*, publicado na Grã-Bretanha em 1824. Assim, podemos

---

<sup>1</sup> BARMAN J. Roderick. *Brazil the forging of a nation*.

questionar se as experiências anteriores da autora não a influenciaram para escrever um livro sobre o Brasil. Mais que isso, por que, dentre tantos gêneros literários, ela escolhera o formato de um diário para falar do país? Por que revelaria aos seus leitores detalhes íntimos que escrevera em seu diário? E será que ela realmente revelou todos os acontecimentos vividos, ou alguns deles foram aumentados, diminuídos ou maquiados para a publicação? Para além disso, qual era o interesse do público inglês no Brasil? Neste período, a discussão sobre a abolição da escravidão ganhava espaço na Inglaterra<sup>2</sup> e as disputas pela independência na América Latina despertava o interesse bretão, pois seu mercado se abriria<sup>3</sup> – e não haveria mais a interferência da metrópole europeia. Teria a autora, então, se aproveitado dessas discussões para escrever um livro cujo tema central era a liberdade, dos escravos e das colônias?

Com essas perguntas em mente começamos a nossa jornada. Bem-vindos a bordo! Neste trabalho analisaremos a obra *Journal of a Voyage to Brazil*, de Maria Graham, traduzida para o português como *Diário de uma viagem ao Brasil*. Por se tratar de um trabalho que trata de uma viagem, convido o leitor a embarcar conosco nesta jornada cujo leme será o entendimento da composição do diário. Para isso, vamos analisar o mercado editorial inglês, com o objetivo de entender a qual público ela se dirigia e o que foi dito sobre seu livro à época de sua publicação. Analisaremos também o uso que ela fez dos fatos que viveu ao escrever o livro, sendo assim passaremos a um exame material do livro e de suas partes. Por último, investigaremos o tema que pode ser considerado o fio condutor do livro: a liberdade. Antes do embarque, porém, gostaria de apresentá-los rapidamente à mulher que me inspirou a capitanear esta fragata.

Maria Graham nasceu Maria Dundas, filha do Almirante Real George Dundas e de Ann Thompson, em 1785, sendo a mais velha de três irmãos. Ela nasceu em Papcastle no distrito Lake<sup>4</sup>. Não se tem muitos registros de sua infância, até que ela foi separada de sua mãe e mandada para morar com parentes em Richmond. Segundo alguns relatos da

---

<sup>2</sup> GRIFFIN, Emma. *Liberty's dawn*.

<sup>3</sup> BARMAN J. Roderick. *Brazil the forging of a nation*.

<sup>4</sup> Existem divergências quanto ao local de nascimento da autora, seguiremos aqui o que consta do livro de Regina Akel, *Maria Graham: a literary biography*, por considerarmos ser esta uma fonte mais segura, já que esta autora teve acesso aos registros de nascimento de Graham.

autora<sup>5</sup>, ela era desprezada por estes parentes, principalmente por sua prima Mary, que frequentara a mesma escola que ela. A única pessoa que a acolhia era o tio, de quem ela falava com carinho e a quem visitava esporadicamente. Seus anos escolares foram conturbados, embora a educação que recebeu tenha sido de qualidade e o que lhe deu condição para trabalhar posteriormente como tradutora e tutora, tanto dos marinheiros à bordo do navio comandado por seu marido quanto de Dona Maria da Glória, a princesa do Brasil. Segundo Regina Akel,

Maria ficou rebelde depois, quando foi mandada para escola, embora tenha sido lá que ela adquiriu seu amor pela aprendizagem e o poder de olhar a si mesma e aos outros sem paixão. Este traço pode ter influenciado a escolha do gênero literário que ela praticou no começo de sua carreira: literatura de viagem.<sup>6</sup>

O amor que nutria pelo conhecimento foi alimentado na escola, quando em decorrência de uma confusão com suas colegas de classe, ela recebeu como punição passar duas horas diárias na biblioteca após o término das aulas. Assim, ela teve oportunidade de ler todos os grandes clássicos da literatura e da filosofia, desde Platão até os mais modernos, se afastando ainda mais das pessoas à sua volta<sup>7</sup>.

Quando tinha cerca de 23 anos de idade, ela começou a viajar acompanhando seu pai. Sua primeira jornada foi para a Índia, onde chegou a residir por alguns anos. Durante a viagem, ela conheceu seu primeiro marido, Thomas Graham, com quem se casou na Índia em 1809. Desta estadia surgiram dois livros, *Cartas da Índia* e *Diário de uma residência na Índia*. O casal voltou à Grã-Bretanha em 1811, passando a residir na Escócia. Maria, sendo uma pessoa muito intelectualizada e acostumada aos círculos intelectuais londrinos, não tinha muito o que fazer lá, além de cuidar dos afazeres domésticos, por isso, passou a trabalhar como tradutora e editora de livros. Ela revisou livros de Lorde Byron e foi uma das leitoras consultadas para a publicação de *Emma*, de Jane Austen. Eles permaneceram na Escócia por cerca de oito anos esperando que Thomas fosse designado para outra viagem, até que em 1819, ele foi destacado para uma missão na

---

<sup>5</sup> AKEL, Regina. *Maria Graham: a literary biography*

<sup>6</sup> Iden, Ibid. pp. 2 Livre tradução de: Maria became rebellious later on, when she was sent to school, although it was there she acquired her love of learning and the power to look at herself and others dispassionately. This trait may have influenced the choice of the literary genre she practiced at the beginning of her career: travel writing.

<sup>7</sup> Iden. Ibid.

Itália, de onde ela escreveu o livro *Três meses se passaram nas montanhas à oeste de Roma e Memórias da vida de Nicholas Poussin*.

Depois desta breve passagem pela Europa, eles foram enviados em 1821 à América Latina como mediadores dos conflitos pela independência que aconteciam por lá. Daí surgiram seus dois livros de viagem mais populares: *Diário de uma viagem ao Brasil* – foco da análise deste trabalho – e *Diário de uma residência no Chile*, ambos publicados em 1824. A viagem a o Brasil foi entremeada pela viagem ao Chile, que durou 9 meses. Durante o percurso entre os dois países, o capitão Graham adoeceu gravemente, falecendo antes do navio aportar em terras chilenas. Mesmo tendo recebido ofertas de diversos navios britânicos para retornar à Inglaterra, agora que estava viúva, Maria decidiu ficar. Ela cuidava de seu primo, Glenn, que estava enfermo e contava com o amparo de Lorde Cochrane<sup>8</sup>, de quem se aproximou muito neste período<sup>9</sup>. Quando Cochrane foi destacado para ajudar nas batalhas contra os portugueses em terras brasileiras, Maria o acompanhou, mas permaneceu no Rio de Janeiro, enquanto o Lorde se dirigiu à Bahia e ao Maranhão.

Durante sua estadia na corte, ela aperfeiçoou seus conhecimentos da língua portuguesa e se aproximou da Imperatriz, tornando-se amiga pessoal dela. A aproximação de Dona Leopoldina aconteceu muito em função do fato de ambas serem estrangeiras. Graham mandava livros para Leopoldina e a Imperatriz enviava joias e dinheiro para a autora. Ao final de sua segunda estadia no Brasil, findada em 1823, ela se dirigiu à Inglaterra com o intuito de colher material para cuidar da educação da princesa Dona Maria da Glória, de quem seria preceptora. Ela retornou ao Brasil em 1824 e sua permanência como tutora da princesa dura pouco mais de um mês. Os motivos reais da sua saída da corte são desconhecidos, já que nem ela nem o Imperador ou a Imperatriz falavam abertamente sobre o assunto. Especula-se, porém, que Graham e Leopoldina estavam planejando uma forma de limpar o nome de Lorde Cochrane na Inglaterra, ver nota 8, e como Dom Pedro não queria envolvimento neste assunto, ele fizera a esposa demitir Graham na frente das

---

<sup>8</sup> Lorde Cochrane era comandante da Marinha Britânica e havia lutado ao lado de Lorde Nelson durante as guerras napoleônicas na Europa continental. Ao contrário do último, porém ele não era bem quisto na Grã-Bretanha, pois seu nome estava envolvido num escândalo de roubo. Ele fora designado então para ajudar nas batalhas pela independência na América Latina para ficar distante da Europa. Neste novo cargo, ele se aproxima de Maria Graham.

<sup>9</sup> Alguns afirmam que Lorde Cochrane e Maria Graham tiveram um envolvimento amoroso, mas não há evidências disso em cartas, diários ou relatos de outras pessoas. É sabido, porém que a esposa de Cochrane não se dava muito bem com Graham.

damas da corte. A autora, contudo, mais uma vez não voltou à Inglaterra, como esperado, mesmo sendo viúva e desempregada no Brasil. Sua volta foi prorrogada até 1825. Desta terceira passagem pelo país nenhum livro foi publicado. Todavia ela escreveu um diário, sobre esta estadia, que alguns consideram seu terceiro diário sobre o país, mas ela própria trata o manuscrito como uma biografia de Dom Pedro I<sup>10</sup>. Este manuscrito encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ele foi comprado junto à correspondência trocada entre a autora e Dona Leopoldina no início do século XX<sup>11</sup>.

Em virtude de ser uma mulher culta, Graham não se relacionava muito bem com as pessoas por se achar intelectualmente superior. Uma demonstração disso é o seu relacionamento com Lady Cochrane, esposa do seu fiel amigo, Lorde Cochrane, com quem não conseguia conversar nem em grupos maiores<sup>12</sup>. Ela também mantinha relações apenas cordiais com grande parte das damas da corte, a quem acusa de conspiração para a tirarem do palácio real, onde cuidava da educação da princesa. Algumas pessoas, porém, atraíam Maria intelectualmente, como é o caso de José Bonifácio de Andrada, a quem considerava, como veremos mais detalhadamente no capítulo 3, um político muito capaz, além de ser culto e conseguir transitar pelos mais diferentes tópicos de conversação. Ela também manteve boas relações com pessoas pouco letradas, mas que ela considerava intrigantes, como é o caso de Maria Quitéria, que se travestira de homem para lutar nas batalhas pela independência na Bahia. Além dessas figuras, a Imperatriz, como vimos acima também era muito próxima à Maria Graham.

Na volta definitiva à Europa ela se casa com Augustus Wall Callcott, um pintor inglês, com quem permaneceu até o fim da vida. Em 1837, foi concedido à ele o título de Lorde, passando ela então a assinar Lady Callcott. Seus livros a partir de então deixaram de tratar

---

<sup>10</sup> Este será usado neste trabalho como fonte para o entendimento da escritura do *Diário de uma viagem ao Brasil*, já que a autora menciona no terceiro diário alguns eventos narrados no primeiro e no segundo.

<sup>11</sup> O fac-símile dele está digitalizado e disponível para consulta mediante solicitação na Biblioteca.

<sup>12</sup> O episódio em questão é um baile e concerto na casa da Baronesa de Campos narrado no diário onde a autora diz que não consegue trocar mais que cumprimentos com Lady Cochrane e outras inglesas. Segundo ela, “havia apenas duas inglesas além de mim e da Lady Cochrane, estas eram esposas do Cônsul e do Comissário para Negócios Escravos. Um senhor estrangeiro que estava presente observou que, embora fossemos quatro, nós mal nos falávamos. Livre tradução de: “There were only two Englishwomen besides Lady Cochrane and myself, and these were the wives of the consul and the comissioner for slave business. A froeing gentleman remarked, that though we were four, we hardly conversed together.” GRAHAM. Ibid. pp. 272.

de viagens: ela se dedicou à botânica, à geologia<sup>13</sup> e à produção de livros de História para crianças. Dentre todas estas publicações, a mais famoso livro é *Little Arthur's History of England*, cuja última publicação aconteceu em 1975, mais de cem anos após a morte da autora. Os últimos anos da vida da autora se passaram na cama, de onde ela não conseguia sair por conta de sua saúde deteriorada. Ela faleceu em 1842.

Após este breve esboço biográfico, podemos esclarecer algumas das escolhas feitas para este trabalho. Apesar de haver uma edição em português do livro, optamos por usar a versão original do diário em inglês, publicada em 1824. Uma de suas cópias encontra-se na biblioteca do Senado, além de outras espalhadas por bibliotecas do país, como na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e também na biblioteca do museu Castro Maya. Outras cópias encontram-se espalhadas pelo país e pelo mundo. O fac-símile do diário pode ser encontrado no site da Biblioteca Nacional de Portugal. Optamos pelo original, apesar de haver uma tradução do diário por considerarmos que a análise seria melhor direcionada se olhássemos para as palavras escritas pela própria autora, sem intermediários. Apesar disso, utilizaremos algumas imagens produzidas por Graham que constam nesta tradução e que não aparecem no diário original, ou seja, não foram selecionadas pela autora para a publicação.

Consideramos também que a língua é mutante, com isso, embora o domínio do inglês não seja um obstáculo, algumas palavras tinham usos diferentes no século XIX. A palavra turismo, por exemplo, teve seu primeiro uso catalogado em 1811. Da mesma forma que existem palavras que tinham diferentes usos naquela época, como é o caso de *surf* que para nós em 2017 é um esporte praticado com prancha no mar. Na época em que Graham escrevia, porém, ela era utilizada como *a elevação do mar que quebra na praia*. Por isso, utilizamos dicionários da mesma época<sup>14</sup> para que o significado das palavras não fosse perdido ou mal utilizado em nossa análise.

Utilizamos como fontes primárias, além da publicação de 1824, o diário que ela escreveu sobre seu retorno ao Brasil em 1824, pois ela faz algumas anotações sobre como fatos descritos nas duas viagens anteriores ocorreram. Neste caso, utilizamos tanto o fac-

---

<sup>13</sup> O debate geológico promovido por ela gerou muitas discussões na Inglaterra de então, embora ela tenha usado um codinome para a publicação de seus artigos científicos, tanto de botânica quanto de geologia.

<sup>14</sup> Os dicionários em questão estão descritos nas referências bibliográficas.

símile<sup>15</sup> do manuscrito, quanto o livro intitulado *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*, que é nada mais que a transcrição e tradução do manuscrito. Além disso, utilizamos as anotações feitas pela autora na sua cópia do livro. Tratam-se de notas soltas interfoliadas com o diário que fazem referência à passagens que podem ser reescritas ou alteradas<sup>16</sup>. Também utilizamos algumas cartas trocadas entre Graham e John Murray II, seu editor. Os outros livros da autora entram neste trabalho apenas a título de entendimento da forma como ela escreve e descreve os eventos.

Além disso, para entendermos melhor o caminho que ela trilhou para a publicação do diário sobre o Brasil e o tipo de relacionamento que ela buscava criar com os seus leitores, nos acompanham as biógrafas de Graham, Regina Akel, Elizabeth Mavor e Rosamund Gotch. Por meio da leitura e análise destas autoras, ampliamos a compreensão sobre Maria Graham, desde os motivos que a levaram ao Brasil até algumas escolhas feitas pela autora quando estava preparando o livro para a publicação. Gotch, sua primeira biógrafa, cujo livro *Maria, Lady Callcott*, foi publicado em 1837 nos traz um panorama de como Graham viveu, como foram as condições de suas viagens, o que ela pensava sobre o casamento, entre outros aspectos de sua vida privada: como era sua relação com sua família, como foram os anos passados na Escócia, como era sua relação com seu segundo marido, etc. Este livro, portanto contribuiu para o entendimento maior de sua vida e como alguns aspectos dela colaboraram com a sua obra. Uma demonstração disso é a sua aproximação com Lorde Cochrane e os temas abordados em *Journal of a residence in Chile*, onde a autora faz uma defesa velada do Lorde, relatando apenas as suas virtudes e como ele era generoso com ela.

A segunda autora da lista, Elizabeth Mavor, autora, ou melhor organizadora, de *The Captain's Wife*, uma síntese dos livros de Graham sobre a América Latina, contribui com a recriação da rotina de trabalho da autora. Na introdução deste resumo ela se dedica a aspectos da vida da autora no período em que esta esteve no Brasil e no Chile, relatando sua rotina de trabalho e os valores éticos impressos – ou não, como veremos no capítulo

---

<sup>15</sup> O original do manuscrito encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

<sup>16</sup> As notas originais encontram-se na biblioteca Oliveira Lima, na Catholic University of América, em Washington, DC, nos Estados Unidos.

2 – em sua obra. Assim, Mavor nos auxiliará na construção de como a rotina de trabalho *Journal of a Voyage to Brazil*.

A última das nossas biógrafas, Regina Akel, é a mais relevante das três para este trabalho. Isso por que ela faz em *Maria Graham, a literary biography*, uma biografia da viajante inglesa baseada nas suas obras, portanto uma biografia literária, comparando o que está escrito com o que a autora estava vivendo. Seu trabalho difere do nosso, porém, pois além de ela analisar toda a obra de Graham, incluindo aí os livros que não eram sobre viagens, ela não busca entender como os livros foram escritos. Ela busca através da narrativa de Graham entender o que estava se passando em sua vida. Uma demonstração disso, que dialoga com a nossa pesquisa, é a sua análise das duas partes de seu diário sobre o Brasil. De acordo com Akel, na primeira parte da narrativa, quando Graham ainda não tinha criado laços muito fortes com o país, ela descreve extensivamente a natureza e a escravidão, focando nos maus tratos sofridos pelos escravos, para criar uma imagem negativa da escravidão. Ao falar da política local, porém, ela busca não se envolver com os portugueses ou com os brasileiros, tentando não tomar partido de nenhum dos lados. Já ao analisar a segunda parte do livro, quando a viajante já estava mais próxima da corte e, principalmente, da Imperatriz, ela descreve a política brasileira apaixonadamente, como se o reinado de Dom Pedro pudesse salvar o Brasil e torna-lo um grande país, não apenas em extensão, mas também em importância e influência. Nesta segunda parte, ela também discorre pouco sobre a escravidão e as imagens criadas nas suas descrições são mais brandas que as da primeira parte. Com isso, Akel demonstra que o envolvimento emocional da autora conduz a sua narrativa: na primeira parte encontramos uma autora mais rígida que tenta manter sua imparcialidade frente aos conflitos; na segunda parte, vemos uma Graham parcial que não esconde sua preferência pelas ações do Imperador do Brasil<sup>17</sup>.

Além destas, temos dois times de teóricos que nos ajudaram na compreensão tanto do mercado editorial inglês, quanto do momento político e histórico que o Brasil atravessava naquele momento. No primeiro, estão aqueles que fizeram e fazem história do livro, iniciando por Michael F. Suarez e Michael L. Turner, que juntos organizaram o livro *The*

---

<sup>17</sup> AKEL, Regina. *Maria Graham: a literary biography*.

*Cambridge History of the book in Britain*<sup>18</sup>, volume 5. Este livro reporta o período que vai de 1695 a 1830, compreendendo, assim o ano de publicação do livro de Graham. Os assuntos tratados neste livro são de nosso interesse, pois tratam das transformações sofridas pelo mercado editorial inglês. Estas transformações não aconteceram apenas no que diz respeito ao produto final do livro, mas também nos temas das publicações. Foi neste período que as publicações de viagem, como *Journal of a Voyage to Brazil*, ganharam espaço. Além dos livros de Graham, outras edições relacionadas à viagem, fossem elas de ficção ou não, invadiam as livrarias. O interesse por lugares distantes aparecia também nos periódicos que começavam a dedicar mais espaço à assuntos estrangeiros – não apenas europeus.

As mudanças que dizem respeito à forma física do livro também se aplicam ao de Graham, pois neste período o custo da produção de imagens caiu. Até então produzir imagens em larga escala era muito oneroso tanto para os editores quanto para o consumidor final, portanto as imagens eram muitas vezes reutilizadas. Porém no decorrer do século XVIII novas tecnologias foram desenvolvidas que permitiram o barateamento da produção de imagens. Nos ocuparemos mais dessas mudanças no capítulo 1. E foi graças a isso que o diário de Graham pode contar com 11 imagens, algumas das quais serão trabalhadas no capítulo 2. Além deste volume, o sexto desta série, organizado por David Mckitterick também foi utilizado, porém em menor escala, por se referir a um período posterior à publicação de Graham.

Ainda na seara da história do livro, na liderança do segundo time, temos os oficiais Carl Thompson, responsável por *Travel writing*, e Julia Kuehn e Paul Smethurst, que capitanearam *New directions in travel writing studies*. Este time trata mais especificamente da literatura de viagem, que é o núcleo deste trabalho. Assim, eles contribuíram com o entendimento das especificidades da literatura de viagem. Mais que isso, eles auxiliaram nas indagações que norteiam este trabalho, pois discorrem sobre as relações entre os livros de viagem e as ciências sociais, desde sua origem comum com a etnografia, até as ligações mais contemporâneas quando são usados em trabalhos de História, como este, de Antropologia e outras ciências sociais.

---

<sup>18</sup> Todos os livros e artigos citados neste parágrafo e nos parágrafos a seguir constam nas referências bibliográficas.

Assim, Thompson nos conduz às motivações para escrita e publicação de livros de viagens, bem como à definição da literatura de viagem enquanto gênero literário. Ele também nos dá indícios das causas que levavam mulheres a utilizarem majoritariamente o formato do diário, enquanto os homens transitavam entre outros formatos, inclusive se aventurando a escrever ficções cuja temática é viagem. Além disso, ele descreve estratégias, algumas delas utilizadas por Graham, para a representação do outro. Com isso, ele nos leva a contestar o que a escritora diz a respeito, por exemplo do Imperador do Brasil.

Enquanto isso, Kuehn e Smethurst nos acompanham por questões como o mapeamento de lugares que não foram visitados pelos leitores e mesmo a relação entre literatura de viagem enquanto etnografia. O mapeamento de áreas desconhecidas foi utilizado na América, no período em que Graham esteve no Brasil e no Chile. Isso revela que o interesse dos editores era mostrar aos leitores o que se passava em terras americanas, pois os olhares se voltavam para lá com os levantes que deram origem às suas independências. A escrita de viagem enquanto etnografia, também comum naquela época, foi desenvolvida por Graham, que tenta entender a cultura brasileira, como um todo. Embora criticasse a escravidão, buscava compreender os escravos enquanto comunidade.

Sobre os assuntos específicos que serão abordados, como escravidão e a independência do Brasil, temos na discussão sobre escravidão Richard Huzzey, que contribui para a nossa viagem com *Freedom Burning*, e Emma Griffin, com *Liberty's Dawn*, que ambientam a discussão sobre a abolição da escravidão que ocorria na Grã-Bretanha no período da publicação do livro. Com isso, entendemos a motivação de Graham ao descrever tão vividamente as condições de vida dos escravos brasileiros. Por outro lado, podemos questionar se estas descrições não foram feitas com o objetivo de atrair mais leitores, usando o debate da abolição para vender seu livro.

Já no que tange a independência do Brasil, temos Keila Grimberg e Ricardo Salles que conduzem *O Brasil Imperial*, e Roderick J. Barman, responsável por *Brazil The forging of a nation, 1798-1852*. Estes contramestres nos permitem questionar até que ponto Graham não se deixou levar por sua amizade com a Imperatriz Dona Leopoldina ao narrar os eventos da independência. Com isso, Graham estaria direcionando seus leitores a pensarem que o melhor caminho para os brasileiros era se libertar do jugo de Portugal.

Para responder apropriadamente às questões vistas anteriormente, dividimos este trabalho em três capítulos, ou três portos. O primeiro deles, *Narrativas de viagem: viajando e escrevendo*, versa sobre o ambiente em que o diário foi comercializado. Assim, buscaremos entendimento sobre o mercado editorial inglês e qual era o interesse na publicação do livro de Maria Graham. Entenderemos também qual era o interesse dos leitores ingleses no Brasil, já que, como veremos, nesta época várias publicações sobre o país, bem como sobre outros países da América Latina – inclusive o livro de Graham do sobre o Chile. Para entendermos melhor o alcance do livro, analisaremos as propagandas feitas do livro nos periódicos de então. Além disso, examinaremos o que foi falado sobre o livro em jornais e revistas da época, tendo assim um termômetro de como público reagiu ao livro. Com isso, teremos o cenário no qual o livro foi escrito e passaremos para o segundo porto, onde o livro será esquadrinhado em todas as suas partes.

No segundo capítulo *O que vai o que fica: o processo de montagem do livro*, discutiremos como o livro foi montado. Usamos esta palavra porque, como veremos, ele foi pensado palavra por palavra para a edição. Assim sendo, o diário íntimo da autora, embora seja fundamental para o produto final, não é reproduzido literalmente, tendo partes omitidas ou aumentadas, para que o resultado fosse do interesse tanto do mercado editorial inglês quanto do público que viria a lê-lo. Desta forma, entenderemos quais os recursos utilizados pela autora para que o diário parecesse íntimo, mesmo não sendo e para criar emoções em seu público, fosse de encantamento ou revolta. Entenderemos também como o número de entradas<sup>19</sup> e o tamanho delas se relaciona com a importância dispensada pela autora aos eventos daquele dia. Também neste ancoradouro, analisaremos as imagens escolhidas para a publicação. Algumas delas foram baseadas em desenhos da própria autora, outras não, de forma que buscaremos a construção do relato a partir destas imagens. Ou seja, entenderemos como as imagens contribuem com a redação do diário. A partir disso, teremos formado a linha narrativa que a autora buscava seguir com o diário.

Passamos, assim, à terceira e última paragem que chamamos de *O olhar de Maria Graham: o Brasil pela pena de uma viajante*. Para chegarmos à esta parte, precisamos entender que o livro tem quatro grandes temas: natureza, escravidão, política e o papel

---

<sup>19</sup> Entendemos por “entrada” as anotações feitas em cada dia na redação do diário.

das mulheres na sociedade<sup>20</sup>. Aqui, examinaremos o tema central do diário, o fio que conduz toda a exposição da autora. Com isso, entenderemos que autora tinha um objetivo maior com esta publicação que era o de se colocar como propagadora da liberdade pelo mundo. Este objetivo é perseguido muito enfaticamente quando se trata da escravidão e muito sutilmente quando fala da independência do país, porém ele permeia toda a obra. Desta forma, teremos entendido todo o contexto desde o cenário no qual o livro foi lançado até o objetivo da autora ao escrever e publicar seu diário. Boa viagem!

---

<sup>20</sup> Embora saibamos que tanto o papel das mulheres quanto a escravidão sejam temas políticos, optamos pela divisão por motivos didáticos. Assim, quando falarmos de política, entenda-se que estaremos tratando do que diz respeito às questões do Estado Brasileiro, assim como do Estado Português

## 1. NARRATIVAS DE VIAGEM: VIAJANDO E ESCRIVENDO.

Agora que já estamos embarcados, convido-os a conhecer suas respectivas cabines. Note que deixamos um jornal em cada uma delas. Este jornal é a edição número 445 do *The Scotsman*, que veio a público no dia 14 de abril de 1824<sup>21</sup>. Nele estão algumas sugestões de livros lançados no ano de 1824, como vocês podem ver na imagem abaixo. No meio da página, vemos em letras garrafais: NOVOS TRABALHOS DA SENHORA GRAHAM SOBRE A AMÉRICA DO SUL. Em seguida que chegou hoje – dia 14 de abril de 1824 – no mercado, “em um volume quarto, com gravuras, preço £2, 2s, chega *Diário de uma viagem ao Brasil e residência lá durante parte dos anos 1821, 1822 e 1823*; incluindo um relato da revolução que deu origem à independência do Império do Brasil. De Maria Graham, autora de ‘*Residência na Índia*’ &c. &c.”<sup>22</sup>.

O fato de o anúncio informar que a publicação vinha com gravuras é importante pois elas tornam o livro mais caro, já que grande parte do processo de inclusão de imagens nesta época era manual. Também podemos perceber que a nota não traz muitas informações sobre o conteúdo do livro, ou seja, o que se sabe sobre o livro a partir daí é que é uma narrativa de viagem sobre o Brasil e que trata em alguma medida da independência do país. Podemos questionar se a palavra revolução, que àquela época significava mudança no estado de um governo ou país, aparece para descrever o conteúdo do livro, ou para atrair mais leitores. Também não há informações sobre a autora, apesar de seus livros sobre a Índia terem sido bem aceitos pelo público. O destaque dado ao seu nome e à questão da independência, contudo, podem ser interpretados como uma propaganda em si. Mais adiante vemos também a divulgação do seu diário sobre o Chile que seria lançado alguns dias depois. Este mesmo anúncio se repetiu em vários periódicos do mesmo ano, para promover o livro que passaremos a analisar mais adiante.

---

<sup>21</sup> In: <http://www.britishnewspaperarchive.co.uk/>, consultado em 13/01/2017.

<sup>22</sup> Livre tradução de “in one volume 4to with engravings, price L2, 2s., boards *Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the year 1821, 1822 and 1823; including an Account of the Revolution which brought about the independence of the Brazilian Empire. By Maria Graham, author of ‘Residence in India’ &c.&c.*”



Maria Graham que, como veremos no capítulo 2, viajava pensando no que poderia ser matéria prima de um livro. A lei também possibilitou, como dito acima, que mais mulheres escrevessem e ganhassem dinheiro com isso, embora o número de mulheres no mercado editorial ainda fosse pequeno comparado aos homens. De acordo com Isobel Grundy, “em 1988, Judith Stanton estimou que o número de mulheres identificadas e publicadas no longo século XVIII era de 913”<sup>25</sup>. Isso também gerou mais títulos e novos gêneros publicados. Assim como o número de publicações, a quantidade de leitores aumentou.

No mesmo período, as viagens também aumentaram, o turismo começava a se desenvolver<sup>26</sup>. Apesar das viagens na literatura não serem uma novidade, já que desde a antiguidade textos sobre viagens são produzidos e até um dos ícones da literatura inglesa, William Shakespeare, escreveu *A Tempestade* que versa sobre uma viagem ao novo mundo, o tema ainda não era abordado de forma abundante, o que se reflete no vocabulário de viagens que não era tão variado até o século XVIII. Com isso, os dois nichos se aliaram e puderam crescer juntos, um influenciando o outro: as viagens criavam mais autores e os livros nutriam em muitos a vontade de viajar<sup>27</sup>. Embora seja importante lembrar que os viajantes que escreviam estavam ali fazendo uma análise social, quase uma etnografia<sup>28</sup>, diferente dos turistas que viajavam apenas para conhecer os lugares. A principal diferença entre turista e viajante nesta época é que o turista vai apenas para conhecer o lugar enquanto que o viajante vive o lugar e quer conhecer todas as nuances daquela paragem, entrando em contato com as pessoas para entender como é a vida naquele local. É como se duas pessoas viajassem para um país diferente e uma delas se limitasse a conhecer os pontos turísticos e outra fosse para a casa das pessoas que moram ali, conhecessem os lugares que elas frequentam, usasse o transporte público. Assim, as

---

<sup>25</sup> Livre tradução de “In 1988, Judith Stanton estimated the long eighteenth century’s published and identified women writers as 913.” (Grundy in Suarez and Turner, 2009, pp. 146)

<sup>26</sup> Ver Thompson, 2011

<sup>27</sup> *Idem*.

<sup>28</sup> Durante muito tempo literatura de viagem e etnografia se confundiram enquanto matéria, já que os viajantes se utilizavam de recursos etnográficos/antropológicos – já que as duas disciplinas se mesclam em suas origens. De acordo com Graham Huggan, “Etnografia neste contexto consiste menos na escrita da cultura do que na narrativização do país tanto na forma científica quanto na artística.” Livre tradução de “Ethnography, in this context consists less in the writing of culture than in the narrativization of country in both its ‘scientific’ and ‘artistic’ forms.” (Huggan in: Kuen, Sethurst, 2015)

duas pessoas teriam experiências completamente diferentes. A primeira pessoa seria então o turista e a segunda, o viajante. A diferença se torna ainda maior quando o viajante escreve sobre a sua vivência naquele local. Por mais que não haja a intenção de publicar os escritos, a compreensão daquele lugar se torna diferente. Isso não quer dizer, de forma alguma que a experiência do turista seja menor ou menos importante, ela é apenas distinta. Também não podemos afirmar que turistas chegaram ao Brasil no século XIX, embora a afirmativa que diversos viajantes estiveram no país neste período seja verdadeira dada a quantidade de relatos publicados na Europa, principalmente na Grã-Bretanha e na França – não incluímos Portugal no relato, pois, mesmo depois da independência, muitos ainda viviam em terras tupiniquins.

Como dito anteriormente, as mulheres, que embora já estivessem no mercado editorial há algum tempo, vinham ganhando espaço dentro do negócio das letras e a literatura de viagem foi um dos caminhos que possibilitou seu crescimento. Pioneiras neste percurso, ainda em meados do século XVIII, Priscilla Wakefield<sup>29</sup> (1752-1832) e Mariana Stark<sup>30</sup> (1762? – 1838) escreveram sobre viagens pela Grã-Bretanha, América do Norte e Europa continental. Elas se destacam não apenas pelo protagonismo criado pelas viagens e escrituras sobre o que viveram alhures, mas também inovaram na publicação dos livros. Priscilla, por exemplo, incluiu mapas dobrados em sua publicação sobre a América do Norte (ver imagem 2)<sup>31</sup>, enquanto Mariana escreveu sobre os conflitos da Europa continental. Contudo, as duas têm outra característica em comum: elas assinavam seus próprios nomes em seus livros, enquanto um número considerável de suas contemporâneas, assinavam apenas as iniciais ou “Uma senhora”. Em função disso, a contagem de publicações de livros produzidos por mulheres no período em questão pode

---

<sup>29</sup> Em *The Cambridge History of Book in Britain* Priscilla Wakefield, aparece como Patricia Wakefield, contudo não foram encontrados outros registros com este nome. Priscilla, porém, aparece em diversos registros acadêmicos e inclusive em livros dos séculos XVIII e XIX. Por isso, aqui será usado o nome Priscilla Wakefield. Mais referências sobre a autora podem ser encontradas em <http://www.cgdev.org/blog/priscilla-wakefield-forgotten-pioneer-financial-services-poor>. Os livros de Wakefield podem ser consultados em <http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/book/lookupname?key=Wakefield%2C%20Priscilla%2C%201751-1832>

<sup>30</sup> Mais informações sobre a autora podem ser encontradas em <https://womanandhersphere.com/2015/01/12/mariana-starke-travels-in-europe-1791-1794/> e <http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/book/lookupname?key=Starke%2C%20Mariana%2C%201762%3F-1838>

<sup>31</sup> Disponível em <https://pw1751.wordpress.com/>

ser maior que os 913 citados acima<sup>32</sup>. Embora o anonimato também fosse uma prática comum entre alguns homens, as mulheres o faziam com o objetivo primário de serem publicadas e lidas. Lembramos que algumas mulheres usavam pseudônimos masculinos para serem publicadas, um dos mais famosos casos, ainda que posterior a este período, é o de George Eliot, pseudônimo de Mary Ann Evans (1819-1880), poetisa e romancista inglesa.

Há que se considerar também as narrativas de viagens produzidas por homens, já que eles constituíam grande parte do mercado editorial inglês<sup>33</sup>. Consideramos aqui tanto a literatura de viagem não-ficcional como a ficcional, embora haja algumas diferenças entre elas. Estas diferentes narrativas eram colocadas na mesma categoria pelas editoras inglesas do século XIX, por se tratarem de narrativas que descrevem viagens. Alguns nomes se destacam dentre os muitos que escreveram sobre viagens e jornadas: Jonathan Swift (1667-1745), autor de *As viagens de Gulliver*, no qual as aventuras da personagem principal a bordo de um navio diverte adultos e crianças até os dias de hoje – embora o objetivo inicial do autor não fosse atingir o público infantil, muito menos divertir seu público, mas, como disse em uma carta enviada a seu amigo Alexander Pope, revelar a natureza humana<sup>34</sup>. Joseph Addison (1672-1719), além de ensaísta escreveu *Remarks on several parts of Italy*, publicado em 1705<sup>35</sup> onde descreve sua passagem pela Itália, embora tenha sido criticado por falar mais sobre os poetas italianos do que sobre o próprio país. Daniel Defoe (1660-1731), cuja principal obra *Robson Crusoe* – outra obra bastante popular até os dias atuais –, foi elaborada a partir de relatos de viajantes e náufragos<sup>36</sup>. E

---

<sup>32</sup> Segundo Isobel Grundy, “a contagem hoje seria maior em função das identidades recém estabelecidas de mulheres que foram publicadas como ‘Uma dama’ ou ‘uma senhora’ e assim por diante. Os números por década aumentaram constantemente durante a primeira metade do século [XVIII], aumentaram por volta de 1760, daí em diante dobraram a cada década, incluindo as primeiras décadas do século XIX.” Livre tradução de: “the count today would be higher, owing to identities newly established for some of those publishing as ‘a Lady’ or ‘a Gentlewoman’ and so on. The numbers per decade having risen fairly steady during the first half of the century, took off around 1760, and thereafter virtually doubled every decade, including the early decades of the nineteenth century. (Grundy in Suarez and Turner, 2009, pp. 146-147).

<sup>33</sup> Segundo Isobel Grundy, o número de mulheres no mercado editorial no início do século XVIII já era considerável, porém sua participação na produção de livros não apresenta crescimento significativo neste período. *Idem, Ibid.*

<sup>34</sup> [http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubseciaoID=0&Template=../livros/layout\\_autor.asp&AutorID=72](http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubseciaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=72), consultado em 11/10/2016 as 17:44

<sup>35</sup> Mais sobre o autor em <https://global.britannica.com/biography/Joseph-Addison>

<sup>36</sup> Outras informações em <http://www.biography.com/people/daniel-defoe-9269678#death-and-legacy>

Laurence Sterne (1713-1768) autor de *Tristan Shandy* e *A sentimental Journey through France and Italy*<sup>37</sup>, o último, serviu de inspiração para diversos outros escritores e foi publicado no ano de sua morte. O material para composição foi colhido quando morou na França, entre 1762-1765.

Outros autores, homens e mulheres, merecem ser citados por suas contribuições ao universo da literatura de viagem que começava a ganhar espaço nesta época. Henry Fielding (1707-1754), cujo principal livro, *Tom Jones*, narra as viagens de Tom pelas estradas da Inglaterra, além deste, escreveu livros de não-ficção, como *Journal of a Voyage to Lisbon*, onde descreve sua experiência em terras lusitanas. Lady Mary Wortley Montagu<sup>38</sup> (1689-1762) que, além de poeta, teve suas cartas sobre a Turquia publicadas – outros trabalhos até então inéditos da autora foram publicados nos anos 2000. Tobias Smollett, (1721-1771) autor de livros que relatam as desventuras de personagens inusitados, como em *The history and adventures of an Atom*, em que descreve histórias sobre o Japão antigo narradas por um átomo onisciente que viveu em figuras importantes da Inglaterra. Ann Radcliffe (1764-1823), que fora os romances góticos<sup>39</sup> que se valiam de personagens e cenários estrangeiros, escreveu também *A journey made in the summer*.

Já Robert Southey (1774-1843), historiador e poeta que escreveu um volume intitulado *History of Brazil*, a partir de viagens e documentos sobre o país. Este último, vale sublinhar, foi referência importante para dar forma final às narrativas reunidas em *Journal of a Voyage to Brazil*. A importância dele será descrita pormenorizadamente no capítulo 2. Por último, Mary Wollstonecraft (1759-1797), não apenas com seus trabalhos voltados para os direitos das mulheres e da educação de meninas, mas também com *Letters written during a short residence in Sweeden Norway and Denmark*.

No fim do século XIX outros nomes de bastante relevância surgiram no cenário da literatura de viagem, vamos citar aqui apenas Isabela Bird, que além de escrever sobre suas viagens pelo mundo escreveu sobre lugares considerados exóticos pelos europeus,

---

<sup>37</sup> Este livro serviu de referência para muitos outros autores de viagem pois pelo pioneirismo ao tratar de sentimentos em viagens, o que mais tarde foi utilizado em larga escala, principalmente por mulheres, ao falarem de viagens.

<sup>38</sup> A autora era esposa do embaixador britânico na Turquia e o acompanhava em viagens, ela também lutou pelo direito das mulheres no mercado editorial.

<sup>39</sup> Um de seus romances é citado por sua contemporânea Jane Austen em *A abadia de Westminster*.

como o Japão. A lista destes autores poderia se estender por mais uma dezena de páginas, mas creio que o leitor já entendeu. É interessante perceber que a maioria dos homens circulam entre narrativas de viagens ficcionais e não-ficcionais, enquanto que as mulheres se limitam às narrativas não-ficcionais. Um provável motivo para isso é que as mulheres ainda estavam galgando seu espaço no mercado editorial e preferiam não se arriscar pelas narrativas ficcionais para não serem excluídas dele.

Considerando isso, podemos voltar ao anúncio do livro de Graham e notar que embora o mercado editorial fosse dominado por homens, algumas mulheres se sobressaíam e chegavam a ocupar anúncios de destaque em mais de um periódico. Assim, percebemos que Graham era uma autora que tinha algum sucesso neste negócio, pois além de seus editores gastarem tempo e dinheiro com a divulgação de seu livro, seu nome aparece em destaque. Inferimos disso que seu público já a conhecia, por isso não precisavam de muitas informações a seu respeito.

Com estes exemplos é possível perceber que as viagens entravam definitivamente no vocabulário inglês e que o número de publicações que versavam sobre jornadas também proliferava. Além das publicações, sendo ficção ou não, sobre viagens, alguns teóricos da época tinham em suas bibliotecas privadas vários livros de viajantes, usados em considerações sobre o pensamento de outros lugares. É o caso de Adam Smith e John Locke que recorriam a livros de viagens para entender como funcionavam outras sociedades e poderem analisá-las. De acordo com Shef Rogers,

como David Paxman mostrou, John Locke recorria frequentemente à exemplos de escritos de viagem para justificar afirmações pouco convencionais no *Ensaio do entendimento humano*. Viagem e geografia constituíam ‘a quinta maior categoria na biblioteca de Locke’ e ‘citações à eles ocorriam mais frequentemente que à outros tipos de literatura no *Ensaio*’. Margaret Hunt, igualmente notou que Adam Smith ‘citou mais de vinte’ livros de viagem na *Riqueza das nações* (1776) e ‘tinha na sua biblioteca pessoal todos os grandes livros publicados em inglês ou francês sobre viagens nos séculos dezoito e dezenove.’<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Livre tradução de: As David Paxman has shown, John Locke resorted frequently to examples from travel writing to justify unconventional assertions in the Essay concerning human understanding. Travel and geography books constituted ‘the fifth largest category in Locke’s library’, and ‘citations to them occur more frequently than citations to other types of literature in the Essay. Margaret Hunt similarly notes that Adam Smith ‘cited more than twenty’ travel works in *The Wealth of Nations* (1776), and ‘has in his personal library almost every major piece of published travel writing by a French or English travel writer of the seventeenth and eighteenth centuries’. (Rogers in Suarez and Turner, 2009, pp. 789)

Outros tipos de publicação, crescente no período, contribuíam para as narrativas de viagem: os mapas, atlas e tabelas geográficas<sup>41</sup>. A cartografia estava se desenvolvendo e junto a ela os processos de impressão de imagem estavam se modernizando, o que facilitava a impressão dos mapas. A inclusão de elementos cartográficos em publicações de viagens foi introduzida, conforme dito anteriormente por Priscilla Starke. Contudo, mesmo com o alargamento das reproduções de imagens, elas ainda encareciam o produto final, pois o processo não era simples.

Segundo Tim Clayton, no começo do século XVIII a maior parte das impressões de imagem eram importadas, mas a partir de aproximadamente 1750, a quantidade de artistas ingleses trabalhando com gravuras para impressão cresceu e “nos trinta anos seguintes, a Grã-Bretanha desfrutou de uma exportação sem precedentes em produtos culturais. A literatura britânica estava sendo amplamente traduzida e exportada e suas impressões estavam em voga na Europa.”<sup>42</sup> Neste período houve também a ampliação das impressões de imagens coloridas. Esta ampliação, além de facilitar a reprodução dos mapas, teve outra função, já que até o século XVIII, muitas vezes a mesma imagem era usada em diferentes livros, uma vez que o método de produção da matriz para reprodução das gravuras era feito em litogravura e demorava-se muito na sua confecção<sup>43</sup>. Com as novas técnicas, o processo ficou mais rápido e barato, embora ainda encarecesse a publicação, e foi possível variar as imagens dos livros. Assim, as gravuras produzidas para os livros de viagem tornaram-se inéditas, em sua maioria, e eram usadas em publicações posteriores, mas sempre com o objetivo de ilustrar os lugares descritos originalmente nas obras de viajantes. Como vimos, a literatura de viagem entrara no imaginário inglês, mas o que era atrativo nas narrativas de viagem para estes leitores? Por que o desconhecido chamava tanta atenção dos leitores? Estas questões serão abordadas a seguir.

---

<sup>41</sup> Ver Clayton in Suares and Turner, 2009.

<sup>42</sup> Livre tradução de: For the next thirty years Britain enjoyed an unprecedented export trade in cultural products. British literature was widely translated and exported, and British prints enjoyed a pan-European vogue. (Clayton in Suarez and Turner, 2009, pp.238)

<sup>43</sup> Clayton. Book illustration and the world of print. In Suarez and Turner, 2009.

### 1.1 Viajar é preciso: o interesse dos leitores ingleses em narrativas de viagem.

Como vimos, as narrativas de viagem popularizaram-se na Grã-Bretanha durante o século XVIII, quando o número de publicações do gênero aumentou consideravelmente. Conforme Carl Thompson, em *Travel Writing*, “a proliferação de relatos de viagens reflete o fato que esta era uma era de crescente mobilidade, já que o feudalismo europeu abriu caminho para uma sociedade capitalista embrionária mais comercial”<sup>44</sup>. Com isso, aumentaram também as vendas de romances que tinham como pano de fundo viagens e lugares distantes<sup>45</sup>. Embora seja difícil definir o perfil do público que se interessava por relatos de viajantes, pela distância temporal que nos encontramos e pela ausência de registros, podemos especular alguns dos motivos pelos quais estes relatos eram procurados e lidos. Os livros sobre jornadas em lugares diferentes eram utilizados para diversos fins: os adultos os procuravam para obter informações sobre política e costumes diferentes dos seus para poderem comparar-se aos outros países; eles eram também recomendados para crianças a fim de podê-las instruir sobre culturas diversas e aumentar o vocabulário. A pergunta que vem é por que procurar relatos de viajantes comuns e não livros de viajantes relacionados à História ou Geografia, ou simplesmente livros nestas áreas para se informar sobre diferentes culturas? Imediatamente podemos pensar que os relatos de viajantes eram mais verossímeis, já que eles estiveram presentes nos locais e nem sempre se pode dizer o mesmo dos teóricos.

Assim, os relatos de viagem tinham como utilidade principal informar sobre culturas e eventos acontecidos em outras partes do mundo, tanto para o público infantil como para o adulto. Esta utilidade pode também ser resultado de um interesse preexistente dos leitores em conhecer outras culturas. Ademais, os leitores valiam-se deles quando desejavam conhecer outros lugares, mas eram impedidos por questões diversas que não são importantes para este trabalho. O mar, que deveria ser atravessado, principalmente pelo público inglês, ainda era desconhecido o que provocava uma reação de medo em algumas pessoas. Contudo, o interesse nas jornadas a países distantes, ou mesmo lugares

---

<sup>44</sup> Livre tradução de: the proliferation of accounts of voyages and travels reflects that this was an era of ever-increasing mobility, as across Europe feudalism gave way to a more commercial, embryonically capitalist society. (Thompson, 2011)

<sup>45</sup> Livros como *Robinson Crusoe* e *As viagens de Gulliver*, citados acima, entre outros.

próximos não antes visitados pelos leitores, crescia e era frequentemente saciado por estes relatos. Sendo assim, como dito por Emily Dickinson, “Não há fragata como um livro”<sup>46</sup> era possível viajar para lugares longínquos e conhecer culturas distintas, sem se afastar de sua terra natal<sup>47</sup>.

Os leitores ingleses se interessavam mais por lugares exóticos, como a Índia e a Turquia, embora seu interesse fosse também bastante grande em relatos sobre a América do Norte e a Europa continental. O interesse pela Índia é antigo na Europa, tanto que as grandes navegações foram em busca de uma rota alternativa para chegar ao país, além disso havia o fato de que o país asiático era colônia da Grã-Bretanha muitos ingleses moravam lá<sup>48</sup>. Assim, além do exotismo do país com seus temperos marcantes, suas vestimentas coloridas e sua cultura diferente, havia o interesse em como seus conterrâneos viviam. O mesmo acontecia na América do Norte, mesmo após a independência dos Estados Unidos, já que relações comerciais foram mantidas em alguma medida e algumas famílias britânicas ainda se encontravam por lá.

A atração pela Turquia era similar à da Índia: os costumes, os temperos, a tradição e também a proximidade da Europa continental, despertavam a afeição dos leitores ingleses. A Europa continental, por sua vez, despertava a curiosidade do público britânico por sua relação com a arte, pelos acordos diplomáticos e econômicos que vigoravam entre eles e pela sua história, principalmente em um período pós Revolução Francesa e em meio às Guerras Napoleônicas. Um dos indícios que nos leva a crer que este interesse era real é a quantidade de livros publicados sobre estes lugares no período.

O interesse deles, não se esgotava aí. Durante grande parte do século XVIII, de fato estes foram os principais interesses dos leitores, tanto que nas listas de publicações de livros de viagem no período, poucos são os títulos relacionados a áreas diferentes destas, algumas publicações sobre o Oriente, outras sobre as viagens do Capitão Cook e suas

---

<sup>46</sup> Livre tradução de “There’s no frigate like a book”

<sup>47</sup> Segundo Valéria Lima em *Debret Historiador e pintor*, ele assume, assim como Graham, “uma importante demanda a respeito das viagens que estava sendo realizadas a partir da virada do século [XVIII para o XIX]: a de uma permanência mais longa do viajante nas regiões visitadas. Salvo algumas exceções, a maioria dos viajantes permanecia por muito pouco tempo nos locais visitados, o que impedia a a compreensão mais profundas das diferentes realidades com as quais tinham contato e, o que ainda era mais perigoso, sobre as quais se dispunham a dar depoimentos” (LIMA. *Debret historiador e pintor*. Pp 33.)

<sup>48</sup> Ver Thompson, 2011, capítulo sobre o discurso colonial nos relatos de viagem. (Strategies of Othering I: travel writing and colonial discourse.)

novas descobertas no Pacífico Sul e menos ainda sobre as Américas Espanhola e Portuguesa e a África. Nos fins do século XVIII e início do XIX, o início dos processos de independência nas Américas despertou o interesse e a atração dos ingleses. Ainda mais porque vários navios britânicos foram deslocados para lá para ajudar nas batalhas. A curiosidade surgiu não apenas pela possibilidade de mais mercado, pois até então as transações eram todas feitas por intermédio das metrópoles, mas também para entender como as pessoas viveram até ali e o que pretendiam dali em diante<sup>49</sup>.

Mais especificamente na América Portuguesa, já chamada de Brasil no início do século XIX, havia ainda uma outra questão muito cara aos ingleses: os trabalhadores escravos que lá viviam. A bandeira da liberdade já era há algum tempo levantada pelos britânicos, desde a década de 1770 as discussões ganhavam força na ilha e nas décadas de 1810 e 1820, a discussão ganhou força no parlamento britânico e tomou as ruas<sup>50</sup>, embora muitos de seus navios ainda fossem utilizados para o tráfico negreiro. Mas o aumento do liberalismo na ilha fez com que a sua luta contra a escravidão engrandecesse.<sup>51</sup> As peculiaridades políticas do país também chamavam a atenção dos leitores da Grã-Bretanha: o fato de, diferentemente dos outros países em processo de independência da América, o país ter se tornado uma Monarquia ao invés de uma República, cujo monarca era descendente direto da antiga Metrópole, era bastante peculiar o que fez com que os leitores se ocupassem de entender o pensamento dos brasileiros.

Podemos perceber este atrativo pela quantidade de notícias publicadas em jornais da época sobre estes assuntos brasileiros. Este interesse é corroborado pelos livros e seus anúncios publicados sobre a América, e sobre Brasil, como o anúncio anterior do livro de Graham. Isso Esse entendimento vinha em maior medida pelos relatos de viagem, já que os historiadores precisariam de mais tempo para avaliar a situação política e social do país antes de poderem publicar um livro sobre o assunto. Como os relatos de viagens tratavam de experiências, a checagem dos fatos não precisava ser tão detida. Um fato interessante, porém, é que neste período, o livro de Robert Southey sobre história do

---

<sup>49</sup> Ver Rogers in Suarez and Turner, 2009. Enlarging the prospectives of happiness: travel reading and travel writing.

<sup>50</sup> Para mais questões relacionadas ao pioneirismo britânico na abolição da escravidão ver Linebaugh e Rediker *A hidra de muitas cabeças* e Griffin *Liberty's dawn*, neste último a relação entre o fim da escravidão e a revolução industrial também são abordadas.

<sup>51</sup> Questões de liberdade e escravidão serão trabalhadas mais detidamente no capítulo 3.

Brasil, citado anteriormente, que veio a público pela primeira vez em 1810, foi publicado novamente quando as batalhas pela independência em Pernambuco ganharam força, por volta de 1819. Com isso, temos mais indícios de que as características específicas do processo de independência do Brasil também atraíam o leitor de viagem britânico que buscava compreender o que acontecia lá.<sup>52</sup>

Assim, pode-se perceber que o interesse dos britânicos em literatura de viagem ia muito além da curiosidade ou entretenimento. Ele era inclusive recomendado à educação de crianças, meninos e meninas, mas principalmente meninas. Estas orientações para a utilização de livros de viagens na instrução dos jovens aparecem em manuais didáticos da época. Já os adultos os utilizavam para manterem conversas com pessoas que já tinham viajado ou para discutir assuntos relacionados à países estrangeiros com mais propriedade, já que os relatos de viajantes forneciam informações diferenciadas de outros países<sup>53</sup>.

Em termos estilísticos, os homens e as mulheres se diferenciavam na hora de escrever sobre viagens. Os homens mantinham-se mais ligados à assuntos de política e economia enquanto as mulheres, em geral, focavam nos hábitos e costumes da sociedade, pouco falando de política e economia.<sup>54</sup> Escolher a forma de escrita também era diferente, os homens transitavam entre todas as formas possíveis de se fazer um relato de viagem: narração, diário, epistolário, cartas, descrições. As mulheres por sua vez, querendo ser publicadas, se prendiam aos diários e epistolários, os motivos disso serão avaliados no capítulo 2. Sobre o assunto, Thompson diz,

Se a viajante feminina contradiz a ideologia patriarcal de esferas separadas, saindo de sua casa e se aventurando pelo mundo, a escritora de viagem, ou pelo menos aquela que publica um relato de viagem, contravém esta ideologia duas vezes. Não apenas ela viaja, mas posteriormente, ela se coloca uma segunda vez na esfera pública como escritora; e uma relutância para assumir o último papel é a razão pela qual tão poucos relatos escritos por mulheres foram publicados antes de 1800. Até no século dezanove, quando a autoria feminina se tornou aceitável, era comum para as mulheres adotarem o formato de epistolário ou diário, e com

---

<sup>52</sup> O interesse particular do público inglês no Brasil será discutido no capítulo 2.

<sup>53</sup> Ver Rogers in Suarez and Turner, 2009. Enlarging the prospectives of happiness: travel reading and travel writing.

<sup>54</sup> Esta regra geral foi alterada em meados do século dezanove e início do século XX. No final do século XX, com o aumento de guias de viagens voltados para o público homossexual, esta lógica foi totalmente alterada, embora autores renomados, como Lord Byron tenham viajado para procurar prazer em lugares onde a homossexualidade não era condenada.

isso sugerir que suas observações não tinham originalmente a intenção de serem publicadas.<sup>55</sup>

Assim é possível perceber a lógica patriarcal que imperava naquela sociedade. Porém, se as mulheres chegaram a publicar algo era porque aqueles escritos poderiam de alguma forma acrescentar ao diálogo sobre aquela região, fosse falando sobre os costumes locais ou sobre qualquer outro assunto. No caso de Maria Graham, os assuntos não se resumiam aos costumes locais, muito pelo contrário, os assuntos trabalhados pela autora com mais profundidade se referem à independência do Brasil e à escravidão. O que remete ao anúncio do início do capítulo, que traz a informação que o livro contém um relato sobre a independência do Brasil como diferencial. Bem como os outros mercados o mercado editorial, buscava o lucro. Assim, quando ele se propõe a publicar livros de viagem, sejam eles escritos por homens ou mulheres, ficcionais ou não, eles visam o retorno financeiro. Passaremos a seguir à análise de como era este retorno para as editoras.

## 1.2 Na ponta do lápis: sobre as vendas dos livros e os custos das viagens.

Alguns editores se destacaram ao publicar livros de viagem, é o caso de John Murray II, que havia herdado a editora e, após se livrar do sócio do pai, começou a investir em outras searas. Os livros de viagem estavam em ascensão e eles logo se tornaram um dos principais nomes deste tipo de edição. No jornal *Cumberland Pacquet, and Ware's Whitehaven Advertisement*, do dia 14 de setembro de 1824 aparecem 10 publicações de viagens lançadas recentemente ao mercado com a assinatura de Murray. Entre os dez livros citados no artigo, apenas dois tinham autoria feminina e ainda assim, os dois eram da mesma autora, Maria Graham. Além disso, os títulos incluem viagens a lugares pouco explorados pelos turistas ingleses, como a América do Sul (Brasil e Chile), o México e a Ásia. Eles também se destacam por incluírem mapas e gravuras. Além da literatura de

---

<sup>55</sup> Livre tradução de: If the female traveller contravenes the patriarchal ideology of separate spheres by quitting her home and venturing out into the world, the female travel writer, or at least, the woman who publishes a travel account, contravenes that ideology twice over. Not only does she travel, she then position herself a second time in the public sphere, as an author; and a reluctance to take up the latter role is a further reason why there are so few published travelogues by women prior to 1800. Even in the nineteenth century, when female authorship generally had become more acceptable, it remained common for women travel writers to adopt epistolary or diary format, and by this means to suggest their observations were never originally intend for publication. (Thompson, 2011)

viagem, ele também começou a publicar livros escritos por mulheres com mais regularidade. Além disso, foi o editor de grandes nomes da literatura, tais como Lorde Byron – que também escreveu sobre viagens, além da poesia – e Jane Austen – que apesar das dificuldades que enfrentou para publicar seus livros em vida, tornou-se um grande nome da literatura mundial – publicando *Emma* em 1816<sup>56</sup>. Continuando a linha inovadora de publicações, em 1836, ele publicou o primeiro guia de viagens, o *Murray's Guide*, ou *Murray's handbook for travellers*, sendo os dois primeiros volumes publicados ainda na década de 1830 sobre viagens ao continente europeu. Este livro alterou profundamente o turismo, que crescia neste momento da história, por meio da divulgação de rotas para pessoas que estavam iniciando suas jornadas como turistas<sup>57</sup>. Na década seguinte, ele publicaria guias sobre a Turquia, Ásia menor, Constantinopla e Egito, além de outros destinos na Europa. Outras editoras seguiram a linha de Murray publicando livros de viagem, é o caso dos Longman, e posteriormente dos Macmillan, assim como outras editoras menores. John Murray II será mais trabalhado aqui por ter sido o editor de Maria Graham. A parceria teve início no primeiro livro publicado por ela e se estendeu até sua última obra. Além da parceria profissional, eles tornaram-se amigos<sup>58</sup>.

Os livros de viagem geravam muita renda para os livreiros e editores da época. Isso pode ser comprovado pela renda de alguns autores de livros sobre jornadas que era maior do que a de autores de livros teóricos e de romances. Conforme Sheff Rogers afirma,

estes números poderão ajudar a prestar contas do honorário notoriamente extravagante pago a John Hawkesworth pela edição de *Um relato das viagens feitas por ordem de sua Majestade, para fazer descobertas no hemisfério sul e sucessivamente perormadas por Commodore Byron, Captain Wallis, Captain Cartet and Captain Cook* (1773). Esta bonita compilação de três volumes em tamanho quarto rendeu ao seu compilador a não antes vista quantia de £6.000. David Hume havia recebido £1.940 pelos dois primeiros volumes da sua *História da Inglaterra* (1754), Johnson foi pago £1.575 pelo seu *Dicionário* (1775) e William Robertson recebeu £3.400 pelo seu *Charles V* (1769).<sup>59</sup>

---

<sup>56</sup> *Emma* foi revisado e comentado por Maria Graham antes de sua publicação. (Akel, 2007)

<sup>57</sup> A linha temporal dos principais trabalhos publicados pelos Murrays até 2002, quando a empresa foi vendida para Hodder & Stoughton pode ser encontrada em <https://www.hodder.co.uk/John+Murray/About+John+Murray.page>

<sup>58</sup> Parte de seus livros foram editados em conjunto com a Longman & Co, inclusive o *Journal of a Voyage to Brazil*. Graham foi também revisora, comentarista e tradutora de John Murray, principalmente no período anterior à sua viagem à América, quando morou na Escócia por um tempo. As correspondências deste período incluem comentários sobre as obras de Jane Austen e Lord Byron.

<sup>59</sup> Livre tradução de: Such figures may help account for the notoriously extravagant fee paid to John Hawkesworth for editing of *An account of the voyages undertaken by the order of His present Majesty,*

Mesmo sem precedentes, a quantia astronômica paga à John Hawkesworth por seu livro, foi calculada tendo por base uma pesquisa de mercado que mostrou que o livro daria lucro à editora. Considerando que cada livro custava em média duas libras e que a quantidade de pessoas alfabetizadas que tinham acesso a livros naquela época é possível perceber que a quantia recebida era bastante grande. Ainda assim, o valor pago à Hawkesworth foi menor do que o que a compilação rendeu à editora pelas vendas. Outras coleções do tipo já haviam sido publicadas e tiveram boa aceitação do público. Por isso, o montante tão alto pago ao autor uma vez que a coletânea colocava lado a lado autores já bastante lidos e procurados pelo público, como era o caso de Lord Byron e Capitão Cook. Neste período também aumentava o interesse pelo hemisfério sul e, com isso, aumentavam as publicações que versavam sobre esta parte do globo. Não apenas os livros de Graham, mas a posterior biografia de Lorde Cochrane, assim como livros de outros autores sobre partes diferentes da América. O interesse pela América do Norte também crescia. Embora trabalhos como *Women on the Margin*, de Natalie Zeamon Davis nos mostrem que mulheres já cruzavam o oceano rumo às Américas desde o século XVII com objetivos distintos e que escreviam não apenas obras de viagem. Tendo isso em vista, é possível afirmar que as vendas de livros de viagens eram consideráveis, pois o número de publicações era crescente no século dezoito e mais ainda no dezenove – no final do XIX, autoras como Isabela Bird conquistaram o público com viagens ao oriente desconhecido.

Inúmeras das viagens que se tornaram livros posteriormente, foram patrocinadas pelo governo pois tinham como objetivo a exploração econômica, questões militares, ou assuntos políticos. As famílias mais abastadas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, mandavam seus filhos homens em viagens para o continente Europeu, principalmente para a Itália e para a França. Este início do turismo também estimulou as vendas de livros de viagens, especialmente daqueles que tratavam de lugares considerados exóticos como a Índia, ou mesmo lugares na Europa como a Itália e a Grécia. Os livros de Laurence Sterne, *A sentimental Journey* e *Remarks on several parts of Italy*, por exemplo, era

---

for making discoveries in the Southern hemisfere and successively performed by Commodore Byron, Captain Wallis, Captain Cartet and Captain Cook (1773). This handsome three-volume quarto earned its compiler the unheard sum of £6.000. David Hume had received for the first two volumes of his History of England (1754), Johnson had been paid £1.575 for his Dictionary (1775) and William Robertson had received £3.400 for his Charles V (1769). (Rogers in Suarez and Turner, 2009, pp. 786)

comum na biblioteca dos jovens que faziam turismo pelo velho continente. De acordo com Thompson, embora o turismo não seja o foco do trabalho,

No começo do período [o longo século dezoito], a única forma de turismo amplamente praticada era o que foi apelidado no final do século XVII como 'Grand Tour': o que quer dizer, uma visita estendida, durando as vezes dois anos para o continente europeu, especialmente para França e Itália. Este era um rito de passagem para muitos jovens homens da aristocracia. Os objetivos e etos desse Grand Tour são bem exemplificados em *Remarks on several parts of Italy*, de Joseph Addison (1705) que por muitos anos foi o manual para quem fazia o Grand Tour.<sup>60</sup>

Outro aspecto que contribuiu para o aumento das vendas dos livros de viagem foi o crescimento da importância da ciência. Alguns autores viajavam, com ou sem patrocínio, para estudar a natureza de lugares pouco comum para o público inglês dos séculos dezoito e dezenove. Este é o caso de Charles Darwin em sua viagem pelas ilhas Galápagos, o que aliava a curiosidade para com assuntos relacionados à natureza ao interesse pelo hemisfério sul. Além disso, Darwin contou com a ajuda de desenhos feitos por Maria Graham em sua viagem ao Chile para codificar algumas das plantas locais<sup>61</sup>.

Alguns dos livros, porém, foram patrocinados indiretamente pelo governo. É o caso, por exemplo, do livro de Graham, *Diário de uma viagem ao Brasil*, cuja viagem que deu origem ao livro, assim como as outras publicações de viagem de Maria Graham, foi em missões oficiais do governo britânico. Na edição citada anteriormente, a jornada se deu com objetivos militares nas lutas pela independência nas Américas Portuguesa e Espanhola e Graham veio acompanhando o marido, o capitão Thomas Graham à bordo da fragata Dóris. O mesmo havia acontecido nas publicações anteriores sobre a Índia<sup>62</sup>, que lançaram a autora aos leitores ingleses, e sobre a Itália<sup>63</sup>. Os livros da autora eram

---

<sup>60</sup> Livre tradução de: At the beginning of the period [the long eighteenth century], the only form of tourism widely practised was what had been dubbed in the late seventeenth century the 'Grand Tour': that is to say, an extended visit, lasting sometimes two years, to the European continent, and especially France and Italy. This was a rite of passage for many young male aristocrats. The ethos and aims of the Grand Tour are well exemplified in Joseph Addison's *Remarks on several parts of Italy* (1705), which for many years became a virtual handbook for the Grand Tourist. (Thompson, 2011)

<sup>61</sup> Ver Akel, 2007.

<sup>62</sup> As publicações da autora sobre a Índia se diferenciam das outras por ela não ser casada no início da jornada. Ela foi acompanhando o pai, Capitão Thomas Dundas e se casou com o então marinheiro Thomas Graham durante a viagem. Em todo caso, os dois livros sobre o país foram escritos em função de expedições britânicas.

<sup>63</sup> O livro sobre a Itália não foi tão bem aceito pelos leitores pois havia muitas publicações sobre o país.

melhor recebidos pelo público quando tratavam de lugares diferentes do padrão, como é o caso dos livros sobre a Índia e sobre o Brasil e o Chile. O exotismo dos lugares descritos por Graham, que no caso da América Latina em geral e do Brasil em particular ganhavam contornos diferenciados, podem explicar o sucesso do livro. Ao escrever sobre a colônia britânica, ela se lançou no mundo da literatura e conquistou um público cativo, composto em sua maioria por mulheres, já que o formato que ela escrevia, diários ou cartas, era mais consumido por mulheres<sup>64</sup>. Os números de venda de seus livros foram perdidos, porém, caro leitor, alguns dos valores puderam ser recuperados em artigos de jornal, como os que se encontram em suas cabines e que já discutimos acima<sup>65</sup>.

Voltaremos agora à indicação dos livros, porém agora com o foco nos preços. O *Diário de uma residência na Índia*, por exemplo, publicado em “quarto, ilustrado por numerosas gravuras”<sup>66</sup> chegou ao público com o valor de £1. 11s 6d. Já o *Diário de uma viagem ao Brasil*, “em um volume quarto, com gravuras, preço £2, 2s”<sup>67</sup>. A diferença nos valores, quase o dobro da primeira publicação para a segunda, pode ser explicada a partir de duas perspectivas: a primeira diz respeito ao tempo decorrido da primeira para a segunda publicação; a segunda dá-se em função de que agora, Maria Graham já era uma escritora conhecida e por isso o preço deveria ser maior. Também é possível que os dois vieses sejam verdadeiros. Outros livros publicados na mesma época tinham preços menores que o livro sobre o Brasil, porém menores que aquele que descreve a Índia. Podemos pensar com isso que embora a autora tenha sido valorizada no decorrer dos anos, seu livro ainda era acessível a uma boa parte de seus leitores. Como já estamos familiarizados com o interesse britânico nas narrativas de viagem, também em função de seu preço, retornaremos aos jornais de suas cabines e analisaremos duas críticas publicadas sobre o livro da viajante inglesa sobre o Brasil.

---

<sup>64</sup> Ver Thompson 2007.

<sup>65</sup> Os jornais e cartas utilizados para tal afirmação encontram-se descritos nas referências bibliográficas.

<sup>66</sup> Livre tradução de “in quarto illustrated by innumeros engravings”.

<sup>67</sup> Livre tradução de “in one volume 4to with engravings, price L2, 2s., boards Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the year 1821, 1822 and 1823; including an Account of the Revolution which brought about the independence of the Brazilian Empire. By Maria Graham, author of ‘Residence in India’ &c.&c.”

### 1.3 Entre jornais e tablóides: as redes sociais em torno do livro de Graham

Antes da internet, as redes sociais eram formadas em todos os pontos de encontro, fossem de pequenas cidades ou de grandes centros. E nessas formações sociais, a informação circulava. Segundo Rober Darnton, “a informação permeou toda a ordem social desde que os homens começaram a trocar sinais”<sup>68</sup> Assim os livros, como fonte de informação também criavam redes sociais, como nos artigos de jornal que analisaremos a seguir.

Os livros de Graham apareceram em circunstâncias diferentes em jornais, geralmente em propagandas como as citadas anteriormente. Todavia, eles também serviram de fonte para alguns artigos sobre a independência do Brasil, ou sobre escravidão no país. E ainda foram feitas críticas especificamente sobre o *Diário de uma viagem ao Brasil*, como veremos à seguir, no artigo sobre o livro e sobre os costumes brasileiros descritos nele, publicado na segunda feira, 3 de maio de 1824, portanto apenas alguns dias após o lançamento do livro, pelo jornal escocês *Caledonian Mercury*. Pedimos licença, caro leitor, pois trata-se de uma citação tão longa quanto necessária. Afinal toda ela trata do *Diário de uma viagem ao Brasil*. Vamos dividir a passagem em três partes e o original em inglês encontra-se em nota ao final da última parte da transcrição.

#### DIÁRIO DE UMA RESIDÊNCIA NO BRASIL; DE MARIA GRAHAM

Longman & Co.

Nós estávamos no escuro quanto ao estado das colônias da América do Sul, a Espanhola assim como a Portuguesa, durante a sua interessante luta com a pátria mãe; mas a luz nos chega agora de diversas frentes. Os diferentes viajantes que visitaram estes países e testemunharam seus esforços na causa da independência agora estão dando estas informações ao público; com esta ajuda nós agora estamos a discernir claramente a natureza das transações que ocorreram e estimar os recursos e visões das duas partes que agora lutam pela ascendência. O livro do Capitão Hall continha uma visão muito apta e satisfatória do estado dos negócios na América Espanhola; e o presente trabalho é igualmente satisfatório quanto ao estado do Brasil. A autora, Senhora Graham já é conhecida do público por seus outros trabalhos; e sua capacidade de observação e por suas vívidas delineações de cenário e costumes, tem sido grandemente aceita. Ela acompanhou seu marido, Capitão Graham, da fragata Dóris ao Brasil e ao Chile; e o presente trabalho se dedica inteiramente ao primeiro país, ao sentimento político do povo, seus costumes, o estado do desenvolvimento e muitos outros particulares coletados quando o navio aportou diferentes portos.

---

<sup>68</sup> Darton, 2010. Pp 07.

Embora o artigo comece dizendo que os britânicos não tinham informações sobre os acontecimentos da América Latina, os jornais da época, traziam algumas notícias esporádicas sobre esta parte do Novo Mundo. Geralmente estes comunicados não se davam através de um correspondente, mas eram traduzidos de jornais brasileiros vindos principalmente do Rio de Janeiro e de Salvador. O que ocorria, porém é que estes periódicos eram muito tendenciosos ou para o lado de Portugal ou para o dos brasileiros que buscavam a independência. Talvez seja por isso a referida escuridão sobre os fatos de além mar. O fato de os escritores dos livros citados no parágrafo terem estado nos lugares mencionados, dá credibilidade aos autores, embora eles também tenham tomado partido. Como veremos nos capítulos 2 e 3, Maria Graham não se preocupa em esconder sua preferência pelo lado dos brasileiros e, mais especificamente, de Dom Pedro na luta pela independência do Brasil. O trecho demonstra também a ideia de que neste período já existe um povo brasileiro, que tem demandas próprias, não necessariamente as mesmas da metrópole portuguesa. Além disso, há a sugestão de que a autora já é conhecida do público e que o livro é um repositório de informações pois elas foram coletadas *in loco*, sendo assim confiáveis<sup>69</sup>. Em seguida o artigo trata das condições brasileiras quando a autora chega ao país.

A Dóris aportou em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, em um tempo em que estes lugares estavam fermentando politicamente, com a crise que determinou o a sorte do país. A senhora Graham descreve o sentimento universal das pessoas a favor da independência – seu ódio à tirania de Portugal e o tratamento hostil da parte das Corte Portuguesas, sendo violentos e invadindo todas as classes. O príncipe Don Pedro, agora declarado Imperador do Brasil, de acordo com Senhora Graham, e, de fato, de acordo com seus atos recentes, simpatiza sinceramente com o sentimento do povo e parece ser um rei constitucional, ansioso por governar de forma justa, por reformar a corrupção inveterada que há muito invadiu todos os ramos do serviço público e, para um olhar mais aguçado, muitas instituições privadas, como hospitais e outros estabelecimentos de caridade, onde prevalecem todos os tipos de abuso. Quando ele assumiu o reino, as finanças estavam em grande desordem – o tesouro vazio – o crédito estava em decadência – as províncias estavam desorganizadas e, para somar a todos estes males, o país estava ameaçado por tropas Portuguesas, para submetê-lo ao prévio jugo à pátria mãe. Não havia exército ou marinha, e o que era pior, não havia dinheiro para pagá-los, mas em meio à todas estas dificuldades o *príncipe patriótico* não estava desencorajado, mas com vigor dedicou-se à sua tarefa de reformar o país; ele foi um exemplo da mais rígida economia, reduziu as despesas da sua corte em 20.000 libras por ano; e por infundir este espírito à sua volta, ele rapidamente restaurou as finanças e melhorou a receita de seis ou sete milhões de cruzados, montante durante a administração de seu pai, para 12 ou 13 milhões. Na formação da marinha, ele teve grande ajuda de Lorde Cochrane, que se destacou nos ataques aos esquadrões portugueses, embora tenha dobrado

---

<sup>69</sup> Lembramos aqui que o termo confiável se refere ao pensamento da época, não representando a nossa visão. Não consideramos que a informação seja confiável apenas por ter sido transmitida por alguém que foi testemunha ocular de um evento.

a força com seus homens e pela sua calma única e por sua intrépida ousadia. A província do Maranhão também foi tomada pelas ações de Lorde Cochrane. O país foi então unido em um grande império independente e, pelos relatos da senhora Graham, toda a esperança de ser novamente dependente de Portugal era vã. Os habitantes entendiam e valorizavam seus direitos adquiridos e estão prontos a desembainharem as espadas em sua defesa; e Portugal também não tem força para obter sucesso em nenhuma tentativa de retomá-los. (grifo nosso)

A tomada de partido tanto de Graham, quanto do *Caledonian Mercury*, que é fiel ao livro, ficam evidentes nesta passagem, já que o foco do parágrafo é o fato de o príncipe salvar o país da tirania portuguesa. Esta questão da tirania se alia à ideia de revolução do anúncio do livro, já que a partir desta revolução será possível uma mudança de governo no Brasil. Podemos perceber ainda a sutil inclusão de um inglês como um dos heróis da independência brasileira, para gerar empatia com os leitores, mostrando que os ingleses são generosos e ajudam outros países a se estabilizarem frente à dominação de metrópoles.

Também se nota uma questão tendenciosa no artigo, assim como no livro, ao falar sobre a independência brasileira, pois os ingleses estavam ajudando neste processo. Graham tinha um interesse pessoal, como veremos no capítulo 3, em transformar a figura de Dom Pedro no libertador do Brasil. O artigo seguindo a inclinação da autora, também o coloca como *o príncipe patriótico*, que é a única opção possível para salvar o país. A ajuda inglesa vinha em algumas frentes, como com o conhecimento de Lorde Cochrane sobre marinha e estratégia militar que auxiliaram nos conflitos na Bahia e na retomada do Maranhão, ou no auxílio na formação da marinha do país. O interesse britânico neste processo também tinha um viés de mercado, visto que eles estavam expandindo suas áreas de comércio e com a independência do Brasil, eles não precisariam dos portugueses para fazer negócio no país, o que gerava um mercado grande, dadas as proporções territoriais brasileiras<sup>70</sup>.

O lorde em questão, como vimos anteriormente, era amigo próximo de Graham, e foi responsável tanto pelo seu retorno ao país quanto pela sua aproximação com a família real. A representação dele no livro como alguém que teve um papel de suma importância no processo de independência do Brasil é esperada. O artigo, seguindo a tendência do livro, também o coloca como um dos pilares para a libertação do Brasil. O próximo trecho

---

<sup>70</sup> Ver Silva Maria Graham e a influência britânica no Brasil, 2009.

trata das dificuldades que o novo governo encontrará, principalmente no que se refere à escravidão.

(...)

Será difícil para o governo brasileiro se livrar deste grande mal [a escravidão] e enquanto isso, eles estão carregando o tráfico negreiro com grande vigor. Em 1821, de acordo com o relato obtido pela senhora Graham, 21.199 escravos foram importados pelo Rio de Janeiro, e em 1822, 24.934. Nada pode parar este mal, mas a difusão do conhecimento, a imprensa livre, que agora está estabelecida por todo Brasil, pode reprimi-lo – eles serão diariamente contraídos num círculo menor –, o tom geral da sociedade será melhorado e os abusos da escravidão que antes não chamavam atenção, enfim cairão ante o crescimento do conhecimento e da moralidade da geração que ascende, ajudado, como esperamos que a voz do povo deve ser, pelo governo. Para concluir, este trabalho da senhora Graham é divertido e popular; e certamente preenche o espaço no nosso conhecimento destes países, nos dando não apenas uma noção mais precisa do que se passou por lá, mas das características daqueles que alcançaram este resultado.<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> Livre tradução de JOURNAL OF A RESIDENCE IN BRAZIL; BY MARIA GRAHAM Longman & Co. We have been kept in the dark as to the state of the South American Colonies, Spanish as well as Portuguese, during their interesting struggle with the mother country; but light is now braking in upon us from various quarter. The different travellers who have visited those countries, and witnessed their exertions in the cause of independence are now giving their information to the public; the help of which we are now enabled to discern clearly the nature of the transactions which have taken place and to estimate resources and the views of the two parties who are now struggling for the ascendancy. Captain Hall's work contained a very able and satisfactory view of the state of affairs in the Spanish America; and the present work is equally clear and satisfactory as to the state of Brazil. The writer, Mrs. Graham, is already known to the public by her other works; and her capacity for observation, and for lively delineations of scenery and manners, has been generally admitted. She accompanied her husband Captain Graham, of the Doris frigate to Brazil, and Chili; and the present work relates entirely to the former country, to the political sentiments of the people, their manners, the state of improvement and various other particulars collected as the vessel touched at the different ports. The Doris touched at Pernambuco, Bahia and Rio de Janeiro, at which time those places were in a political ferment, the country being then in the crisis of its fate. Mrs. Graham describes the universal sentiment of the people to be for independence – their hatred of the tyranny of Portugal, and their recent ill treatment by the Portuguese Cortes to be violent, and to pervade all classes. The Prince Don Pedro, now declared Emperor of Brazil, according to Mrs. Graham, and indeed, according to his own decided acts, sincerely sympathizes in all those sentiments of the people, and really appears to be a constitutional King, anxious to rule justly, to reform the inveterate corruptions which in Brazil had long pervaded every branch of the public management, and even to extend his inquiring eye to many private institutions, such as hospitals and other charitable establishments, where every species of abuse prevailed. When he assumed the reins of government, the finances were in greatest disorder – the treasury as empty – credit was at lower ebb – the provinces were disorganized – and, to add to all these evils, the country was threatened by Portuguese troops, with subjection to its former yoke under the mother country. There was neither army nor navy, and what was worse, there was no money to pay them; but in the midst of all these difficulties, this patriotic Prince was not discouraged, but with vigour set about the task of reformation; himself an example of the most rigid economy, he reduced the expenses of his court within L.20.000 per annum; and by infusing the same spirit in all around him, he quickly restored the order in the finances, and improved the revenue from six or seven million of cruzadoes, its amount during his father's administration, to 12 or 13 millions. In the formation of a navy he has been greatly aided by Lord Cochrane, who greatly distinguished himself in his attacks on the Portuguese squadron, though doubled the strength of his own, by his singular coolness, and daring intrepidity. The province of Maranhão was also reduced by the seasonable and well digest measures of Lord Cochrane. The country has thus been united into one great independent empire, and, from Mrs. Graham account, all hope of ever bringing it again into any dependence on Portugal must be utterly vain. The inhabitants understand and value the rights they have acquired and they are ready to draw their swords in their defence; nor has Portugal any force that would have the least

A questão da escravidão é outra categoria importante do artigo, pois a questão era muito importante para os ingleses, que defendiam que este modelo de trabalho era caro e ineficiente, frente à mão de obra assalariada. Este argumento emprestado de Adam Smith, mostra que tanto Graham, como o autor do artigo buscam participar do debate sobre a abolição. Com isso, podemos considerar que tanto o livro de Graham quanto este artigo são documentos antiescravidão. E, embora no livro não seja citado nenhuma forma de combater a escravidão, as crueldades relatadas pela autora ao tratar da escravidão e os dos escravos são amplamente noticiadas no livro<sup>72</sup>, seja quando a autora fala da crueldade de uma senhora ao espancar sua jovem escrava numa rua de Pernambuco, ou da desumanidade dos senhores ao libertarem os escravos velhos e doentes para morrerem à própria sorte. Essa visão da escravidão parte do pensamento abolicionista inglês da época, como veremos mais à fundo no capítulo 3, de que eles seriam os mediadores da liberdade no mundo. Por último, por meio desta crítica, podemos pensar que o livro teve uma boa aceitação, pelo menos na Escócia, onde o jornal circulava. Por outro lado, podemos considerar que este artigo era uma estratégia de divulgação do livro, pois faz uma propaganda do livro. Também é possível perceber que havia interesse nos assuntos relacionados à América, tanto espanhola quanto portuguesa, uma vez que estes assuntos foram mais discutidos no artigo que o próprio livro – embora todas as informações dadas sobre o Novo Continente no artigo tenham saído do livro de Graham.

O artigo reproduz os sentimentos de Graham sobre o Brasil: quando fala sobre o quanto o país prosperou nos últimos tempos, principalmente após a emancipação frente à Portugal, sobre como a economia prosperou com as medidas tomadas pelo novo soberano ou quando trata a escravidão com dureza, tratando-a como “o grande mal”, todos estes

---

chance of success in any attempt to reduce them. (...) It will be difficult for the Brazilian Government to rid society of this great evil; and in the mean time they are carrying on the slave trade with great vigour. In 1821, according to an account procured by Mrs. Graham, 21,199 slaves were imported into Rio de Janeiro, and in 1822, 24,934. Nothing can stop this evil but the diffusion of knowledge; and the free press, which is now established all over Brazil, may be repressed – they will be daily contracted within a narrower circle – the general tone of society will be improved; and the abuses of slavery which before excited no attention, will at last fall before the increasing knowledge and morality of the rising generation, aided, as we may expect the public voice to be, by an enlightened government. To conclude, this work by Mrs. Graham is amusing and popular; and it certainly fills up a blank in our knowledge of these countries, giving us not only more precise notions of what has taken place there, but of the characters of those by whom the result has been accomplished.

<sup>72</sup> Isadora Eckardt da Silva, no artigo *A literatura de viagem de Maria Graham* (2009), diz que aparecem dezessete relatos de escravidão no livro de Graham, todos eles sem menção direta aos interesses econômicos ingleses. Aqui, porém vimos que os interesses não precisam ser citados pontualmente para serem utilizados no mercado editorial.

são pensamentos que a autora apresenta em seu livro e que mostram um olhar diferente do dos livros de história da época<sup>73</sup>. Mesmo do livro de Robert Southey, escolhido pela autora para a introdução<sup>74</sup>, os fatos são narrados com um distanciamento maior, embora Southey tenha viajado ao Brasil durante a sua pesquisa, a forma do diário traz um olhar diferenciado, já que o diário mostra o dia a dia local e como as pessoas reagem aos fatos históricos narrados durante o livro. Com isso, consideramos que o livro era uma propaganda, tanto abolicionista. Era também uma forma de tonificar a importância da independência do Brasil com um fortalecimento da imagem de Dom Pedro como um liberal, embora não possamos considerar por meio da narrativa de Graham que ele tivesse tendências abolicionistas

Assim, consideramos, que a reportagem duplica o pensamento da autora, em todas as questões importantes, como independência, escravidão e costumes dos brasileiros. Este artigo, portanto, exalta o livro, usando adjetivos como “satisfatório” ao se referir à análise dos eventos de independência narrados pela autora, e “divertido e popular” para fechar o artigo e chamar o público para a leitura do livro, dizendo também que ele é um bom meio de adquirir conhecimento sobre os eventos aqui passados.

Nem todos, porém, foram tão generosos ao tratar do livro de Graham. Um outro artigo publicado na terça-feira, dia três de junho de 1824 na revista *The Scots Magazines*, copia grande parte da crítica do outro jornal, porém por ter mais espaço que o último faz uma análise mais detalhada do livro, atendo-se à detalhes que passaram despercebidos pelo *Caledonian Mercury*. O artigo não será reproduzido na íntegra aqui em função do seu tamanho extenso. A primeira crítica dura que a revista faz ao livro de Graham diz respeito à introdução do livro, onde a autora faz um resumo da história do Brasil a partir do livro *History of Brazil*, de Robert Southey. Diz o artigo:

A senhora Graham prefaciou o diário com uma longa introdução, contendo a história do Brasil desde a sua primeira ocupação pelos europeus, que é tanto desnecessária quanto entediante. Nós todos sabemos a história destas transações passadas e se quisermos mais informações, sabemos onde encontrá-las. Então não há necessidade de dificultar todo novo trabalho sobre o Brasil com um relato de sua história passada.<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> A escravidão e a política no Brasil, retratadas por Graham, serão analisadas mais à fundo no capítulo 3.

<sup>74</sup> A escolha do livro de Southey será discutida no capítulo 2.

<sup>75</sup> Livre tradução de: Mrs. Graham has prefaced her journal with a long introduction, containing the history of Brazil from its first occupation by Europeans, which is both unnecessary and tedious. We all know the

Assim, vemos que o diário não foi recebido tão abertamente pela crítica especializada da época. A necessidade da introdução, especula-se, vinha da falta de credibilidade que as mulheres enfrentavam na sociedade ao falar sobre alguns assuntos tradicionalmente masculinos para a sociedade inglesa da época, como política, economia e ciência.<sup>76</sup> No diário sobre o Chile, por exemplo, país que Graham visitou, ou melhor, residiu entre suas duas passagens pelo Brasil, ao descrever a natureza local, ela diz que gostaria de conhecer melhor sobre flores para poder dar opiniões mais acuradas sobre a flora chilena<sup>77</sup>. Porém é sabido que seu conhecimento acerca de flores e plantas em geral era considerável, já que botânicos posteriores à ela só puderam concluir suas pesquisas sobre a flora sul americana graças às plantas coletadas por ela e também aos seus desenhos – após o seu segundo casamento, ela se dedicou mais ao estudo da botânica<sup>78</sup>. Ao falar sobre política, economia e sociedade, porém, ela era mais ousada, apenas manifestando seu descontentamento com as limitações impostas às mulheres ao quererem frequentar certas bibliotecas e algumas sessões da câmara local. Ainda assim, a decisão de incluir o relato de Southey em sua introdução é uma forma de se afirmar frente aos leitores. Ela admite ter lido as mesmas fontes de Southey, e se refere a ele em alguns momentos no diário, quando passa a frequentar assiduamente a biblioteca do Rio de Janeiro<sup>79</sup>. Assim, Graham usa o livro de Southey, e é fiel a ele, para dar legitimidade ao seu trabalho, embora o autor desta crítica considere isso desnecessário.

Esta análise de *Journal of a voyage to Brazil* é desenvolvida, como dito anteriormente, ao longo de muitas páginas e segue a estrutura do livro, ou seja, depois de falar sobre a “desnecessária” introdução, discorre-se sobre a primeira e a segunda passagem da autora pelo Brasil, explicando que entre as suas duas estadias ela ficara viúva e que seu regresso ao país se deu na companhia de Lord Cochrane. Ao tratar das duas passagens, o exame é

---

history of those past transactions; and if we want further information, we know where to find it; so there is no necessity for encumbering every new work on Brazil with an account of its past history.

<sup>76</sup> Thompson, 2011.

<sup>77</sup> GRAHAM, Maria. *Journal of a residence in chile*, 1824.

<sup>78</sup> Ver Johnson 2011.

<sup>79</sup> Este assunto será melhor trabalhado no capítulo 2.

mais benevolente, apenas relatando a frieza da autora ao tratar dos costumes e modos baianos. Ao final do artigo, é feito um balanço do que o livro oferece,

Ao todo, nós pensamos que é evidente neste trabalho, que a independência do Brasil está sobre bases sólidas na opinião popular. Não parece de nenhuma forma provável que ele vá voltar ao jugo anterior; e por lá houveram alguns relatos e suposições, como se a França estivesse criando intrigas sobre os esquemas da Santa Aliança, ainda que, a não ser que uma grande força militar fosse enviada, nós estamos convencidos que nada mais seria útil. Se Don Pedro, o Imperador, estivesse tentando re-impor o jugo de Portugal sobre o país, ele poria em risco sua coroa e sua cabeça; ele ascenderia uma chama que consumiria toda a realeza. Onde as pessoas não estão dispostas a entrar em esquemas com seus governantes, elas devem ser obrigadas. Mas o imperador brasileiro não tem meios para forçá-los, mesmo se ele estivesse inclinado a isso; e se não há força portuguesa alguma que poderia cumprir tal dever – enquanto ajuda estrangeira de um lado exigiria também ajuda estrangeira do outro e a Grã-Bretanha não permitiria que a França interviesse nos assuntos do Brasil. Se algo deste gênero acontecesse, ela se jogaria em peso no outro lado; e neste caso pouco seria o ganho para os interesses da Santa Aliança. Em suma, a bandeira da liberdade e da independência tremula sobre todo o continente da América do Sul e nós não vemos nenhuma chance de revolução desfavorável nos assuntos deste vasto país.<sup>80</sup>

Vemos com isso que, apesar das críticas acerca da introdução do livro, o exame do livro é positivo de maneira geral e, segundo eles, traz informações precisas sobre o estado geral da situação política brasileira, sem chance alguma de uma nova dominação portuguesa, o que era de total interesse da Grã-Bretanha – embora esta informação não seja dada no livro. Graham faz ainda, como veremos no capítulo 3, uma exaltação a Dom Pedro colocando-o no papel de salvador dos brasileiros. Vemos ainda a construção de uma imagem do povo brasileiro consciente, o que não necessariamente é verdade, porém atrai o público inglês. As outras entradas em periódicos de 1824 sobre a publicação de Graham, encontradas e analisadas, são pontuais sendo apenas anúncios sobre a edição, como aquele que vimos no início do capítulo. Este anúncio foi publicado durante aproximadamente 4 meses em jornais diferentes em toda a Grã-Bretanha, desta forma,

---

<sup>80</sup> Livre tradução de: On the whole, we think it is evident from this work, that the independence of Brazil stands on the solid basis of popular opinion. It does not by any means seem probable that it will ever return under its former yoke; and though there have been some late surmises and reports, as if France were intriguing in that quarter to forward the schemes of the Holy Alliance, yet, unless a large military force were sent, we are convinced that nothing would avail. If Don Pedro, the Emperor, were attempting to re-impose the yoke of Portugal on the country, he would risk his crown and his head; he would kindle up a flame that would consume royalty altogether. Where the people are unwilling to go into the schemes of their rulers, they must be forced; and there is no Portuguese force that could accomplish such service; – while foreign aid, on the one side, would call forth foreign aid on the other, since Great Britain would not allow France to interfere in the affairs of Brazil. If anything of this sort were attempted, she would throw her own weight into the opposite scale; and in this case little would be gained for the interests of the Holy Alliance. In short, the banner of freedom and independence waves over the whole continent of South America, and we do not see the least chance of any unfavourable revolution in the affairs of this vast country.

podemos inferir que o livro teve uma boa circulação, pois outros anúncios de livros da mesma época circularam menos tempo.

Os periódicos não eram o único meio para se falar sobre um livro no século XIX. Eles também eram comentados por meio de cartas e no boca-a-boca cotidiano. Segundo Robert Darnton, antes da popularização dos livros impressos, existiam na França, verdadeiras redes de comunicação social. Poesias, principalmente, eram passadas de uma pessoa para outra, elas memorizavam os textos e passavam o papel adiante. Isso aconteceu particularmente durante a Revolução Francesa, quando a polícia perseguia aqueles que tinham alguma coisa contra a gestão governamental. Assim, caro leitor, redes sociais não são invenções recentes. Existiam muito antes da invenção da internet e do enorme manancial de enghocas eletrônicas criadas para navegar na rede. Eram uma realidade no Antigo Regime francês e provavelmente também em outros lugares. Existiam ocultamente para dar publicidade à ideias e textos perseguidos pelo governo<sup>81</sup>. Segundo Darnton, “eram [os poemas] copiados em tiras de papel, trocados por outras tiras de papel do mesmo tipo, ditados para mais copista, memorizados, declamados, impressos em panfletos clandestinos e em certos casos adaptados para melodias populares e cantados.”<sup>82</sup> Todavia as redes sociais não existiam apenas para “contrabandear” textos políticos e poesias, conjuntamente, elas comentavam textos de outras pessoas, livros, artigos de periódicos entre outros. Infelizmente, o que resiste ao tempo são os documentos escritos, perdendo-se os comentários orais que não foram reproduzidos em cartas, ou qualquer outro documento escrito. Assim, uma publicação podia ser aclamada ou depreciada pela opinião pública por meio das “redes sociais” que se formavam à sua volta. As obras seriam comentadas em lugares públicos e privados, existindo muito além de sua materialidade.

Conforme vimos anteriormente, a literatura de viagem contribuía para a formação de cadeias de comunicação, pois relatava acontecimentos de alhures e incitava a busca de conhecimento. A teia que se formava em torno dos livros incluía do mesmo modo publicações de viagem, assim o livro de Graham também foi comentado em cartas. As

---

<sup>81</sup> Ver Darnton, 2010.

<sup>82</sup> Darton, 2010, pp. 16.

cartas<sup>83</sup> em geral traziam um tom elogioso ao tratar da publicação da autora, por se tratar de um livro que trazia muitas informações relevantes sobre uma realidade pouco conhecida e que poderia influenciar os rumos do comércio britânico. Um relato de alguém que esteve presente durante os conflitos de independência e que conviveu tão proximamente com a família real brasileira e que diz em seu prefácio que se não será contada “toda a verdade”, relatará “nada além da verdade”<sup>84</sup>.

Apesar da maioria delas serem elogiosas, algumas tratam dos problemas do livro, como a grande introdução à história do Brasil que foi desenvolvida a partir dos escritos de outra pessoa e a falta de envolvimento da autora com os problemas do país. Com isso, a rede social desenvolvida a partir do livro, que envolve as correspondências e os artigos de jornal, além do que era falado sobre o livro e que é impossível de recuperar, pode ser considerada positiva, já que as críticas em geral são positivas, com questões pontuais sobre o estilo de escrita da autora. Desta forma, pode-se afirmar que o livro foi, em alguma medida, um sucesso de público, pois todos os documentos que se reportam à ele tecem algum tipo de elogio. Chegamos, assim, caro leitor, ao fim desta primeira escala. Na próxima paragem nos dedicaremos ao livro propriamente dito e suas nuances.

---

<sup>83</sup> As cartas às quais tive acesso foram as descritas por Regina Akel em *Maria Graham: a literary biography* e por Rosamund Brunel Gotch em sua biografia sobre a autora. As cartas originais não estão digitalizadas e encontram-se em bibliotecas espalhadas pela Grã-Bretanha, não sendo possível o acesso às correspondências originais para a continuidade da pesquisa.

<sup>84</sup> Livre tradução de: *If I cannot tell all the truth, I will say nothing but the truth.*

## 2. O QUE VAI, O QUE FICA: O PROCESSO DE MONTAGEM DO LIVRO

Nesta segunda escala, vamos nos dedicar à análise das questões específicas do diário começando pela estratégia narrativa escolhida pela autora, considerando que já conhecemos um pouco de sua biografia, como a sua aproximação com os Imperadores do Brasil, de seu público e da crítica que obtivera com o livro, que assim como ela era abolicionista. Quando visamos a publicação de um diário, um fio condutor deve ser criado. “Criação” esta é palavra que vai reger este capítulo. Vamos falar aqui de como Maria Graham editou os eventos narrados em seu *Journal of a Voyage to Brazil*, e de como isso é flagrado em algumas passagens e documentos, como em cartas trocadas entre ela e seu editor ou mesmo nas notas escritas por ela em sua cópia do livro. O fato de ela ter editado o diário, não quer dizer que a autora não tenha vivido os eventos expostos, mas que a apresentação dele foi alterada para alcançar um objetivo, compor um argumento. Além disso, diário de viagem é um gênero narrativo que estava em ascensão no mercado literário neste período. Verificamos desta forma que ela tem uma pauta muito bem definida ao publicar este livro: é um livro com teor abolicionista e que visa transformar Dom Pedro no libertador do Brasil.

Encontramos um contratempo ao buscar quais foram as alterações feitas por Graham para a publicação do livro, já que não temos o diário original da autora, temos o que ela chamava de *diário copiado*<sup>85</sup>. Nesta cópia, ela omite algumas passagens por serem muito pessoais ou por não terem muita relevância para publicação. Temos com isso uma confissão da montagem do livro, além dos indícios e traços deixados por ela no decorrer da narrativa. Assim, a comparação entre os escritos feitos durante a sua viagem de fato e os que foram lançados ao público torna-se inviável. Com isso, o que faremos aqui é um trabalho quase de detetive, buscando as evidências deixadas pela autora, como fez Natalie Zeamon Davis em trabalhos como *O retorno de Martin Guerre e Nas margens*<sup>86</sup>. Utilizaremos, da mesma forma que Davis, o entorno da obra para analisar como ela foi montada e pensada, palavra por palavra por Graham. Com esta análise conseguiremos então entender qual era o objetivo da autora ao editar este livro: queria ela passar algum

---

<sup>85</sup> MAVOR, 1993. Pp. XIII.

<sup>86</sup> Estes são os títulos das traduções para o português, as versões utilizadas no trabalho, contudo são as originais, portanto, *The return of Martin Guerre*, 1983 e *Women on the margin*, 1997.

tipo de mensagem aos seus leitores? Antes disso, porém precisamos entender o que é o diário enquanto gênero literário e como Graham se encaixa neste universo.

### **2.1 Jornadas em papel: o diário como gênero literário**

Como vimos no capítulo 1, este não foi o primeiro diário que publicado da autora, antes deste ela já havia publicado o *Diário de uma residência na Índia e Três meses se passaram nas montanhas do Leste de Roma, durante o ano de 1819*. Além destes, ofereceu ainda ao *Cartas sobre a Índia e Memórias da vida de Nicolau Poussin*<sup>87</sup>. O que podemos perceber ao analisar os livros publicados de Graham antes de sua vinda ao Brasil é que ela usa predominantemente um tipo de narrativa mais íntima que impessoal, pelo formato escolhido por ela. Assim ela torna pública sua vida privada e este fato é um dos indícios que nos leva a pensar que a autora montou o diário para a publicação. Além disso, o diário enquanto gênero literário é uma forma das mulheres entrarem no mercado editorial, justamente pelo teor íntimo que ele representa. É como se assim elas estivessem se desculpando por entrarem num espaço masculino e dizendo que não tinham a intenção de fazê-lo, que escreviam apenas para si próprias, mas que alguém pensou que aqueles escritos tinham algum valor literário e por isso chegaram à publicação.

Também analisando estas obras, podemos concluir que a autora tinha o hábito de escrever diários, ainda que fosse sem pensar em sua publicação, além disso, a escrita de diários era uma prática comum no século XIX, principalmente entre as mulheres<sup>88</sup>. Chegamos a este pensamento também pois duas das quatro obras citadas são diários. Provavelmente estes também foram editados quando publicados, mas estes não são o objeto deste trabalho. Segundo Elisabeth Mavor, uma de suas biógrafas, ela tinha o hábito de escrever por pelo menos quatro horas diárias, especialmente quando estava preparando um livro<sup>89</sup>. Tendo em mente que Graham escrevia diários constantemente, passaremos agora à análise deste enquanto gênero literário.

---

<sup>87</sup> Os títulos originais das obras de Graham citadas neste parágrafo são, respectivamente: *Journal of a residence in India, Three months have passes in the mountains of East Rome, during the year of 1819, Letters on India e Momoirs of the life of Nicolas Poussin*.

<sup>88</sup> Ver Thompson, 2011.

<sup>89</sup> Mavor, 1993.

Segundo Janice L. Rush, os diários pessoais, assim como outros tipos de escrita sobre a vida são frutos da Inglaterra dos séculos XVI e XVII, pois os eventos destes tempos fez com que as pessoas começassem a problematizar seus sentimentos individuais<sup>90</sup>. Ela diz ainda que as descobertas da Renascença foram fundamentais para que os homens começassem a pensar em si próprios, tornando assim o diário, que até então tinha como utilidade fazer notas públicas, como os registros dos navios. Assim, neste período o homem voltou-se para si, pois

Uma vez que a visão do homem sobre o universo foi destruída, sua busca pela verdade começava, nada na vida do século XVII escapava ao seu exame e subsequente ruptura. As causas políticas, religiosas, econômicas e até filosóficas dessa ruptura do modo de vida estabelecido perduraram durante o reino de Elizabeth.<sup>91</sup>

Temos com isso a difusão dos diários íntimos, que posteriormente expandiriam seus domínios passando também a ser usados em viagens, como registro de impressões sobre aqueles lugares. Graham, inserida neste contexto, faz jus à produção de diários da época, embora o seu livro seja um misto de registro periódico, quando se refere a eventos políticos, relacionados ou não à escravidão, com o ponto de vista pessoal, quando ela descreve festas, jantares, a natureza e pessoas.

Diferente daqueles dos navios, que assinalavam os eventos referentes à embarcação, como tempestades, as funções dos marinheiros e afins, os diários pessoais de viagens, registravam impressões sobre os lugares, fosse sobre as paisagens e a natureza local, os costumes do povo, a sociedade ou ainda aspectos políticos, como fez Maria Graham em seu diário sobre o Brasil. Assim, ela ultrapassava os limites impostos pelo mercado editorial às mulheres e faz não apenas um registro de aspectos sociais, que seriam próprios das mulheres, mas faz também um registro político elaborado e com uma agenda definida.

---

<sup>90</sup> De acordo com Rush, “o desenvolvimento dessas formas de “escrita da vida” foi possível somente em função da combinação peculiar de eventos ocorridos nos séculos dezesseis e dezesseete na Inglaterra, pois estes eventos libertaram o homem das amarras tradicionais e ele então passou a pensar e escrever sobre seus sentimentos individuais. Livre tradução de: The development of these forms of “life writing” was possible only because of the peculiar combination of events that occurred in England in the sixteenth and seventeenth centuries, for these events freed man from traditional restraints, and he then began to think and write about his individual feelings.

<sup>91</sup> Livre tradução de: Once man’s view of the universe was destroyed and his search for “truth” had begun, nothing in seventeenth-century life escaped his examination and subsequent disruption. The general political, religious, economic, and even philosophic causes of this disruption of the established way of life were all alive during the reign of Elizabeth.

Já sabemos que os diários começaram a ser difundidos por conta da demanda criada pelo Renascimento, que fez com que os homens voltassem seus olhares para dentro e começassem a considerar seus sentimentos. Porém, como essa escrita tão pessoal passa a fazer parte do mercado editorial? Um dos caminhos possíveis para a entrada deste tipo de escrita no mundo das publicações é que elas funcionavam como uma espécie de memorial, fosse de pessoas importantes, de pessoas que viveram momentos relevantes para a história de um lugar, ou de viagens feitas para lugares distantes e desconhecidos – outras possibilidades para o ingresso dos diários no mercado editorial existem e não são excludentes, mas aqui vamos adotar esta do memorial por ser o tipo de escrita desenvolvida por Graham.

Apesar de ter seus princípios nos séculos XVI e XVII, os diários ganharam popularidade e alcance no século XIX, quando eles ganharam o grande público e passaram a fazer parte das bibliotecas e livrarias. Todos podiam escrever diários, tanto que algumas editoras publicavam livros, que mais pareciam cadernos, ou livros de notas<sup>92</sup>, em branco, apenas com as datas para que as pessoas pudessem escrever neles diariamente, algo parecido com as agendas de papel modernas. Assim, os diários se popularizaram e as pessoas registravam as mais diferentes situações nele, como pode ser visto no livro *Liberty's Dawn*, onde a autora, Emma Griffin faz um apanhado dos diários dos trabalhadores das fábricas para analisar as condições de vida e trabalho da Grã-Bretanha durante o século XIX, especialmente no que se refere aos trabalhadores das fábricas de então. Estes diários, contudo, não foram publicados à época de sua escrita – tampouco o foram agora, servindo principalmente de fonte para historiadores que desejam entender a conjuntura da vida em um determinado período.

Por não terem sido publicados, eles também não sofreram com a censura de alguns trechos, como acontece no diário de Graham. Logo, embora compartilhem o nome diário, tratam-se de tipos de escrita diferentes, pois o *Journal of a Voyage to Brazil* foi reescrito, ou copiado para usar o nome de Graham, para a sua publicação. Com isso, ela teve a oportunidade de eleger o que seria lido, podendo assim adequar sua narrativa ao que despertava a atenção do público inglês, que, como vimos no capítulo anterior, se interessava pelo debate abolicionista e pelos assuntos da América Latina.

---

<sup>92</sup> Em inglês, o nome caderno significa literalmente livro de notas.

O que estes diários, publicados ou não têm em comum é a forma: a divisão em dias, a narração em primeira pessoa e o teor íntimo e privado do relato. Em função deste teor privado, alguns relatos são mais extensos que outros: uns dias têm relatos com a extensão de três páginas ou mais, outros, não passam de uma frase ou um parágrafo, alguns dias nem possuem entradas. Isso dá ao diário um teor factual, pois mostra que assim como nos nossos dias os eventos não são constantes, já que em alguns dias temos mais atividades que outros e uma quantidade de eventos não merecem ser comentados. O ponto que difere os diários publicados dos que permanecem íntimos é a possibilidade da escolha da exclusão de um dia todo por não conter nenhum dado relevante para o público, ou a inserção de dados e documentos aos quais o acesso não seria possível no dia em que foi escrito. Ou seja, a principal diferença entre eles é a edição. Com isso em mente, passaremos agora à análise da estrutura do diário de Graham, começando por uma visão estatística do livro, ou seja, analisando o número de entradas e como elas se dividem.

## *2.2 Um diário em partes: a composição do diário para a publicação*

Antes de analisarmos as divisões das entradas, porém, passaremos os olhos pela estrutura do diário, pensando nas grandes divisões do diário – chamamos de grandes, pois ele é todo dividido em dias, ou entradas, e conta ainda com um prefácio e anexos – em algumas das escolhas da autora ao fazer estes repartimentos. O livro conta com três grandes partes, sendo a primeira uma introdução sobre a história do Brasil anterior à chegada da autora, a segunda é o relato de sua primeira visita ao país, ainda acompanhada de seu marido, e a terceira, a narração sobre a sua segunda passagem por terras brasileiras, desta vez já viúva. Ele conta ainda com quatro assuntos que aparecem repetidamente, principalmente nas duas últimas partes do livro, são eles, política, escravidão, sociedade e natureza. Seguiremos aqui a ordem do livro, apesar de sua introdução ter sido escrita após as duas estadias da autora no país, assim, passaremos agora ao exame da introdução do livro.

A introdução foi feita com base no livro *History of Brazil*, de Richard Southey, historiador inglês que foi o primeiro a se debruçar sobre o capítulo brasileiro da história de Portugal, já que quando ele começou a estudar o Brasil, este ainda era colônia portuguesa. A escolha foi feita por ele ter sido o primeiro inglês a voltar o olhar para o Brasil e por ele narrar

uma parte da história do país anterior à vivida pela autora. Esta escolha também foi feita por ele ser homem, para legitimar o que ela dizia, o que foi encarado, por alguns como desnecessário, como vimos na crítica no capítulo 1. Graham teve acesso aos mesmos documentos que Southey, porém optou por recorrer à análise do autor em sua introdução pois julgou

Necessário prefixar o seguinte resumo da história do Brasil ao diário de minha viagem para lá, a fim de que os eventos aos quais fui testemunha ocular sejam melhor entendidos. A parte mais antiga da história é quase inteiramente retirada do livro do Sr. Southey. Teria sido fácil para mim me referir aos autores portugueses, já que eu li quase todos os que se encontram na publicação do Sr. Southey, e algumas não mencionadas por ele; mas o Sr. Southey foi tão fiel e cauteloso no uso que fez de seus autores, que seria um absurdo, se não uma impertinência, negligenciar sua orientação. Do momento em que o Rei desembarca no Brasil, ou melhor, desde sua partida de Lisboa, eu sou responsável por tudo que declarei: é pouco, mas espero que o pouco esteja correto.<sup>93</sup>

Embora as palavras da autora mostrem que sua decisão se baseia apenas em suas escolhas pessoais, por considerar Southey um autor capaz e cujo trabalho só tem a acrescentar, a escolha da utilização deste livro para a introdução pode ter outros motivos. Segundo Carl Thompson, Graham teria escolhido um livro de autoria masculina para validar o que dizia, por ser mulher e ter menos acesso aos documentos oficiais que os homens. Ele considera também que a sociedade da época não dava credibilidade aos trabalhos com algum cunho historiográfico escritos por mulheres, assim, a eleição de *History of Brazil* seria uma forma de dar confiabilidade ao seu trabalho. Índícios disso podem ser vistos nas duas últimas frases da citação acima, onde ela diz que Southey lhe dera *orientação* e que ela é *responsável* por tudo o que escreve dali em diante, esperando que esteja *correto*. Assim, embora submissa, por estar usando o trabalho de outra pessoa, ela tem um posicionamento contestatório afirmando que ela bebeu da mesma fonte que ele. Como se dissesse que faria o que o mercado editorial esperava dela, ou seja, incluir a visão de um homem para dar credibilidade ao seu trabalho, porém não sem contestar, embora fosse fiel ao trabalho

---

<sup>93</sup> GRAHAM, Maria. Pp 1. Livre tradução de: I judge it necessary to prefix the following sketch of the history of Brazil to the journal of my voyage thither, in order that political events to which I was an eyewitness might be better understood.

The early part of the history is almost entirely taken from Mr. Southey. It would have been easy for me to have referred to the Portuguese authors, as I have read nearly all that are to be found in print of Mr. Southey's authority, and some that he does not mention; but Mr. Southey had been so faithful as well as judicious in the use he has made of his authors, that it would have been an absurd, if not impertinent, to neglect his guidance. From the time of the King's arrival in Brazil, or rather of his leaving Lisbon, I am answerable for all I have stated: it is little, but I hope that little is correct.

de Southey. Apesar disto, esta escolha dividiu opiniões. Como vimos no capítulo anterior, alguns, apesar de reconhecerem a importância do trabalho de Graham, pensavam que a introdução era desnecessária, pois todos já conheciam aquela parte da história da antiga colônia portuguesa. Assim, o que interessava a estas pessoas era o que estava acontecendo naquele momento, o processo de independência visto de dentro, como a autora faz nas duas partes seguintes do livro.

A segunda grande divisão do livro, cuida da primeira vez em que a autora esteve no Brasil. Aqui ela se volta mais ao nordeste brasileiro, falando bastante de Pernambuco e da Bahia, onde passou mais tempo, e pouco se referindo ao Rio de Janeiro, onde sua estadia foi menor. Nesta parte, ela assume um tom bastante crítico ao se referir aos hábitos e costumes das populações locais, principalmente quando se refere às portuguesas. O tom se torna quase agressivo quando ela se refere às punições recebidas pelos escravos, quando ela faz uso de adjetivos fortes, como veremos mais adiante. Ao falar da natureza ela sempre usa linguagem elogiosa, para demonstrar o fascínio sentido por ela. Quando trata dos tópicos da política local, nesta parte, se esforça para parecer neutra, embora se mostre simpática aos brasileiros que lutam por sua independência de Portugal. Contudo, nesta parte ela ainda não trata os portugueses como tiranos. Estes temas são apresentados de forma aleatória, ou melhor, eles aparecem de acordo com os acontecimentos do dia de Graham, sem que um esteja em detrimento do outro. Assim, nos dias em que acontece algo de relevante na disputa em Pernambuco, ela dedica mais páginas a isso, bem como gasta muita tinta com as descrições da natureza pernambucana ao aportar em Recife.

Na última parte do livro, ela descreve com mais atenção o Rio de Janeiro, lugar onde passou mais tempo. Sempre elogiando a natureza local. Aqui, encontramos uma narradora mais partidária, talvez motivada pela sua proximidade da Família Real, que afirma sem constrangimento que os brasileiros estariam muito melhor sem o jugo português. Nesta parte, o Brasil já teve sua independência proclamada e busca a aceitação tanto do povo brasileiro quanto dos países que podem se tornar parceiros comerciais e políticos. Segundo Lucia Basto Pereira das Neves,

a esta altura, apesar de certa aparente solidez do Império brasileiro, continuava indecisa a questão fundamental da distribuição do poder entre a autoridade nacional do Rio de Janeiro e os governos provinciais. Em função do clima gerado

pelas ideias liberais, a opção escolhida não podia deixar de ser uma monarquia constitucional.<sup>94</sup>

Assim, o posicionamento de Graham pode ser contestado, pois o Império não era tão sólido quanto ela demonstra em seu livro. Apesar disso há a busca de aceitação tanto popular quanto das províncias por parte do Império<sup>95</sup>.

Em função disso, Graham passa a enaltecer tudo o que se refere à Família Real ou ao novo governo que se formava. Evidências disso serão mostradas mais adiante. Quanto à escravidão, ela continua criticando, porém com menos destaque, já que o foco desta parte do livro é o estado que então se formava. A outra temática, sociedade, se mescla aos temas políticos, quando ela descreve os eventos sociais na corte, na assembleia ou no teatro – embora ainda existam passagens que descrevam episódios que não estão relacionados à fatos políticos.

Assim, temos na primeira parte uma introdução aos eventos históricos que deram origem ao Brasil e o conduziram à sua independência. Na segunda parte ela se volta à crítica à escravidão, ainda que trate de eventos políticos e sociais e também se debruce bastante na descrição das paisagens e natureza locais. Na terceira parte, ela gira seu olhar para os fatos políticos, dando menos ênfase à escravidão, sociedade e natureza. Logo podemos pensar que a edição do diário se deu da seguinte forma: a primeira parte é um contexto social e político desde o descobrimento do Brasil até o momento do aporte da fragata Dóris; a segunda parte trata do que foi feito para resolver as questões referentes ao retorno da Família Real portuguesa para a Europa, destacando as limitações impostas pela escravidão; na terceira parte ela enaltece a família real apontando a dominação portuguesa como causa das dificuldades enfrentadas em território brasileiro e ressaltando a figura do Imperador como salvador da pátria. Com isso podemos pensar que o fio condutor da narrativa era a ideia de liberdade, fosse ela a abolição da escravidão ou a libertação do jugo português, como veremos mais a fundo no capítulo 3.

Passaremos assim ao exame mais detido da anatomia do diário, onde analisaremos, na segunda e na terceira parte do diário, a quantidade de entradas e também o tamanho que elas ocupam quando tratam de acontecimentos que têm mais ou menos importância para

---

<sup>94</sup> Bastos in Schwarcz, 2011.

<sup>95</sup> Ver também Grinberg e Salles, 2009 e Barman, 1988.

a história do Brasil. Depois disso, buscaremos evidências que comprovem que a autora editou o diário com a finalidade de fazer seus leitores terem algum tipo de simpatia pelo país e que sintam aversão à escravidão.

O diário em sua primeira edição que saiu a público em quarto, como vimos no anúncio do início do capítulo 1, escrita em fonte Times 12 em papel de linho é composto de 335 páginas, excluindo-se as imagens, o prefácio, o índice e a folha de rosto. Ou seja, essas páginas são apenas aquelas escritas por Graham. Destas, 76 são de introdução, 133 da primeira viagem e 116 da segunda, somando 325 páginas, as outras 10 são um apêndice onde a autora inclui tabelas sobre o desenvolvimento econômico do Brasil, especialmente do Maranhão, para mostrar “quão importante foi a aquisição desta província para o Império do Brasil”<sup>96</sup>. A primeira entrada do diário propriamente dito é do dia 31 de julho de 1821, quando a fragata Doris partia em direção à América; e a última do dia 18 de dezembro de 1823, data em que Graham retorna à Inglaterra com o objetivo de coletar material para a educação da princesa D. Maria da Glória, de quem seria preceptora. Da primeira a última entrada, contam-se 173 entradas que se dividem conforme a tabela abaixo. Os números correspondem à quantidade de entradas daquele mês e as partes em cinza representam os meses antes de sua chegada bem como o tempo em que passou no Chile.

	Jan	Fev	Mar	Abril	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
1821							1	7	11	22	12	11
1822	15	4	17	3								
1823			8	6	7	7	8	17	12	9	3	2

Com esta tabela, vemos que mesmo se Graham escrevesse diariamente, nem todos os dias foram escolhidos para a publicação, tendo alguns meses muitas entradas, enquanto em outros muito poucas. É importante salientar que no mês de outubro de 1821, os dias 26, 27 e 28 aparecem em conjunto. Podemos notar também a disparidade do número de

<sup>96</sup> Livre tradução de: “how much importance the acquisition of that Province is to the Empire of Brazil.”

entradas entre a primeira e a segunda viagem, sendo 103 da primeira vez e 70 da segunda, estas, contudo, são, de maneira geral, mais extensas que aquelas. Em sua segunda visita ao país também encontramos mais documentos e discursos transcritos. Esses números vêm corroborar com a nossa teoria de que ela manipulou o diário em função de uma agenda específica, na qual ela defende os esforços de Dom Pedro e recrimina a escravidão. Indo mais à fundo nestes números, é possível pensar que a quantidade de entradas de sua primeira visita representa sua tentativa de mostrar aos seus leitores que o horror da escravidão está em todos os portos, bem como o esforço dos brasileiros em criar uma nação<sup>97</sup>. Já na segunda visita de Graham, já existe o esboço de uma nação logo sua intenção é mostrar que ela pode ser forte, por isso um número menor de entradas, porém com mais vigor e mais conteúdo, cheias de documentos que corroborem suas linhas.

Uma demonstração da disparidade no tamanho das entradas aparece no dia primeiro de outubro de 1823, quando ela transcreve uma carta de Lorde Cochrane para ela, datada do dia 12 de agosto do mesmo ano e vinda do Maranhão. Junto à carta encontram-se os documentos relativos à tomada desta província, parte deles também transcritos pela autora. Outras entradas, como dito anteriormente contam apenas com um breve parágrafo, como é o caso do dia 5 de novembro de 1821, portanto na primeira viagem ao país,

Um dia de forte chuva tropical, que forçou os dois lados na costa a guardar suas armas e a desistir por hora de toda a hostilidade. O governador, porém, continua suas prisões arbitrarias. É curioso como a velha autoridade impressiona os homens; com certeza é a obediência em nome do rei a qual eles estão acostumados e o temor do nome da rebelião que impede os brasileiros, armados como estão, de resistir à estas coisas.<sup>98</sup>

Aqui ela fala do embate entre brasileiros e portugueses pela independência do país. Nesta entrada, podemos ver que além do curto tamanho, ela já demonstra simpatia pelo lado dos brasileiros, criticando a soberania portuguesa e acusando o governador da Bahia de prisões arbitrarias. Além disso, ela questiona o Antigo Regime, que estava em franca decadência na Europa, mas ainda operava com vigor nas Américas. Mais que isso, ela

---

<sup>97</sup> Ver Bastos in Schwarcz, 2011.

<sup>98</sup> A day of heavy tropical rain, which has forced both parties on shore to house their guns, and to desist for the present from all farther hostility. The governor, however, continues his arbitrary arrestations. It is curious how ancient authority awes men; for surely it is the accustomed obedience to the name of the king, and the dread of the name of rebellion, that prevent the Brazilians, armed as they are, from resisting these things.

fala da índole de brasileiros e portugueses, mostra que já há uma divisão das duas nacionalidades, embora o rompimento entre os dois Estados ainda fosse recente.

A análise estrutural destas entradas, ou seja, a quantidade e distribuição destas pelo diário é uma das evidências de que o diário foi formatado para a publicação. Não queremos dizer aqui que ela inventou os fatos narrados, ou que falsificou de má fé o que estava relatando. O que queremos dizer aqui é que ela tinha um objetivo ao escrever o diário e na busca de atingi-lo, ela editou a forma como escrevia. Podemos afirmar com certeza que os documentos, discursos, transcritos em seu livro foram incluídos a posteriori, pois ela não teria acesso a eles durante a escritura do diário original. As cartas, por outro lado, como aparecem na data de seu recebimento, devem ter sido incluídas durante sua estadia no país. Estas entradas díspares em quantidade e tamanho podem ter dois objetivos: o primeiro é dar o ritmo de um diário íntimo, já que nestes não é todos os dias que se escreve e o tamanho varia de acordo com os acontecimentos do dia. O segundo é dar uma unidade a ele, já que os eventos narrados em um diário nem sempre têm ligação um com o outro. Estes dois objetivos não são excludentes e há ainda uma terceira possibilidade para estas entradas: ela ter realmente copiado palavra por palavra as entradas do seu diário íntimo, como sugere quando diz que a publicação apresentada ao público é um ‘diário copiado’. Outros indícios, porém, nos levam a pensar que ela realmente alterou o diário para sua publicação passaremos agora ao exame destas indicações.

Começamos do princípio, caro leitor, pois já no prefácio encontramos mostras da montagem do diário. No primeiro parágrafo do livro, mais especificamente na primeira frase, encontramos os seguintes dizeres vindos da parte do editor do livro, John Murray, que o prefaciou,

Embora o Diário de uma viagem ao Brasil e residência de muitos meses naquele país *não tenha sido escrito sem visar a publicação em algum ponto*; ainda assim, muitas circunstâncias não previstas forçaram a autora a parar antes de mandá-lo para publicação e cancelar muitas páginas tanto de ocorrências públicas quanto privadas.<sup>99</sup> (grifo nosso)

---

<sup>99</sup> Livre tradução de: Although the journal of a Voyage to Brazil, and a residence of many months in that country was not written without a view to publication at some time; yet many unforeseen circumstances forced the writer to pause before she committed it to press and to cancel many pages both public and private occurrences.

Assim, percebemos que ela, embora estivesse escrevendo em um gênero literário que se caracteriza por seu teor íntimo e pelo fato de não haver uma intencionalidade para publicação, ela tinha sim a intenção de publicá-lo e seu editor tinha consciência disso. Em seguida ele faz uma espécie de justificativa da imparcialidade da autora em certos assuntos, em suas palavras

A autora não pretende alcançar uma perfeita imparcialidade, pois em alguns casos a imparcialidade não é virtude; mas sabendo que nenhum bem para a humanidade pode ser alcançado sem uma mistura de mal, ela acredita que uma imagem clara dos dois foi dada, embora isso traga alguma dor à escrita.<sup>100</sup>

Imparcialidade naquele momento significava equidade, justiça, indiferença<sup>101</sup>. Graham, porém, não se coloca desta forma frente aos eventos narrados. A noção de que os autores não podem expressar sua opinião, ou seja devem assumir uma postura imparcial frente aos eventos narrados, não se relaciona com o gênero diário, pois eles retratam a experiência e a ótica dos seus autores.

A própria Graham também não se diz imparcial, principalmente no que se refere à escravidão, já que para ela, como veremos mais à fundo no capítulo 3, este sistema é cruel e pouco produtivo. Não sendo as palavras de Murray suficientes para comprovar que o livro fora forjado, a própria autora dá indícios de suas modificações. Na introdução Graham diz “eu julguei necessário prefixar o seguinte desenho da história do Brasil ao diário de minha viagem para lá, para que os eventos políticos aos quais fui testemunha ocular sejam melhor entendidos.”<sup>102</sup> Com isso, ela assume que buscou criar uma unidade para os eventos observados, fazendo assim uma espécie de história política do país e já nos diz que o cerne do livro são os eventos políticos. Temos assim mais uma evidência de que o diário foi alterado antes de sua publicação.

---

<sup>100</sup> Livre tradução de: The writer does not pretend to perfect impartiality for in some cases impartiality is no virtue; but knowing that no human good can be attained without a mixture of evil, she trusts that a fair picture of both has been given, although it has cost some pain in the writing. (A2-iv)

<sup>101</sup> Johnson and Walker, 1928.

<sup>102</sup> Livre tradução de: I judged it necessary to prefix the following sketch of the history of Brasil to the journal of my voyage thither, in order that the political events to which I was an eye-witness might be better understood

Não bastando isso, nas anotações que fez na sua cópia do diário, após a publicação, ela relata: “eu tenho carregado esta cópia do meu diário para ser interfoliado com um duplo propósito – ele deve servir para corrigir o trabalho, para fazer alterações úteis e ao mesmo tempo eu devo usá-lo como um diário desta minha segunda viagem ao Brasil”<sup>103</sup> Esta segunda viagem a que ela se refere seria para nós a terceira, já que ela não considera o intervalo em que esteve no Chile entre 1822 e 1823. Aqui ela revela sua diligência com o trabalho e também comprova mais uma vez a edição do diário, já que um dos objetivos de carregar a sua cópia do livro é “corrigir” o que eventualmente esteja errado. Sendo assim, consideramos que se ela planeja reparar as falhas do diário é porque de alguma forma ele fora montado para a publicação. Esta correção pode se referir à alteração de detalhes dos eventos da independência, ou a inserção de novos documentos que corroborem seu ponto de vista para futuras edições. A ideia de que outras edições do livro seriam publicadas, mostra que o livro tivera algum sucesso, embora tenham se passado alguns anos até que outra edição do livro.

Uma outra entrada, essa de um dia importante para a cronologia da independência brasileira, mostra que ela tem conhecimento dos eventos futuros: ao relatar o Dia do Fico, ela faz um relato breve de suas atividades e fala da expectativa da importância deste dia para a história do país, cuidando de fazer um apanhado dos últimos acontecimentos da corte portuguesa. Nos dias seguintes, ela mal fala das atividades que ocuparam seus dias, mas transcreve todos os discursos proferidos quando D. Pedro anuncia que não voltará à Portugal, além de discutir as repercussões da decisão de Dom Pedro entre os militares e civis. Ela não teria acesso a estes documentos na data em questão, pois eles ainda estavam sendo elaborados, sendo isto mais um indício da sua montagem. Passemos à leitura da passagem,

Quarta-feira, 9 de janeiro.

Hoje é esperado ser um dia de muita importância para o futuro destino do Brasil. Mas eu devo voltar à chegada de uma mensagem das Cortes em Lisboa, intimando a volta do Príncipe, que deveria voltar imediatamente à Europa, começar sua educação e viajar anonimamente pela Espanha, França e Inglaterra. Esta mensagem gerou agitada indignação não apenas na Sua Majestade Real, mas também nos brasileiros de um lado ao outro do reino. O Príncipe está disposto a obedecer às ordens de seu pai e das cortes, ao mesmo tempo ele não pode deixar de sentir, como homem, a necessidade de decência da carta

---

<sup>103</sup> Livre tradução de: I have carried this copy of my journal to be interleaved for a double purpose - - it may serve to correct the work, to make useful alterations, and at the same time I shall use it as a Journal of this my second Voyage to Brazil.

sendo ordenado a voltar para casa e proibido de levar quaisquer guardas consigo, ao que parece por receio deles terem criado uma ligação muito forte com sua pessoa.<sup>104</sup>

Assim, embora pudesse haver alguma expectativa acerca do pronunciamento do então Príncipe não havia como prever o que seria dito, nem como seria a reação dos brasileiros ou dos portugueses. Ela poderia apenas supor o sentimento de Dom Pedro, quando se refere à necessidade de decência da carta. Novamente lembramos aqui da dificuldade de analisar as alterações que foram feitas do diário íntimo de Graham para a sua cópia publicada pela ausência do primeiro. Refletindo sobre os resquícios deixados por Graham e por seu editor, podemos concluir que o diário fora de fato alterado para a publicação – nem que fosse apenas para a inclusão dos documentos, embora não pensemos desta forma. Assumindo este ponto, passaremos agora a pensar sobre a forma utilizada por Graham para a montagem do diário, ou seja, sua metodologia de trabalho.

### *2.3 Ou melhor, um demônio: o uso dos adjetivos nas construções de Graham.*

De acordo com uma de suas biógrafas, Elizabeth Mavor, Maria Graham era bastante zelosa com seus escritos,

escrevia durante pelo menos quatro horas por dia, muitas vezes mais que isso, e quando ela chegava ao ponto de preparar seu trabalho para a publicação, ela se sujeitava à um conjunto de regras bastantes estritas. Não citar cartas privadas. Não citar conversas privadas. Caso ela não tivesse testemunhado os eventos narrados, ela entrevistava pessoas que o fizeram, além de consultar documentos de todo tipo – livros de registro marítimo, gazetas, proclamações, cartas, jornais, documentos oficiais – e isto, combinado com o fato de ela ter se tornado fluente em português e espanhol, confere ao seu trabalho sua integridade peculiar. Os manuscritos de seu diário, contudo, permanecem privados. O que nos é permitido ler é o que ela chama de ‘diário copiado’. Menos notável, ela mesma admite, mas ainda assim verdadeiro: ‘verdadeiro quanto a natureza, quanto aos fatos e quanto aos sentimentos melhor digeridos do que aqueles geralmente ditados pela melancolia e sofrimento do momento...’ Aquelas linhas perdidas de melancolia e sofrimento devem logicamente fazer falta aos leitores. Ainda assim basta que alguém abra seu diário para perceber que contrária à sua própria ética

---

<sup>104</sup> Livre tradução de: *Wednesday January 9<sup>th</sup>* To-day is expected to be a day of much importance to the future fate of Brazil. But I must go back to the arrival of a message from the Cortes at Lisbon, intimating to the Prince their pleasure, that he should forthwith repair to Europe, and begin his education, and proceed to travel incognito through Spain, France, and England. This message excited the most lively indignation not only in His Royal Highness, but in the Brazilians from one end of the kingdom to the other. The Prince is willing to obey the orders of his father and the cortes, at the same time he cannot but feel as a man the want of decency of the message, and being thus bid to go home; and especially forbidden to carry any guards with him, as it should seem, lest they might have contracted too much attachment for his person. GRAHAM, *Journal of a Voyage to Brazil*, pp 177-178.

draconiana ela frequentemente revela preconceitos, reclamações, risadas e até, ainda que raramente, citações *tanto* de cartas *quanto* de conversas privadas.<sup>105</sup> (grifo nosso)

A passagem revela ainda inda um esforço por parte de Graham no sentido de construir uma verdade sem deixar que este esforço transpareça na narrativa. Considerando o que Mavor diz de seus preconceitos revelados, observamos que a autora os revela, bem como as suas preferências através do uso de adjetivos, bastante presentes no decorrer da obra. Sendo assim, analisaremos agora alguns destes adjetivos que consideramos relevantes para a construção do discurso que ela pretendia levar a público com o lançamento de seu livro. Começamos pelo exame da descrição de uma cena em que ela e seus acompanhantes ingleses<sup>106</sup> presenciaram em seus primeiros dias em Pernambuco. A entrada é do dia 28 de setembro de 1821 e é também um de seus primeiros encontros com escravos no dia a dia do país, assim, ela escolhe palavras que mostram seu choque ao presenciar tal cena e, com isso, transmitam aos seus leitores as crueldades da escravidão. Em suas palavras,

esta manhã, antes do café da manhã, olhando pela varanda da casa do Sr. S., eu vi uma mulher branca, ou melhor um *demônio*, batendo numa *jovem* negra e torcendo seu braço *cruelmente* enquanto a pobre criatura gritava de agonia, até que nossos homens interferiram. Por Deus! Como esse tráfico, como práticas como a da escravidão podem existir. Perto da casa estão dois ou três depósitos de escravos, todos *jovens*; em um deles eu vi uma criança de aproximadamente dois anos à venda.<sup>107</sup> (Grifo nosso)

A escolha das palavras *demônio*, *cruelmente* e *jovens*, trabalham para criar a imagem da escravidão como uma prática deplorável. Analisemos separadamente cada palavra: *demônio* remete à entidade da tradição judaico-cristã cuja natureza é sombria e representa

---

<sup>105</sup> Livre tradução de: she wrote for at least four hours daily, and often longer, and when she came to prepare her work for publication subjected herself to a set of strict rules. No quoting from private letters. No quoting from private conversations. If she had not personally witnessed the events described she took care to interview living people who had, besides Consulting documents of every kind – log books, gazettes, proclamations, letters, newspapers, official documents – and it is this, coupled with the fact that she made herself fluent in both Portuguese and Spanish, which gives her work its peculiar integrity. The original drafts of her journal remained private however. What we are permitted to read is what she called a ‘copied journal’. Less characteristic, she herself admitted, but nevertheless equally true, ‘true to nature, true to facts, and true to a better feeling than often dictates the momentary lines of spleen and suffering...’ Those lost lines of spleen and suffering must be regretted by the reader. Yet one has only to open her pages to find that contrary to her own draconian ethic she frequently airs prejudices, complains, laughs, and even, though rarely, quotes *both* from private letters and conversations.

<sup>106</sup> Três homens foram designados para acompanhá-la em seus passeios, tanto por Pernambuco quanto pela Bahia em sua primeira viagem ao Brasil.

<sup>107</sup> Livre tradução de: This morning before breakfast, looking from the balcony of Mr. S.’s house, I saw a white woman, or rather a fiend, beating a young negress, and twisting her arms cruelly while the poor creature screamed in agony, till our gentlemen interfered. Good God! That such a traffic, such a practice as that of slavery should exist. Near the house there are two or three depots of slaves, all young; in one, I saw an infant of about two years old, for sale GRAHAM, *Journal of a voyage to Brazil*. pp(107[P2])

o mal. Assim, a mulher branca à qual Graham se refere só pode estar trazendo o mal para a sociedade, dizendo assim que tem escravos e tem como hábito puni-los, está no mesmo patamar da figura mais temida por aqueles que seguem a tradição judaico-cristã. Além disso, o espancamento de pessoas não era aceitável na Inglaterra. A palavra *cruelmente*, por sua vez, vem reforçar o discurso de que as punições aos escravos mostram a tirania deste sistema. *Jovens*, por sua vez pode não estar relacionado ao desenho da atrocidade da escravidão que a autora busca criar, porém ao pensarmos mais atentamente sobre ela, vemos que ela usa a palavra para se referir a figuras fragilizadas, que não tem como se defender das maldades do sistema. Isso é reforçado na frase seguinte quando ela relata a visão de crianças à venda: a imagem da inocência sendo corrompida pela escravidão. Aqui, não necessariamente houve edição da narração, porém há uma ênfase neste aspecto desumano da escravidão. Voltaremos à esta questão das crianças mais à frente quando formos analisar as imagens do livro.

Uma entrada anterior a esta narra o primeiro encontro de fato de Graham com a escravidão e nela o uso de adjetivos também tem a finalidade de despertar seus leitores para o fato de que a escravidão deve ter um fim. Diz e no dia 24 de setembro de 1821,

Mal tínhamos andado cinquenta passos Recife adentro quando ficamos absolutamente *enojados* ao nos depararmos com um mercado de escravos. Era a primeira vez que os rapazes e eu estávamos em um país com escravidão; e por mais forte e comovente que possam ser os sentimentos relacionados à escravidão, quando a imaginação cria imagens, elas não são nada comparadas à *assombrosa* visão de um mercado de escravos. Devido às circunstâncias da cidade, o local de armazenagem era pequeno, o que fazia a maioria dos donos manterem os novos escravos trancados em vagões. Assim, por volta de cinquenta *jovens* criaturas, meninos e meninas, com aparência *doente e faminta* em consequência da comida escassa e do longo confinamento em lugares *insalubres*, estavam sentados e deitados junto aos animais imundos da rua. A visão nos fez voltar ao navio com o coração partido: e com a resolução profunda de que nada ao nosso alcance deveria ser considerado pouco ou muito para inclinar-se à abolição ou ao alívio da escravatura.<sup>108</sup> (grifo nosso)

---

<sup>108</sup> Livre tradução de “we had hardly gone fifty paces into Recife, when we were absolutely sickened by the first sight of a slave-market. It was the first time either the boys or I had been in a slave- country; and however strong and poignant the feelings may be at home, when the imagination pictures slavery, they are nothing compared to the staggering sight of a slave market. It was thinly stocked owing to the circumstances of the town; which cause most of the owners of new slaves to keep them closely shut up in the depôts. Yet about fifty young creatures, boys and girls, with all the appearance of disease and famine consequent upon scanty food and long confinement in unwholesome places, were sitting and lying about among the filthiest animals in the street. The sight sent us home to the ship with the heart-ache: and resolution, “not loud but deep”, that nothing in our power should be considered too little, or too great, that can tend to abolish or alleviate slavery.”

Por se tratar da primeira entrada em que a autora fala da escravidão, os adjetivos destacados no texto vêm dar uma ideia do estado em que os negros se encontravam. Ela faz questão de deixar claro para os seus leitores que ela nunca havia tido contato com este sistema – assim como seus leitores – e que simpatizava com os movimentos abolicionistas que cresciam na Inglaterra de então. A visão criada aqui é de um lugar mórbido e que não garante dignidade para os seres humanos que ali estão. Além disso, ela faz menção novamente à juventude dos escravos, o que levanta a questão da inocência daqueles indivíduos e da incapacidade que eles teriam de se defender contra este sistema. Esta questão da incapacidade de defesa dos pequenos escravos é corroborada pelos adjetivos *doente* e *faminta*, que se referem à aparência destes. Já as palavras *enojados* e *assombrosa*, vêm para afirmar que o lugar realmente não é apropriado para vidas humanas. Assim, a sua experiência serve de argumento para o debate abolicionista.

Ainda em relação à escravidão, temos um trecho no qual a autora revela seu preconceito em relação aos negros, embora ainda afirme ser contra a escravidão. Segundo ela, na festa de aniversário do Imperador, portanto no dia 12 de outubro de 1823, alguns oficiais negros<sup>109</sup> participaram da cerimônia de Beija Mãos, e ela relata que

Foi curioso, mas me agradou ver alguns oficiais negros pegarem a pequena mão da Imperatriz em suas mãos *desajeitadas* e colocar seus *protuberantes lábios africanos* na sua pele tão *delicada*, mas eles admiravam o *Nosso Emperador (sic)* e ela com uma reverência que parecia para mim uma promessa de fé e um laço de bondade entre eles.<sup>110</sup> (grifo nosso)

Apesar de tentar esconder seu preconceito, dizendo ser esta cena uma esperança de um futuro sem escravidão, pois cria um vínculo entre libertos e a Família Imperial, ele se revela nas palavras *desajeitadas* e *protuberantes lábios africanos* em contraste com a “*pele tão delicada*” da Imperatriz. Assim, ela manifesta que os libertos podem ser civilizados e sugere que com esta cena que a Família Real é o caminho para o abolicionismo ao mesmo tempo que revela a diferença, entre negros e brancos, sendo a

---

<sup>109</sup> Estes oficiais a que ela se refere são libertos e conseguiram a alforria por terem lutados ao lado dos brasileiros nas lutas da independência.

<sup>110</sup> It was curious, but it pleased me, to see some negro officers take the small white hand of the Empress in their clumsy hands, and apply their pouting African lips to so delicate a skin; but they looked up to Nosso Emperador, and to her, with a reverence that seemed to me a promise of faith from them, a bond of kindness to them. (318-319)

imperatriz branca e pura e o negro desajeitado. Mais usos de adjetivos em referência à escravidão serão analisados no capítulo 3.

Os adjetivos, contudo, não foram apenas utilizados para se referir à escravidão. Eles aparecem também em referência à Coroa portuguesa e à Família Real. Lembramos aqui que há uma mudança de tom e de foco da primeira para a segunda viagem ao Brasil: na primeira ela discute mais assuntos relacionados à escravidão que na segunda, enquanto que na segunda a política é o assunto mais discutido. Isso não quer dizer que não haja uma discussão política na primeira viagem, que assuntos relacionados à escravidão não sejam discutidos na segunda e nem que os assuntos não estejam relacionados em sua narrativa. As palavras utilizadas nas descrições da corte são, em sua maior parte positivas, apenas quando ela se refere à Portugal aparecem conotações negativas, como vimos acima na curta entrada à que ela se refere ao domínio das antigas formas de poder. Muitas demonstrações de adjetivos relacionados à figura do Imperador e da Imperatriz serão analisados no capítulo 3. Vamos aproveitar este espaço para examinar outros trechos em que o uso de adjetivos é notável. O primeiro deles se refere à natureza e diz

Tudo isso eu sabia antes de chegar e pensava que estava muito bem preparada para Pernambuco. Mas nenhum conhecimento prévio pode afastar a *maravilha* com a qual deve-se entrar naquele porto *extraordinário*. Do navio, que está ancorado a três milhas da cidade, nós vemos os barcos que se encontram dentro de um recife no qual o mar está perpetuamente quebrando, mas até eu estar realmente dentro daquele recife, eu não tinha a menor ideia da natureza do porto: a *beleza* ao aportar deve ter sido tremenda, caso não estivéssemos preparados para ela e feito nossa passagem de três milhas mais longa.<sup>111</sup> (grifo nosso)

Os adjetivos aqui utilizados remetem ao encantamento sentido por ela ao se deparar com Recife. Assim como no caso dos escravos, onde ela assume ter se preparado através de leituras para o que encontraria, aqui ela diz que havia lido sobre a natureza pernambucana, mas ainda assim as leituras não foram suficientes para conter o arrebatamento causado por aquele ambiente. Assim sendo, ela busca trazer os leitores para compartilhar com ela estas experiências, mais ainda, como veremos adiante, quando ela faz uso de imagens

---

<sup>111</sup> Livre tradução de: All this I knew before I landed, and thought I was pretty well prepared for Pernambuco. But no previous knowledge could do away the wonder with which one must enter that very extraordinary port. From the ship, which is anchored three miles from the town, we see that vessels lie within a reef on which the sea is perpetually breaking, but till I was actually within that reef, I had not the least idea of the nature of the harbour: the swell going ashore would have seemed tremendous, had we not been prepared for it, and made our passage of the three miles a very long one. GRAHAM, *Journal of a voyage to Brazil* pp. 100

para ilustrar as paisagens. Outro uso curioso de palavras se dá na sua tentativa de traduzir para o inglês o que é uma jangada para um público que não tinha conhecimento do que seria tal embarcação. Neste caso ela usa poucos adjetivos, mas é interessante observar as escolhas feitas para a descrição. Diz ela,

A jangada não lembra nada que eu já tenha visto antes, seis ou oito toras são colocadas juntas por duas vigas; em um dos lados há um assento elevado, no qual um homem se coloca pois ele é equipado por uma espécie de leme; às vezes o assento era grande o suficiente para duas pessoas, outro banco no pé de um mastro, imenso, do tamanho da balsa, guarda roupas e provisões, ou um poste é fixado em uma das toras, para suspender um grande pedaço de pano que completa a jangada, nas quais os bravos marinheiros brasileiros se aventuram no mar, as ondas constantemente banhando-as e levando cargas de algodão e outros bens, ou, em caso de necessidade, cartas e comunicados, por centenas de milhas em segurança<sup>112</sup>

A confusão da autora na escolha das palavras para descrever a embarcação mostra a dificuldade que podia surgir ao descrever objetos que não faziam parte da realidade dela. Esta confusão, podemos inferir, se estende ao leitor, que provavelmente não havia visto uma jangada antes, e tenta imaginá-la por meio da descrição de Graham. Com isso vemos ainda que a narrativa também era influenciada pelo olhar etnográfico que muitos viajantes tinham – como dito no capítulo anterior, etnografia e literatura de viagem se confundiam no começo. Passaremos agora à investigação das imagens presentes no livro que também contribuem com este olhar etnográfico da autora.

## 2.4 Uma narrativa por meio de imagens

Como vimos no capítulo 1, o mercado editorial cresceu no final do século XVIII e início do XIX, este crescimento deveu-se em grande parte às inovações tecnológicas do período.

---

<sup>112</sup> Livre tradução de: The jangada resembles nothing I have ever seen before; six or eight logs are made fast together by two transverse beams; at one end there is a raised seat, on which a man places himself for they are furnished with a sort of rudder; sometimes the seat is large enough to admit of two sitters, another bench at the foot of a mast, immense for the size of the raft, holds clothes and provisions, or an upright pole is fixed in one of the logs, to which these things are suspended and a large triangular sail of cotton cloth completes the jangada, in which the hardly Brazilian sailor ventures to sea, the waves constantly washing over it and carries cargoes of cotton or other goods, or, in case of necessity, letters and despatches, hundreds of miles in safety. GRAHAM, *Journal of a voyage to Brazil*. Pp (99[O2])

Vimos ainda que estas inovações permitiram que mais imagens fossem incluídas nos livros, assim, mapas e ilustrações inéditos ganharam espaço nas publicações. O processo de impressão das imagens, como descrito no capítulo anterior, era feito por meio da produção de gravuras que eram reestampadas em cada exemplar. Não eram todos os tipos de livros que recebiam imagens. Também crescia nesta época as “viagens pitorescas”, cujo objetivo era registrar aquele período em imagens para a posteridade. Segundo Valéria Lima, a função destas viagens era “buscar, identificar e representar as forças do passado para que este não fosse esquecido”<sup>113</sup>. Lima também revela a questão do que é pitoresco, ou seja, digno de virar imagem. Os livros de viagem, porém, as recebiam para ilustrar as paisagens vistas alhures. Com *Journal of a Voyage to Brazil*, não foi diferente.

O livro conta com onze imagens, gravadas por Edward Finden a partir de desenhos produzidos por Maria Graham em suas passagens pelo Brasil, ou a partir de desenhos de outras pessoas. Dentre as onze pranchas em litogravura do livro<sup>114</sup>, duas são de mercados de escravos, um do Rio de Janeiro e outro de Pernambuco, oito são de paisagens, sendo uma delas de Tenerife<sup>115</sup> e as outras de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, e a última imagem é o famoso retrato de Maria Quitéria<sup>116</sup> em uniforme militar – é também a única imagem que não foi produzida por Graham – mostrando assim a importância que a autora deu à heroína de guerra. Ela sempre andava com um caderno de desenho e sempre que podia parava para se dedicar ao traçado das paisagens e cenas que via<sup>117</sup>. As imagens, assim como o texto, foram refeitas para a publicação, até porque precisavam ser preparadas para impressão. Elas mostram paisagens e cenas de mercados de escravos e praças. Analisaremos aqui as duas imagens relacionadas à escravidão, bem como duas imagens cuja temática é a natureza. Podemos perceber no canto inferior esquerdo da imagem, o autor do desenho que deu origem à litogravura e no canto inferior esquerdo o

---

<sup>113</sup> Lima, Valéria. 2004.

<sup>114</sup> Nos referimos aqui apenas às pranchas, imagens de página inteira, já que as imagens inseridas durante o texto têm efeito meramente ilustrativo, não contribuindo para a construção do discurso.

<sup>115</sup> Embora Tenerife se encontre nas Ilhas Canárias, Graham passou por lá em sua vinda para o país e fez um desenho da famosa Árvore do Dragão, que se encontra na primeira parte do diário.

<sup>116</sup> Maria Quitéria foi uma heroína da luta pelo reconhecimento da independência na Bahia. Ela viveu entre 1792 e 1853 e se vestiu de homem para poder participar das batalhas.

<sup>117</sup> Seus desenhos de plantas, já que se interessava enormemente por botânica, foram posteriormente utilizados por Darwin e outros importantes cientistas, dada a riqueza de detalhes que continham.

nome do responsável pela gravura. No centro também na parte inferior da imagem, encontramos o lugar que a imagem representa.

Embora nenhuma das imagens relacionadas à escravidão tenham sido desenvolvidas por Graham, consideramos que elas contribuem para a construção do argumento construído por todo o livro de que este sistema era cruel e desumano. Lembramos aqui que a intenção da autora não era apenas denunciar a escravidão, mas também colocá-la frente aos eventos políticos do Brasil de então e apontar Dom Pedro como provável libertador deste sistema. Ressaltamos aqui a dificuldade de analisar estas imagens, pois elas parecem querer mostrar imparcialidade, ser um retrato daquele instante. Porém elas dialogam com o conteúdo do diário, criando assim um discurso próprio, o que contradiz a imparcialidade que elas demonstram. Começaremos pelas imagens da natureza.

A primeira imagem que vamos analisar é de uma árvore num jardim da Bahia, ela se encontra entre as páginas 134 e 135, na entrada do dia 17 de outubro de 1821, quando em sua primeira passagem pela Bahia ela descreve uma visita à Igreja Nossa Senhora da Graça, em companhia de Miss Pennell, uma inglesa que morava lá – esta é uma das entradas grandes da sua primeira passagem pelo país, contendo 4 páginas. Nela vemos bem no centro uma árvore cujas raízes se dividem em duas e o tronco se entrelaça no centro e em seguida se separa, formando uma moldura para as nuvens no céu. À direita, duas árvores retorcidas que parecem mais altas que central, pela distância que se encontram do observador. Ao fundo, também à direita, vemos uma igreja na beira da praia. À esquerda e ao fundo avistamos uma embarcação à vela, o resto é verde e água, com pequena faixa de areia visível perto da igreja e do barco. Percebemos que a autora busca com esta imagem corroborar o que vinha fazendo com os adjetivos, pois, as primeiras palavras da entrada entremeada pela imagem são “esta manhã, na aurora, meus olhos se abriram para uma das mais refinadas cenas que eles já viram”<sup>118</sup>. Assim, a imagem que segue a descrição da *magnífica* cidade na qual a fragata Dóris aporta, vem mostrar para os leitores que não há exagero na descrição feita pela autora, validando o argumento da autora de que as paisagens brasileiras são de fato exuberantes, embora a árvore seja a parte mais pitoresca da imagem.

---

<sup>118</sup> Graham, 1824, pp. 132. Livre tradução de: this morning, at day-break, my eyes opened on one of the finest scenes they ever beheld.



Outra imagem onde a natureza chama a atenção é imagem de São Cristóvão, do Paço Imperial, ela está entre as páginas 246 e 247 na entrada do dia 16 de maio de 1823. Nela vemos ao fundo as montanhas fluminenses, à direita, uma árvore que forma uma moldura para a tela. À frente das montanhas, vemos o paço imperial e à frente dele, um grande gramado que leva a uma espécie de banco de areia onde se encontra um homem negro, podendo ser escravo ou liberto, com vestimentas brancas, que era a roupa que os escravos normalmente, segurando em sua mão esquerda uma flecha e com um adorno de cabeça. A entrada na qual a imagem se insere trata das notícias vindas da Bahia sobre as batalhas entre portugueses e brasileiros e das ações do General Madeira, que comandava o estado. Considerando o conteúdo da entrada, pensamos que a narrativa desejada com a inserção desta ilustração é dizer que os brasileiros prevalecerão na disputa, que o Rio de Janeiro será o centro político de um Brasil unificado e independente. Também consideramos, em função do negro colocado como figura central da imagem que a autora quer dizer que a escravidão será findada e os negros serão libertados para servir ao Estado brasileiro, que também será livre. O adorno da cabeça, que pode ser uma auréola ou cocar, pode também representar uma possível harmonia entre o povo brasileiro. Temos com isso, uma referência ao helenismo, com o escravo em trajes que remetem à Grécia antiga e um

prédio ao fundo que remete à Acrópole. Assim, ela afirma que a liberdade é um tema fundamental para a sua narrativa, como veremos no capítulo 3, seja em palavras ou imagens.



A primeira imagem referente à escravidão propriamente dita, que se encontra antes da folha de rosto do livro, retrata o mercado de escravos do Rio de Janeiro. Nela vemos um bode, crianças escravas sendo negociadas, mulheres brancas em uma varanda, outros negros expostos, provavelmente para serem vendidos, e homens brancos fazendo negócio. Ao fundo, dois soldados de infantaria e dois escravos carregando uma rede, um prédio público e duas palmeiras terminam a composição. A imagem colocada antes do início do livro servia provavelmente para preparar os leitores para o que viria, já que os leitores ingleses tinham pouco contato com a escravidão. Ela, porém, não demonstra todo o horror da escravidão, que é desenvolvido mais intensamente nas entradas dedicadas a ela, mas desperta a curiosidade do leitor sobre o que ele vai encontrar nas páginas do livro. As expressões assustadas das crianças negociadas e da mãe que carrega um bebê, retratam o horror que Graham sentiu e, posteriormente, colocou em palavras ao descrever

o mercado escravo – embora a descrição que aparece aqui não seja do mesmo mercado da imagem e a imagem não tenha sido produzida por ela. A tranquilidade dos homens que faziam negócio e do escravo sentado à frente à esquerda e a placidez das mulheres na varanda demonstram que aquilo era uma atividade cotidiana como outra qualquer. Assim, a autora já começa o livro alertando o leitor de seu conteúdo e, talvez, reforçando o desejo da propagação da liberdade que havia na Inglaterra de então.



A segunda imagem que examinaremos aqui é a ilustração do mercado de escravos de Pernambuco, cuja descrição encontra-se acima. Esta imagem é um pouco mais forte que a anterior, pois de fato mostra os escravos sendo espancados e maltratados. Também vemos um cachorro, uma vendedora do que parece ser cocadas um homem branco montado em um cavalo, outro homem branco verificando os dentes de uma criança escrava, uma igreja ao fundo com alguns observadores na sacada, um escravo à direita ao fundo encolhido com a cabeça escondida entre as pernas, vários soldados, um senhor todo de preto com uma cartola e um homem branco que grita para os passantes de uma sacada à esquerda e à frente. Esta é possivelmente a cena que enojou Graham e seus acompanhantes ao visitar o mercado de escravos em Pernambuco. Ela aparece no diário

numa inserção entre as páginas 106 e 107, onde ela descreve a cena supracitada da mulher branca batendo em sua escrava. A imagem foi cuidadosamente inserida neste trecho para aumentar a repulsa acerca do que era considerado pelos ingleses da época como selvageria e barbaridade trazidas pela escravidão.



Com essas imagens percebemos a importância dispensada pela autora à escravidão, de forma que este se torna, junto com as questões políticas ligadas à independência do Brasil, o tema principal do diário. Assim como Rugendas molda tanto seus desenhos como seu texto para a criação de um discurso onde a escravidão é denunciada<sup>119</sup>, Graham provoca os leitores para que eles se sintam incomodados com a escravidão, escancarando o lado mais vil da escravidão nas imagens cautelosamente inseridas. Embora o livro da viajante não tenha como foco as imagens, elas colaboram para a criação do discurso referente à escravidão, à natureza exuberante do Brasil e à independência iminente do país. Assim, o livro é uma espécie de guia para que os ingleses pudessem entender o estado das coisas

<sup>119</sup> Ver Slenes 1995/1996.

no país. Desta forma, convido o leitor para a última parada onde nos dedicarmos à análise dos escritos de Graham no que se refere a estes dois assuntos.

### 3. O olhar de Maria Graham: o Brasil pela pena de uma viajante inglesa.

Como vimos no capítulo 2, o *Journal of a Voyage to Brazil* foi fabricado a partir das memórias, sejam elas lembranças ou anotações de viagem, da autora, Maria Graham, sobre suas passagens pelo Brasil. A dificuldade de comparar o que ela escreveu enquanto esteve no país, pela ausência do diário pessoal da viajante, com o que foi publicado já é conhecida do leitor. Também já citamos os temas presentes no diário: política, escravidão, sociedade e natureza. Os principais temas do diário são política e escravidão, pois, além de estarem presentes durante toda a narrativa, eles são o principal foco de interesse do público, como indicam as críticas ao livro analisadas no capítulo 1. Além disso, a própria autora afirma no seu prefácio que seu objetivo é contar uma história política do país e faz isso por meio de um diário, gênero narrativo que confere sentido aos episódios escolhidos para a narrativa.

Apesar da escravidão ser um assunto político, há uma divisão entre este tema e a situação da política vivida naquela época no Brasil. Como discutimos no capítulo anterior, muitas vezes ela reproduz documentos e discursos inteiros, que ocupam longas páginas do seu diário, enquanto outras vezes as entradas não passam de um breve parágrafo. Sendo assim, a inserção de documentos para a publicação é uma das evidências que temos que o diário foi alterado, ou seja, não foi escrito no calor do momento, mas pensado para a publicação, palavra por palavra, após a escritura do diário original. Desta maneira, qual o objetivo da autora ao inserir estes documentos? Não analisaremos os documentos ponto a ponto<sup>120</sup>, o que faremos é investigar as particularidades da análise feita por Graham, antes ou depois da transcrição dos documentos. Ao fazer isso, analisaremos também o entorno e, assim, examinaremos o objetivo da autora ao reproduzir aquele documento ou discurso ao invés de outro.

---

<sup>120</sup> A análise minuciosa dos documentos reproduzidos por Graham foi feita por outros pesquisadores, como Isadora Eckardt e Sylvia Porto Alegre, suas obras estão listadas na bibliografia, ao lado das outras pesquisas que versam sobre a análise dos fatos políticos descritos pela autora inglesa.

Conforme discutido anteriormente, ela ficou “absolutamente enojada”<sup>121</sup> ao se deparar com a escravidão em Pernambuco<sup>122</sup>. Outras dezesseis vezes ela fala da escravidão, sempre se referindo a este sistema como uma forma ruim de mão de obra, tanto para a lavoura, quanto para o serviço doméstico. Em uma passagem, ela diz que foi surpreendida pela quantidade de crianças em uma festa, quando estas já deviam estar dormindo. Quando questionou a presença infantil no evento, uma das mães relatou que caso elas não estivessem ali, estariam em casa com escravas que não reproduziam o padrão moral desejado para a educação das crianças. Ao relatar isso, Graham mostra também seu preconceito para com os escravos, pois, como vimos, embora ela tivesse uma opinião bastante forte contra a escravidão, a autora também nutria certa intolerância pelo jeito “desajeitado” e “sem moral”<sup>123</sup> dos escravos. Encontramos aqui uma contradição: a autora se mostra contra a escravidão e também contra os valores morais dos escravos, criando com isso uma dicotomia entre escravidão e escravos. Assim, vemos que a forte aversão a escravidão não caminha ao lado da simpatia pelos africanos e seus costumes. Com isso, temos que embora despreze a instituição servil trazida pela escravidão, Graham não acredita numa plena inserção dos negros na sociedade, pois eles não compartilham dos mesmos valores morais que os brancos. O que também pode ser observado no capítulo 2, na passagem em que o liberto beija a mão da Imperatriz.

Para associar estes dois principais temas do livro, usaremos um conceito repetido diversas vezes pela autora, a questão da liberdade. Este tema transpassa toda a narrativa de Graham, por vezes falando de liberdade em termos políticos ou associada à abolição. Assim ela direciona sua descrição do Brasil para temas que interessavam os leitores ingleses. Em diversas partes do livro ela usa as palavras “freedom” e “liberty”, palavras com tradução igual para o português, mas com usos particulares: a primeira é utilizada com um sentido pessoal e a segunda quando se trata de um assunto mais formal, ou que tenha bases legais, sendo assim um sentido político. As palavras são utilizadas tanto no contexto da escravidão quanto ao no que tange a independência do Brasil – em alguns momentos elas ainda são utilizadas no sentido de emancipação das mulheres, para que

---

<sup>121</sup> As palavras aqui são de Graham ao entrar no primeiro mercado de escravos em Pernambuco. Mais uma vez, o uso do adjetivo vem para criar um ambiente de empatia para com o seu leitor.

<sup>122</sup> Aos poucos, porém ela foi se acostumando com a presença dos escravos, ela chegou a ter uma escrava, Ana, a qual lhe foi presentada pela Imperatriz, quando ela retornou ao Brasil para cuidar da educação da princesa Dona Maria da Glória.

<sup>123</sup> Novamente aqui estas são palavras de Graham que se encontram respectivamente nas páginas e como “clumsy” e “with no moral”.

tivessem mais acesso aos documentos e sessões da câmara, mas este ponto não entrará na nossa discussão. Com isso, seria a liberdade a questão central do livro, já que é utilizada ao se referir aos dois principais temas da narrativa de Graham? Passaremos a seguir ao exame mais detalhado das palavras relacionadas à liberdade para entendermos se é possível considerar a liberdade como linha que costura a narrativa.

### *3.1 Liberdade: um tema que costura a narrativa?*

Passaremos agora aos contextos nos quais as palavras “freedom”, “free”, “liberty” e suas variantes aparecem no relato de Graham. A palavra “liberty”, cujo primeiro uso data do século XIV, aparece 22 vezes na narrativa, sempre relacionada ao contexto de libertação dos escravos ou da emancipação do povo e da corte brasileiros frente a Portugal. “Liberty” segundo o dicionário Merriam-Webster, tem um sentido mais formal, referindo-se à um privilégio, seja ele outorgado a um indivíduo por outrem ou de um poder despótico. Logo, relaciona a escravidão de africanos com a escravidão política da monarquia portuguesa que buscava naquele momento se reinventar longe do velho continente. Já as palavras e variantes de “free”, considerando-se que “freedom” é uma dessas variações, aparecem 98 vezes ao longo do diário. O uso desta palavra data de antes do século XII, e ela está ligada à um uso mais pessoal. Lembramos aqui que as palavras podem ter usos diferentes de seus significados no dicionário. Buscamos entender, porém, como as palavras foram usadas por Graham, sendo o dicionário apenas uma ferramenta para possibilitar este entendimento.

De acordo com o mesmo dicionário, ela se refere à indivíduos que gozam de direitos políticos, civis e liberdades individuais, bem como à não subjeção à um governo. Portanto, ela também é aplicável tanto à escravidão quanto à independência, porém em situações diferentes. Esta palavra, porém, nem sempre está relacionada ao contexto da escravidão ou da independência do Brasil. Ela também aparece em passagens onde há a descrição de pessoas libertas – o que em certa medida pode ser considerado como parte do contexto da escravidão –, para falar da liberdade de espírito dos habitantes do país<sup>124</sup>,

---

<sup>124</sup> Se alongarmos o sentido do “free spirit” referindo-se ao povo brasileiro, podemos chegar a uma relação com a política brasileira, já que, como vimos no capítulo anterior, ela advoga em prol do povo brasileiro livre de Portugal. Assim, usando este adjetivo para os brasileiros, ela está de alguma maneira contribuindo para a formação da imagem do país, logo, pode-se associar este uso da liberdade à política.

para se referir ao livre comércio recém estabelecido no país, ou ainda em conjunturas muito diferentes disso, como veremos a seguir. Uma das situações em que aparece e não está relacionada aos principais temas do livro é numa passagem em que a autora diz que sente estar partindo de uma fazenda onde ela dispunha *livremente* do seu tempo – free disposal of time<sup>125</sup>. Apesar de haver a variação de livre, ou de “free” no original, aqui ela não está relacionada em nenhuma instância à escravidão ou política. Este, porém é um dos poucos lugares onde a autora utiliza a palavra sem relação com escravidão ou política.

Das 98 vezes que a palavra e suas variações aparecem nas 325 páginas do diário, 56 vezes se refere à escravidão, seja para falar de libertos – já que se são livres é porque um dia foram escravos – ou para expressar seus pensamentos sobre a escravidão; 26 vezes elas são usadas para se referir à libertação do Brasil de Portugal; outras 16 vezes ela aparece sem estar relacionada a nenhum destes contextos, como demonstrado acima. Mesmo antes de sua chegada ao Brasil, em sua passagem pelas ilhas Canárias, ela fala da liberdade imprensa no local. Assim, o vínculo das variações de liberdade e da escravidão mostram-se em evidência nos relatos de Graham. Muitas vezes, o adjetivo é utilizado para se referir aos libertos. Um dos destaques que podemos dar neste caso é quando ela percebe que a escravidão é tão naturalizada no país que mesmo os libertos, ou seja, aqueles que conhecem a fundo o que é ser um escravo, possuem escravos. Diz ela,

Alguns dos negros *libertos* ficaram muito ricos. Um *liberto*, quando sua loja ou jardinagem pagou seus cuidados, vestindo a ele e a sua esposa cada um em bonitas roupas pretas com colares e pulseiras para a senhora e fivelas de ouro para os joelhos e sapatos, para adquirir suas meias de seda, muitas vezes muito mais que isso, e consegue sustentar sua comida diária. Muitos, de todas as cores, quando conseguem comprar um negro, se isentam de maiores trabalhos. Eles fazem os negros trabalharem por eles, ou mendigar por eles, assim eles conseguem comer seu pão tranquilamente sem se preocupar com a forma como ele é conseguido.<sup>126</sup>

---

<sup>125</sup> A passagem original diz: I was very sorry indeed this morning at sunrise, when I saw the boats ready to convey us from N.S. da Luz, where we had enjoyed three days as much as possible; a cheerful party, a kind host, free disposal of our time, and no business but such as might beseem the individuals of this castle of indolence, “where every man strolled off his own glad way”. Grifo nosso.

<sup>126</sup> Livre tradução de: Few even of the free negroes have become very rich. A free negro, when his shop or garden has repaid his care, by clothing him and his wife each in a handsome black dress, with necklace and armlets for the lady, and knee and shoe buckles of gold, to set off his own silk stockings, seldom toils much more, but is quite contented with daily food. Many, of all colours, when they can afford to purchase a negro, sit down exempt from further care. They make the negro work for them, or beg for them, and so as they may eat their bread in quiet, care little how it is obtained. (126) Grifo nosso.

Nesta passagem ela encontrava-se em Pernambuco, em sua primeira passagem pelo país, portanto em meio às disputas entre brasileiros e portugueses na região, e é a primeira vez que ela e seus companheiros saem do navio após o armistício. Ela também revela aos seus leitores que o estado tinha setenta mil habitantes, dos quais nem um terço era branco, os outros, *the rest* no original, eram mulatos ou negros. A palavra *freed* que no contexto atual se aplica a liberto, ainda não estava em uso na época da escritura do livro, portanto, assumimos que *free negro* se refere aos libertos, pois todas as vezes que as palavras aparecem juntas no livro, o contexto nos diz que se trata de pessoas que já foram escravas, mas conseguiram sua alforria. Ao se deparar com os negros libertos, que tinham escravos, ela parece se dar conta que no Brasil daquele momento, a escravidão não se resumia a homens brancos que dominavam pessoas negras e as forçava a trabalhar. Percebe então que a liberdade que ela tanto sonha para o mundo, talvez em um devaneio de mulher inglesa de classe média alta, estava muito mais distante do que ela pode imaginar, pois os próprios ex-escravos seguem escravizando seus semelhantes. A palavra “free” aqui refere-se, então à antiga condição de cativo que agora, já tendo vislumbrado a liberdade, escraviza outro, dificultando, assim, a propagação da liberdade a todos os indivíduos.

Ela também utiliza a palavra para se referir às características dos recém libertos, mostrando a seus leitores os fatores que indicavam que aquele indivíduo agora conhecia a liberdade. Neste trecho ela se refere às mulheres libertas: “Quando elas saem, eles usam uma capa ou manto; este manto é frequentemente das cores mais alegres; sapatos também, que são a marca da *liberdade*, são vistos em todas as cores, menos preto”<sup>127</sup> Este trecho aparece na longa entrada do dia 28 de setembro de 1822, na mesma entrada da mulher que ela vira espancando sua escrava na rua. Enquanto narra seu passeio pelo mercado da cidade, ela descreve as pessoas que vê, entre eles os libertos que se vestem como os crioulos portugueses e as libertas, descritas na passagem anterior. Aqui, além de usar a liberdade como sinônimo de civilização, ela busca mais uma vez a empatia do leitor ao falar das cores usadas pelos libertos, que, segundo ela, estão constantemente em vestes coloridas, criando uma imagem exótica – pois até seus sapatos trazem matizes diferentes do preto – dos negros que vivem no Brasil com o uso do adjetivo “alegre”. Assim, ela ignora sua origem africana e o sentido que esta origem pode ter. Não vamos analisar aqui

---

<sup>127</sup> Livre tradução de: When they walk out they wear either a cloak or mantle; this cloak is often of the gayest colours; shoes also, which are the mark or freedom, are to be seen of every hue, but black. (108)

todas as 56 vezes que a palavra é utilizada. Contudo, podemos perceber com estas passagens que o seu uso associado à escravidão, está bastante ligado aos libertos que já estavam em grande número no país, assim ela usa a palavra para mostrar ao seu leitor como era boa a liberdade, devendo ser para todos, sem distinção de cor<sup>128</sup> ou credo ainda que esta seja uma tarefa complicada e que, como vimos acima, os próprios libertos a tornem mais difícil.

Um último trecho em que ela usa a palavra *freedom* ao citar a fala de um negro que trata das condições dos escravos que vivem longe das casas dos brancos. Aqui ela usa três variações da palavra liberdade: *liberty*, *freedom* e *free*. Segundo ela,

Estes escravos de fora, pertencentes aos grandes engenhos, em geral estão melhores do que aquele cujo condição está próxima à do mestre, porque “quanto mais o senhor é removido de nós, em lugar e posto, maior é a liberdade [*liberty*] que gozamos; nossas ações são menos inspecionadas e controladas e mais fraca se torna a comparação em meio à nossa subjeção e liberdade [*freedom*], ou até dominação do outro.” Mas, quando existe, o conforto dos escravos é precário. Aqui não é raro dar liberdade [*freedom*] a um escravo quando ele está muito velho ou muito doente para trabalhar; isto significa, jogá-lo na rua para que ele mendigue ou morra de fome.<sup>129</sup>

No primeiro e no segundo uso, Graham se refere a uma liberdade limitada ao cativo, uma liberdade relativa gozada por alguns escravos, dependendo da proximidade de seus senhores. Na terceira utilização a palavra aparece como o oposto de escravidão. Este excerto está na entrada do dia 24 de outubro de 1822, quando a autora se encontra na Bahia, numa expedição à Itaparica, quando ela descreve um passeio por um latifúndio e revela aos seus leitores que as choupanas onde os negros gozam de um pouco mais de liberdade são mais limpas e confortáveis que ela esperava. Liberdade neste contexto pode ser interpretada de maneira positiva ou negativa. Positiva quando os escravos desfrutam de maior liberdade quando seu trabalho não inclui serviços domésticos. Desta forma, uma das acepções possíveis é que a autora quer que seus leitores pensem que o serviço na lavoura não é tão cruel quanto parece ser. Assim, o uso da palavra se integra à narrativa

---

<sup>128</sup> Quanto à cor ela se refere à negros, mulatos e os distingue quanto à tonalidade da pele.

<sup>129</sup> Livre tradução de: These out-of-door slaves, belonging to the great engenhos, in general are better off than the slaves of masters whose condition is nearer their own, because, “the more the master is removed from us, in place and rank, the greater the liberty we enjoy; the less our actions are inspected and controlled; and the fainter that cruel comparison becomes betwixt our own subjection, and the freedom, or even domination of another”. But, at best, the comforts of slaves must be precarious. Here it is not uncommon to give a slave his freedom, when he is too old or too infirm to work; that is, to turn him out of doors to beg or starve. (144)

de forma que ora aparece como substantivo, ora como adjetivo e é usada tanto para qualificar quanto para desqualificar os escravos. Com isso ela cria sentidos contextuais de acordo com o que deseja transmitir ao seu público

Passando às interpretações negativas, ela diz que os escravos que executavam serviços domésticos eram constantemente lembrados de sua condição de cativos, pois estavam sempre em contato com homens livres e estavam mais sujeitos a punições por estarem sempre sendo vigiados, o que reaviva o lado desumano da escravidão. Graham não revela de quem é a fala citada, mas podemos inferir que ela é de um escravo, pois ela está narrando o contato que teve com eles em Itaparica. Com esta fala, confirmamos, que a distância do senhor era melhor para os escravos, pois, mesmo cativos, eles dispunham de algumas liberdades individuais que aqueles que trabalhavam muito próximos aos senhores não tinham. Quando este escravo diz que o “o senhor é removido” deles, ele mostra que o sistema é tão ligado à condição de vida deles que é preciso quase que uma cirurgia para separar um do outro. Esta perversidade é reforçada pela passagem seguinte, quando a autora apela mais uma vez à empatia do leitor dizendo que velhos e enfermos são libertados como forma de os senhores se livrarem de um problema. Ou seja, mais uma vez pessoas menos capazes são colocadas em cena para descrever as atrocidades do sistema escravista: primeiro as crianças dos mercados de escravos apanhando e sem ter o que comer e vestir, depois os idosos e doentes jogados na rua para morrerem. Com esta postura, Graham, se mostra novamente contra a escravidão, dizendo que ela pode ser cruel mesmo quando dá aos escravos o que eles, segundo ela, mais desejam, a liberdade.

No contexto da independência, a palavra aparece em menor número, pouco menos da metade do cenário da escravidão. Especulamos, porém, que a autora considera que o Brasil está subjugado à Portugal da mesma forma que os escravos estão aos seus mestres. Isso porque ela fala dos dois temas com a mesma paixão: defende a abolição da escravidão por ser um modelo econômico-social pouco lucrativo e cruel; e reconhece que a independência é o melhor caminho para o Brasil pois a colônia oferece mais riquezas em recursos naturais e mão de obra que a metrópole. A maior parte das passagens nas quais as variantes de “free” se encontram relacionadas à liberdade do país são citações de discursos e documentos oficiais sobre a recente independência do Brasil. Portanto, analisaremos aqui duas passagens nas quais a autora debate a libertação do país. Na primeira ela discorre sobre a vontade política dos pernambucanos e baianos de se

separarem de Portugal, cuja vontade, neste momento era compartilhada com as províncias do Sul.

A impossibilidade de continuar unido a Portugal havia ficado cada vez mais aparente. Todas as províncias do Sul estavam ávidas para declarar sua independência. Pernambuco e suas dependências há muito manifestavam desejo semelhante e a província da Bahia estava igualmente inclinada à liberdade, embora a cidade estivesse cheia de tropas portuguesas sob o comando de Madeira e recebendo constantemente reforço e suplementos de Lisboa.<sup>130</sup>

Aqui é demonstrado que havia a vontade política de muitas províncias de se separarem de Portugal e os esforços de Portugal para manter sua maior colônia sob seu comando. Ou assim ela queria que seus leitores pensassem. Como vimos, ela era a favor da independência do país. Não sabemos se ela já tinha esta inclinação ao chegar ao país, mas quando o entregou para a publicação na Inglaterra, ela era evidente, já que inclusive se tornara amiga da Imperatriz e iria voltar ao país para educar a princesa. Ainda assim, ela quer que seu leitor acredite que ela já era a favor da separação entre Brasil e Portugal desde antes de chegar ao país. Com isso, ela constrói uma imagem do Brasil escravizado por Portugal, de modo que a noção de liberdade opera uma interpretação política da então união entre os dois países. Logo, todos os argumentos a favor da independência utilizados neste trabalho, têm em vista que ela escreve o livro “para inglês ver”, ou seja, ela constrói uma argumentação que vai fazer com que os seus leitores sigam o mesmo pensamento que ela: a abolição e a independência são necessárias e mais que isso, os brasileiros querem a independência, sinônimo de liberdade.

Neste trecho, Graham busca convencer seus leitores que os brasileiros queriam o fim da dominação política lusitana, e começa a criar uma imagem positiva do Brasil, pois a vontade do povo é libertar-se da “tirania”, palavra da autora, da metrópole.<sup>131</sup> Este excerto, que encontra-se na terceira parte do livro, quando a autora resume os acontecimentos do país na sua ausência, é precedido de um relato de uma viagem do

---

<sup>130</sup> Livre tradução de: The impossibility of continuing united to Portugal had become daily more apparent. All the southern provinces were eager to declare their independence. Pernambuco and its dependencies had long manifested similar feeling, and the province of Bahia was equally inclined to freedom although the city was full of Portuguese troops under Madeira, and receiving constant reinforcements and supplies from Lisbon.

<sup>131</sup> É possível pensar com este trecho que além de criar um quadro positivo do Brasil ela quisesse também ajudar a reconstruir a imagem de Lorde Cochrane, que viera do Chile para ajudar na reconquista dos territórios brasileiros dominados por Portugal, como Bahia e Maranhão. Graham ficara sob sua proteção durante sua estadia no Chile e regressara ao Brasil acompanhando-o. Sempre que se refere a ele, a autora assume um tom elogioso, sempre falando positivamente a seu respeito. Isso porém é assunto para uma outra pesquisa.

Príncipe Regente pelas províncias do interior do país, onde ele é saudado pelo povo como Rei Constitucional do país, embora ainda não o fosse. Ela também narra o episódio do dia 13 de maio de 1822, aniversário do Rei Dom João VI, onde é concedido à Dom Pedro, pelo senado e pelo povo o título de Defensor Perpétuo do Brasil, passando seu título a ser Príncipe Regente Constitucional e Perpétuo Defensor do Reino do Brasil. Posteriormente ele passaria a ser o Imperador Constitucional e Perpétuo Defensor do Brasil.

A próxima passagem, que se encontra no dia 14 de abril de 1823, se refere a outros processos de independência que ocorrem na América Latina no mesmo período, diz ela,

Eu digo alegremente porque estou convencida que cada semana e mês passaram sem mudança, é de consequência infinita tanto para o presente quanto para o futuro das colônias espanholas. Enquanto elas tiveram que lutar por suas independências, enquanto eles tinham que emendar os abusos de seu antigo governo, mudanças frequentes eram inevitáveis, mas naturais; mas agora que eles são independentes, e tem suas constituições, que, se não são perfeitas, contém os princípios de liberdade e grandeza, estes princípios devem ter tempo e paz para crescer e se adaptar aos talentos do povo.<sup>132</sup>

Optamos por colocar a frase anterior à que se encontra a palavra liberdade por ela demonstrar seu sentimento de alegria e felicidade ao tratar das independências latino-americanas, pois segundo o que ela mostra em seu diário, a soberania do povo de um lugar era essencial para o seu desenvolvimento, como manifesta no trecho acima. Assim, mesmo que não esteja se referindo ao Brasil, ela mostra o quanto a liberdade era importante para garantir a soberania de um país, ainda mais de um país com as dimensões do Brasil, embora o seu mapa ainda não estivesse completo, ou seja, liberdade como soberania e princípio político, como ensinamento cívico. Com isso, vemos o intento da autora em projetar uma imagem do Brasil como futura potência, pois tem as riquezas naturais, um povo forte, alegre e que luta por seus objetivos. É possível inferir, portanto que o que falta para o Brasil alcançar toda a sua potencialidade é se tornar independente, ter uma constituição e acabar com a escravidão, numa palavra, se tornar livre. Embora, como vimos na passagem anterior, ela manifeste que alforriar escravos velhos e doentes não seja uma boa prática, em nenhum momento ela aponta soluções para o destino dos

---

<sup>132</sup> Livre tradução de: I say happily because I am convinced that every week and month passed without change, is of infinite consequence both to the present and future wellbeing of the Spanish colonies. While they had still to struggle for their independence, while they had to amend the abuses of their old government, frequent changes were unavoidable, but natural; but now that they are independent, and they have constitutions, which, if not perfect, contain principles of freedom and greatness, those principles should have time and peace to grow, and to suit themselves to the genius of the people.

escravos que não tem mais condições de trabalhar. Logo se a escravidão contamina, a liberdade também pode contaminar.

A palavra “liberty”, que, como dito anteriormente aparece 22 vezes ao longo da narrativa, tem usos diferentes, podendo se referir à liberdade indígena, de imprensa, dos indivíduos ou do país. Dezesseis destes usos aparecem na terceira parte do diário, ou seja, quando o Brasil já estava independente, sendo que metade se refere à independência. Um dos empregos da palavra que não está associado à independência foi visto acima, quando ela afirma que os escravos gozavam de maior liberdade quanto mais distantes estavam da casa grande. Assim, analisaremos aqui dois dos oito empregos da palavra associadas à independência, pois todos os seus usos estão nos discursos e documentos da independência. Em função disso, analisaremos o comentário da viajante, além da passagem onde “liberty” aparece, para podermos ter também a visão da autora.

O primeiro fragmento é um discurso do imperador. Antes dele temos um comentário da autora no qual ela não usa “liberty”, porém “free” e “freely” aparecem em seu comentário. Esta explicação do que os leitores vão ler, a criação uma cena para o discurso do Imperador tem o intuito de direcionar seus leitores novamente para a questão da liberdade, que, tanto neste trecho quanto no discurso de Dom Pedro, aparece floreada, mostrando que este é o futuro de um país com as dimensões do Brasil. Passemos a ele,

O Imperador, tendo deixado sua coroa e cetro com o oficial apropriado, e recebido juramentos de vários dos deputados, falou como se segue; e foi notável que, longe dos discursos que tem um ar de lido, ou estudado, foi falado *livremente* [freely], como se fosse espontâneo, efusivo, do momento e gerou em seu favor um sentimento tão *livre* quanto seu discurso. (...) ‘Nós deveríamos há muito ter desfrutado de representação nacional. Mas nem a nação percebeu a tempo seus reais interesses, ou, notando-os, foi incapaz de declará-los por conta das forças e ascendência da parte portuguesa; que percebendo claramente o grau de fraqueza, miudeza e pobreza que Portugal fora reduzido e o quão baixo o estado havia caído, nunca consentiria (no entanto, sua proclamação de *liberdade* [free], temendo a separação) que o povo do Brasil devia gozar de representação igual à que eles então possuíam’.<sup>133</sup>

---

<sup>133</sup> Livre tradução de: The Emperor having deposited the crown and the sceptre with the proper officer, and received oaths of several of the deputies, spoke as follows; and it was remarked, that so far from the speech having the air of a thing read from a paper or studied, that it was spoken as freely as if it was spontaneous, effusion of the moment and excited a feeling as free in his favour. (...) ‘We ought long since to have enjoyed a national representation. But either the nation did not in time perceive its real interests or, perceiving them, was unable to declare them, on account of the forces and ascendancy of the Portuguese party; which, perceiving clearly to what a degree of weakness, littleness, and poverty, Portugal was reduced, and to how low a state it had fallen, would never consent (notwithstanding their proclamation of *liberty*, fearing a separation) that the people of Brazil should enjoy a representation equal to what the themselves then possessed’. Grifo nosso.

Logo no começo do fragmento, observamos a construção da imagem positiva do Imperador, que, diferente de outros, fala livremente sem recorrer a papéis para dizer o que pensa. A construção de uma imagem positiva de Dom Pedro aparece em todo o livro, mais particularmente na segunda parte, ela o considera o salvador do país, o grande libertador dos brasileiros. O que podemos dizer aqui é que ela associa a figura de Dom Pedro à questão da liberdade, associação reforçada na transcrição do discurso do Imperador, no qual ele reproduz a ideia de que Portugal não queria que o Brasil tivesse uma representação que condissesse com o seu tamanho e importância para o reino de Portugal. Assim, se a liberdade era para Graham o melhor caminho para todas as nações, conceito desenvolvido quando trata de outras colônias europeias na América, Dom Pedro é o homem que fará isso acontecer. E ela espera que por meio da constituição que estava sendo discutida naquele momento, com a presença de José Bonifácio de Andrada na Assembleia Constituinte, que a escravidão seja abolida junto com a dominação portuguesa<sup>134</sup>. O debate sobre a abolição também na Inglaterra era crescente na Inglaterra, as ações abolicionistas da Rainha Vitória ganhavam popularidade no país e “o sentimento anti-escravidão havia penetrado e dominado o debate público”<sup>135</sup>. Já haviam discussões na Câmara dos Lordes, desde o final do século XVIII sobre a abolição. Em 1807 o parlamento britânico, já abordava a questão e entre este ano e o ano seguinte, 1808, votaram a abolição do trabalho escravo em todas as colônias inglesas<sup>136</sup>, o que aconteceu apenas em 1833. Nesta ocasião eles acabaram também com o negócio do tráfico de escravos, que era bastante rentável para os bretões. Com isso, eles vislumbravam um novo modelo de trabalho, onde o patrão não precisaria se preocupar com moradia, comida e vestuário de seus trabalhadores. Ali a indústria já crescia e tomava novos rumos, o que fez com que a escravidão se tornasse inviável. Ao mesmo tempo em que este debate ganhava as ruas, os trabalhadores assalariados cresciam nos grandes centros urbanos e industriais e estes também buscavam algum tipo de liberdade, ou independência<sup>137</sup>.

---

<sup>134</sup> Mais tarde em sua narrativa, ela se frustra com o afastamento dos irmãos Andrada da Assembleia Nacional, dizendo que o país havia perdido dois de seus homens mais capazes.

<sup>135</sup> Huzzey. Cap. 4 p. 8 Livre tradução de: anti-slavery sentiment had penetrated and dominated public debate.

<sup>136</sup> Ver Huzzey e Griffin

<sup>137</sup> Ver Griffin, 2013.

Neste mesmo discurso do Imperador, encontra-se nosso próximo excerto. Aqui ele fala sobre a constituição,

Uma constituição na qual os limites dos três poderes sejam bem definidos, que eles nunca reiviniquem direitos, não deles próprios; mas devem ser organizados e harmonizados, que seja impossível para eles, mesmo quando o tempo caducar, se tornarem inimigos um do outro, mas devem conjuntamente contribuir todos os dias para a felicidade geral do estado. Em suma, uma constituição que deva resistir às barreiras insuperáveis do despotismo, seja real, aristocrático ou democrático; derrotar a anarquia; e plantar a *árvore da liberdade* sobre aqueles que escondem a honra, a tranquilidade e a independência deste império, que ganhará a admiração do Velho e do Novo Mundo.<sup>138</sup>

Em seguida ele fala das constituições de França, Espanha e Portugal, elaboradas entre 1791 e 1792, dizendo que por terem sido elaboradas sobre bases teóricas, não funcionam na prática. Mas qual o motivo, caro leitor, de Graham inserir tal trecho de discurso em seu diário? Se ela buscava construir para seus leitores a imagem de um Imperador arrojado, justo e leal ao seu povo, a anexação deste discurso, no qual em vários trechos ele se refere à liberdade, é natural. A liberdade aparece aqui junto à clássica alegoria da árvore, logo, assim como ela, deve crescer forte e vigorosa, alegoria que vem do Iluminismo, passando pela Revolução Francesa e pela Revolução Americana. Com esta alegoria, ela demonstra para os seus leitores que assim como estes movimentos foram bem-sucedidos, a chegada da liberdade no Brasil também é um grande passo para o fortalecimento da nação brasileira que pode chegar a ser uma das mais fortes do mundo, assim como França e Estados Unidos o eram. Para isso, não poderia haver nem a dominação de Portugal, nem a escravidão, muito embora para Dom Pedro a abolição da escravidão não entrasse no mérito da discussão. Ela utiliza as palavras do Imperador para mostrar aos seus leitores que ele é a melhor pessoa para governar o recém independente Brasil.

Tendo isso em vista, podemos extrair destas passagens que a afirmação do princípio da liberdade é o que conduz a escritura do livro de Graham, se não o único, um dos principais. Muitas vezes ela entra sutil e tímida, apenas para em trechos nos quais a autora

---

<sup>138</sup> Livre tradução de: A constitution in which the limits of the three powers shall be well defined, that they may never arrogate rights not their own; but shall be so organized and harmonized, that it shall be impossible for them, even in the lapse of time, to become inimical to each other, but shall every day jointly contribute to the general happiness of the state. In short, a constitution which shall oppose insuperable barriers to despotism, whether royal, aristocratic, or democratic; defeat anarchy; and plant that tree of liberty under whose shadow the honour, tranquillity, and independence of this empire, which will become the admiration of the Old and New World, must grow.

não se refere à política e escravidão, como vimos acima, mostrando que há lugares no país em que a liberdade reina, mesmo que por um curto período de tempo. Outras vezes aparece escancarada, mostrando que o futuro do país é livre das amarras de Portugal e que a constituição deve pregar a liberdade. Ou mesmo quando ela demonstra que longe dos senhores os escravos gozam de maior liberdade. Assim temos no decorrer da narrativa sentidos variados da palavra: ela aparece como premissa política, como oposto de escravidão, como ensinamento cívico, como forma de revelar pessoas, como descrição da natureza, entre outras. Conhecendo o fio condutor do livro, ou um deles, passaremos a seguir à discussão sobre a escravidão e também sobre o choque sofrido pela autora em seus primeiros contatos com a escravidão.

### *3.2 Quando a imaginação encontra a escravidão: o reflexo do debate sobre a escravidão na narrativa de Graham*

Em seus primeiros dias no Brasil, os tripulantes e passageiros do navio de Graham receberam instruções para não aportar, pois Pernambuco estava em estado de sítio devido às investidas brasileiras em busca da independência. Este assunto, contudo, será discutido no próximo tópico, o que nos interessa aqui, é que mesmo com a prescrição para não descer do navio, a autora desceu, pois “nunca tinha visto uma cidade em estado de sítio antes”. E ao descer da embarcação e caminhar pela cidade, ela se depara com um mercado de escravos. Nesta excursão, ela, que já havia lido muito sobre escravidão e havia, com isso, criado uma imagem mental do que seria a escravidão, teve sua imaginação confrontada com a realidade pela segunda vez desde que chegara ao Brasil. Na primeira o confronto foi positivo e ela se maravilhou com a natureza brasileira. Desta vez, porém, o choque foi negativo. Em suas palavras,

Mal tínhamos andado cinquenta passos Recife adentro quando ficamos absolutamente enojados ao nos depararmos com um mercado de escravos. Era a primeira vez que os rapazes e eu estávamos em um país com escravidão; e por mais forte e comovente que possam ser os sentimentos relacionados à escravidão, quando a imaginação cria imagens, elas não são nada comparadas à assombrosa visão de um mercado de escravos. Devido às circunstâncias da cidade, o local de armazenagem era pequeno, o que fazia a maioria dos donos manterem os novos escravos trancados em vagões. Assim, por volta de cinquenta jovens criaturas, meninos e meninas, com aparência doente e faminta em consequência da comida escassa e do longo confinamento em lugares insalubres, estavam sentados e deitados junto aos animais imundos da rua. A visão nos fez voltar ao navio com o coração partido: e com a resolução

profunda de que nada ao nosso alcance deveria ser considerado pouco ou muito para inclinar-se à abolição ou ao alívio da escravatura.<sup>139</sup>

Podemos perceber com isso, que as cenas que ela viu, embora o mercado estivesse fechado em função do bloqueio, a chocaram profundamente. A narrativa não foi feita apenas porque ela se escandalizou com aquela cena, mas também para impressionar os leitores. Assim, vemos que o livro não era apenas uma denúncia do sistema abolicionista, ele servia para engrossar o debate público sobre escravidão na Inglaterra, já que alguns ainda eram a favor da escravidão. Se não houvessem pessoas que defendessem este sistema, a abolição teria ocorrido anos antes. Logo, as cenas relacionadas à escravidão criadas por ela no decorrer do livro servem também para engrossar o coro abolicionista revelando todas as crueldades da escravidão, com o objetivo de acelerar a abolição.

Graham acompanhava pelos jornais as discussões sobre a abolição e provavelmente havia lido livros sobre escravidão, se acreditarmos no seu relato. Podemos pensar que ela já se considerava abolicionista pelas suas leituras e pelas opiniões fortes que ela exprimia, porém, o contato com pessoas escravizadas fez com que seus sentimentos abolicionistas crescessem. Isso pode ser também uma estratégia para criar empatia com o leitor convencê-lo de que a escravidão não era interessante nem economicamente nem do ponto de vista humano. Logo ela apela para os direitos humanos fundamentais, que estavam em período gestacional naquele momento e que deveriam também se aplicar aos direitos dos negros. Assim, ela produziu as imagens em que mostra os escravos sendo torturados e agredidos nos mercados de Pernambuco e do Rio de Janeiro, que vimos e analisamos no capítulo 2. Esse efeito produzido pela narrativa, seja ela feita por imagens ou palavras, era, portanto calculado por Graham. Seu horror só cresceria, chegando ao ponto discutido acima em que os escravos eram libertados para morrerem à própria sorte quando ficavam velhos ou doentes. Mas como o livro de Graham se encaixa no diálogo que acontecia na Grã-Bretanha sobre o abolicionismo? Ela se considerava mesmo uma promulgadora da

---

<sup>139</sup> GRAHAM, Maria. Op. Cit. p. 188. Livre tradução de “we had hardly gone fifty paces into Recife, when we were absolutely sickened by the first sight of a slave-market. It was the first time either the boys or I had been in a slave- country; and however strong and poignant the feelings may be at home, when the imagination pictures slavery, they are nothing compared to the staggering sight of a slave market. It was thinly stocked owing to the circumstances of the town; which cause most of the owners of new slaves to keep them closely shut up in the depôts. Yet about fifty young creatures, boys and girls, with all the appearance of disease and famine consequent upon scanty food and long confinement in unwholesome places, were sitting and lying about among the filthiest animals in the street. The sight sent us home to the ship with the heart-ache: and resolution, “not loud but deep”, that nothing in our power should be considered too little, or too great, that can tend to abolish or alleviate slavery.”

liberdade dos indivíduos ou só viu a oportunidade de usar a demanda britânica acerca da escravidão para vender seu livro?

Procedamos por partes. Para responder a questão, antes é preciso discutir a construção da imagem da escravidão desenhada por Graham em seu livro. Segundo Marcelo Alves Cerdan,

Ao que as pistas indicam, a escravidão retratada por Maria Graham em seu livro foi se construindo também no seu dia-a-dia, com as experiências que teve a partir dos contatos com as pessoas. Não que ela tenha “baldado” todas suas ideias preliminares acerca do assunto, mas de certa forma foram se agregando elementos experimentados por ela em suas relações, a partir da assimilação dos valores de seus interlocutores.<sup>140</sup>

Vemos assim que por mais que acompanhasse o debate sobre a escravidão e abolição em curso desde 1807 no parlamento britânico e mesmo que nutrisse forte rejeição à escravidão desde antes de vir ao Brasil, a visão sobre a escravidão que aparece no livro de Graham é também baseada nas experiências que ela viveu no país. A visão de Cerdan acerca da construção abolicionista de Graham corrobora com o fato de que as cenas apresentadas por ela sobre a escravidão foram colocadas intencionalmente no diário com o objetivo de engrossar o debate abolicionista. Com isso, a forma como ela descreve a escravidão para seus leitores, assim como todo o diário, foi arquitetada com base nas suas experiências no país e também no conhecimento prévio que ela tinha sobre o assunto.

No período da publicação do livro, ou seja, no início do século XIX, o assunto já não dividia opiniões na Inglaterra, o senso comum já apontava o fim da escravidão como certo. De acordo com Richard Huzzey, o debate acerca da escravidão se tornou maior e mais eficaz no período vitoriano, portanto após a publicação do livro de Graham. Porém, como dito anteriormente, a discussão já existia, segundo Huzzey,

ações anti-escravidão pelo governo britânico datam da regulação do tráfico de escravos pelo Sir William Dolben em 1788. A abolição nacional do comércio de escravos em 1807 foi acompanhada por patrulhas navais para reforçar o banimento da comercialização de

---

<sup>140</sup> CERDAN, Marcelo Alves. *Maria Graham e a escravidão no Brasil. Entre o olhar e o bico de pena e os leitores do diário de uma viajante inglesa do século XIX*. Revista de História Social Nº10. Campinas, 2003. pp. 134. Cerdan utiliza a versão traduzida do livro de Graham, de 1956. Nós optamos pelo original pelos motivos explicitados na introdução.

escravos e, como gradualmente permitido por tratado e lei, parar a participação estrangeira no tráfico também.<sup>141</sup>

Como estas decisões, acordos e tratados chegavam aos jornais<sup>142</sup>, Graham, assim como todos os leitores de jornais, tinha acesso a elas. Muitas vezes, principalmente no ano de 1807, os artigos eram de página inteira, o que revela a importância que o assunto tinha na sociedade britânica. O fato de haver um debate no parlamento não indica que todos eram a favor da abolição, ou então não haveria debate sobre o assunto. A opinião pública ainda divergia sobre o assunto, daí a necessidade de um livro que mostrasse os horrores da escravidão. Com isso em mente, podemos analisar outros trechos do diário para demonstrar a construção da imagem da escravidão por parte de Graham. O primeiro deles aparece no dia 28 de setembro de 1821, logo após a passagem que vimos no trecho anterior sobre a mulher que espancava sua jovem escrava na rua. Neste período, Pernambuco, o lugar onde ela estava, encontrava-se em estado de sítio, em função das disputas entre brasileiros e portugueses pela independência ou não do país. Por isso, havia carência de dinheiro na localidade. Diz ela sobre o comércio de escravos,

Agora, o dinheiro é tão escasso que um comprador não é facilmente encontrado, e uma nova agonia é acrescentada à escravidão: o fracassado desejo de achar um mestre! O resultado disso é que estas pobres criaturas são mandadas a diferentes esquinas com indiferença e desespero – e se uma criança tenta se arrastar do meio deles à procura de um divertimento infantil, um olhar de lástima é toda a simpatia que ela provoca. Estariam os patriotas errados? Eles colocaram armas nas mãos dos *novos* negros enquanto a recordação de seus países, de um navio negreiro e de um mercado de escravos está fresca em suas memórias.<sup>143</sup>

---

<sup>141</sup> HUZZEY, Richard. *Freedom Burning*. Livro tradução de Anti-slavery action by the British state dated back to Sir William Dolben's regulating the traffic in slaves in 1788. The abolition of the nation's slave trade in 1807 was accompanied by a naval patrols to enforce the ban on British slave trade and, as gradually permitted by treaty and law, to stop foreign participation in the traffic too.

<sup>142</sup> Encontramos mais de 4 mil referências à abolição do tráfico em jornais dos anos entre 1800 e 1809, sendo que no ano em que o tráfico foi proibido, 1807, há o maior número de entradas sobre o tráfico de escravos, mais de 1700 entradas, só dos jornais catalogados no site [www.britishnewspaperarchive.co.uk](http://www.britishnewspaperarchive.co.uk)

<sup>143</sup> Livro tradução de: Now, money is also so scarce that a purchaser is not easily found, and one pang is added to slavery: the unavailing wish of finding a master! Scores of these poor creatures are seen at different corners of the streets, in all the listlessness of despair – and if an infant attempts to crawl from among them, in search of infantile amusement, a look of pity is all the sympathy he excites. Are the patriots wrong? They have put arms into the hands of the *new* negroes while the recollection of their own country, and of the slave-ship, and of the slave-market is fresh in their memory. pp. 107.

Neste fragmento, vemos o apelo ao sentimentalismo quando a autora recorre à descrição de crianças ainda engatinhando sendo vendidas como escravos. Este sentimentalismo também aparece quando ela descreve a recordação dos “*novos negros*” e logo no começo do trecho ao dizer que a falta de dinheiro para compra de escravos faz com que estes sofram por estarem largados com indiferença nos mercados. Esses “*novos negros*” não necessariamente eram crianças, mas poderiam ser recém-chegados ao país, ainda sofrendo com a sua nova condição. Assim, aliado à perversidade do sistema, está o desdém com que estes seres são tratados em situações de emergência. Novamente, a criação destas cenas vem para criar um impacto nos leitores. O que fica claro nos trechos acima, é que ela desenha para seus leitores a imagem de uma escravidão muito cruel e muito vívida. Da mesma forma que para descrever as paisagens do país, ela usa muitos adjetivos e palavras marcantes para que seu leitor sinta a beleza do local, aqui ela usa o mesmo recurso para que o leitor perceba a crueldade da escravidão e de tudo o que está relacionado a ela, como o mercado de escravos e o navio negreiro. Assim, ela busca a empatia de quem lê seu livro, talvez motivada pela esperança de reunir mais pessoas em torno da causa da abolição da escravidão.

Ainda sobre este trecho, quem seriam os “patriotas que colocaram armas nas mãos dos novos negros”? Na nossa interpretação eles eram os brasileiros que buscavam também se libertar de Portugal e contavam com a ajuda dos negros para isso. Isso porque mesmo longe de suas terras natais, eles poderiam ajudar a construir um país onde teriam algum tipo de segurança e liberdade, desde que ajudassem nas batalhas pela independência pegando em armas.

O trecho a seguir vem corroborar com a ideia de que Graham buscava a afinidade dos leitores para que mais pessoas fossem contra a escravidão. Este trecho já é de sua segunda estadia no país, do dia 1 de maio de 1823, e conta um passeio até o mercado escravo do Rio de Janeiro. Fizemos questão de trazer fragmentos em que a autora trata dos dois mercados escravos cujas imagens aparecem no livro e que foram analisadas no capítulo 2. Mais uma vez, nos desculpamos pela longa citação, porém, ela se faz necessária para a construção do pensamento da autora. Segundo ela,

No dia de hoje eu visitei o Val Longo [Valongo] que é o mercado de escravos do Rio. Quase todas as casas nesta longa rua são depósitos para escravos. Passando pelas portas esta tarde, eu vi na maioria delas longos bancos colocados perto das paredes, nos quais jovens criaturas estavam sentadas, suas cabeças raspadas, seus corpos macilentos e as

marcas de recentes comichões em suas peles. Em alguns lugares as pobres criaturas estavam deitadas em esteiras, evidentemente muito doentes para sentar-se. Em uma das casas as portas estavam entreabertas e um grupo de meninos e meninas, que aparentemente não tinham mais que quinze anos de idade, e alguns muito menos que isso, estavam se debruçando sob suas portinholas e olhando fascinados para a rua. Eles evidentemente são negros consideravelmente novos. Enquanto me aproximava deles, pareceu que algo em mim atraiu a atenção deles; eles tocavam uns aos outros para ter certeza que todos me viram e então tagarelavam em seus próprios dialetos africanos. Com grande entusiasmo. Eu fiquei perto deles e, embora certamente com mais vontade de chorar, eu me forcei a sorrir para eles, parecer alegre e joguei beijos para eles com isso, eles pareceram encantados, pularam e dançaram como se devolvendo a minha civilidade. Pobres criaturas! Eu não conseguiria, mesmo que pudesse encurtar seus momentos de deleite acordando-os para a tristeza da escravidão; mas se pudesse, eu apelaria a seus mestres àqueles que os comprariam e venderiam, e imploraria a eles para que pensassem nas maldades que a escravidão traz, não apenas para os negros, mas também para eles próprios, não apenas para eles próprios, mas para as suas famílias e para a posteridade.<sup>144</sup>

Aqui vemos que ela não apenas joga com as palavras para construção de uma imagem ruim da escravidão, mas também se coloca, e daí podemos inferir que ela representa a libertação que os ingleses propagavam, como a fonte de alegria daqueles jovens escravos. Mais uma vez, ela apela aos jovens e crianças para mostrar aos seus leitores que as crueldades da escravidão, que não diferencia, seguindo o pensamento de Graham, pobres criaturas inocentes que ainda não conhecem a maldade. Como o leitor deve ter percebido o uso de adjetivos também é abundante nesta passagem. A partir deles podemos perceber que as qualidades positivas, como alegria, deleite e entusiasmo, sempre se relacionam com a autora, seja por que ela promove estes sentimentos nos escravos ou porque ela se força a senti-los quando está perto deles. A cena na qual ela lança beijos ao ar para os pequenos revela que ela tinha alguma empatia por elas, mas também que ela é superior a tudo aquilo, pois, embora se demore, não chega mais perto delas. Enquanto isso, os

---

<sup>144</sup> Livre tradução de: I have this day seen the Val Longo; it is the slave-market of Rio. Almost every house in this very long street is a depot for slaves. On passing by the doors this evening, I saw in most of them long benches placed near the walls, on which rows of young creatures were sitting, their heads shaved, their bodies emaciated, and the marks of recent itch upon their skins. In some places the poor creatures were lying on mats, evidently too sick to sit up. At one house the half-doors were shut, and a group of boys and girls, apparently not above fifteen years old, and some much under, were leaning over the hatches, and gazing into the street with wondering faces. They were evidently quite new negroes. As I approached them, it appears that something about me attracted their attention; they touched one another, to be sure that all saw me, and then chattered in their own African dialect with great eagerness. I went and stood near them, and though certainly more disposed to weep, I forced myself to smile to them, and look cheerfully, and kissed my hand to them, with all which they seemed delighted, and jumped about and danced, as if returning my civilities. Poor things! I would not, if I could, shorten their moments of glee, by awakening them to a sense of the sad things of slavery; but if I could, I would appeal to their masters, to those who buy, and to those who sell, and implore them to think of the evils slavery brings, not only to the negroes but to themselves, not only to themselves but to their families and their posterity. (227[GG2]-228)

adjetivos negativos, como tristeza, maldade, e doente, se associam à escravidão. Ela também cria a imagem da perversidade que a escravidão traria para todos os envolvidos com ela, sejam eles escravos, senhores ou seus descendentes e a descreve quase como uma praga que atingiria todos os envolvidos. Mais uma vez, a descrição auxilia o debate abolicionista, desta vez de forma mais concreta colocando os ingleses, centralizados na figura de Graham como libertadores dos negros.

Ademais, a mão de obra infantil naquela época era uma questão importante na manutenção da escravidão, segundo Carlos Valencia Villa e Manolo Florentino,

na medida em que a compra de escravos visava sobretudo à incorporação de trabalhadores imediatamente aptos à labuta no campo e nas cidades americanas, a aquisição maciça de infantes africanos respondia a circunstâncias muito específicas. Buscava prevenir a pressão abolicionista por meio do alargamento geracional da vida dos trabalhadores adquiridos e, além disso, do próprio potencial genésico da escravaria através das meninas compradas. Estamos, pois, face a uma demanda flexível em seus objetivos.<sup>145</sup>

Vemos com isso que os senhores não desejavam o fim da escravidão e com isso, continuavam a importar crianças da África para que a vida útil de seus escravos fosse maior. Isso mudava o padrão do tráfico. A partir de Vila e Florentino podemos também entender a quantidade de crianças encontradas por Graham no mercado de escravos. Assim ela utiliza a necessidade dos senhores de aumentar a vida útil de seus escravos para confrontar a crueldade da escravidão com a inocência das crianças, criando assim mais vertente para o debate abolicionista que ela buscava endossar.

O próximo trecho, último que será aqui analisado acerca da escravidão, se refere ao serviço prestado pelos escravos e traça um paralelo econômico com as perdas geradas pelo tráfico negreiro. Este trecho é também do dia 1 de maio de 1823. Nele a inglesa busca mostrar aos seus leitores que além de um sistema de trabalho perverso, ele é “o pior sistema de trabalho” existente. Como vimos no capítulo anterior, ela cria também a imagem do escravo como criatura sem moral, quando relata a presença de crianças numa festa para adultos, revelando, com isso, seus preconceitos para com os indivíduos escravizados – esta passagem, contudo, aparece logo no final do diário, diferente da passagem a seguir que está logo no começo da terceira parte do diário. Assim, podemos perceber que ela ataca a escravidão por várias frentes: seja dizendo que eles são pobres

---

<sup>145</sup> Florentino, Vila 2016.

criaturas sem condições de lutar por si mesmas, principalmente quando se refere a velhos, crianças e enfermos, questionando o caráter dos negros; quando relata que as escravas não passam os valores morais esperados para as crianças, motivo pelo qual as mães preferem leva-los a lugares impróprios para elas; ou ainda quando diz, como veremos a seguir, que este não é um modelo de trabalho adequado economicamente para aquele tempo. Em suas palavras,

Afinal, escravos são o pior e mais caro tipo de servos; uma prova é esta, eu acho. O pequeno pedaço de terra no qual é permitido a cada um o cultivo para seu próprio uso, em muitos latifúndios geralmente rende duas vezes mais em proporção do que a terra do mestre, embora menos horas de trabalho sejam dedicadas a ele. Eu tenho me esforçado até aqui, sem sucesso, conseguir obter o correto número de escravos importados para todo o Brasil. Eu temia que isso seria muito improvável para mim, em função da distância de alguns portos; mas eu não descansarei enquanto não obtiver pelo menos uma declaração do número que entrou na alfândega daqui durante os últimos dois anos. O número de navios vindos da África que eu vejo constantemente entrar no porto e as multidões que se aglomeram nas casas de escravos nesta rua, me convencem que a importação deve ser muito volumosa. A proporção comum de mortes na passagem é, conforme me disseram, cerca de um para cinco.<sup>146</sup>

Num misto de Adam Smith, contemporâneo da autora com outros autores da época, a Graham coloca que economicamente a escravidão não é um bom modelo de trabalho. Isso porque o senhor não paga um salário aos seus empregados, mas deve arcar com as despesas de moradia e alimentação, que podem ser superiores ao salário que lhes seria dado. A escravidão também não garante a eficiência do serviço, já que quando os trabalhadores são assalariados o empregador tem o poder de exigir mais do trabalhador em troca de seu salário. Podemos argumentar que num sistema escravista, o senhor também pode exigir mais de seu escravo, por meio de violência física. Porém, apelar para isso pode comprometer a integridade física do escravo, comprometendo também seu rendimento. Logo, um sistema assalariado seria melhor para o empregador

---

<sup>146</sup> Livre tradução de: After all, slaves are the worst and most expensive servants; and one proof of it is this, I think. The small patch that each is allowed to cultivate for his own use on many estates generally yields at least twice as much in proportion as the land of the master, though fewer hours of labour are bestowed upon it. I have hitherto endeavoured, without success, to procure a correct statement of the number of slaves imported into all Brazil. I feared, indeed, it will be hardly possible for me to do so, on account of the distance of some of the ports; but I will not rest till I procure at least a statement of the number entered at the custom-house here during the last two years. The number of ships from Africa that I see constantly entering the harbour, and the multitudes that throng the slave houses in this street, convince me that the importation must be very great. The ordinary proportion of deaths on the passage is, I am told, about one in five. (228-229)

financeiramente. Além disso, ele contribuiria para o desenvolvimento de uma sociedade igualitária e sem crueldades. Ela também não falou da resistência escrava, apenas critica o modelo durante todo o livro. Aqui, além de acusar os escravos de fazerem corpo mole ao trabalhar nas terras dos seus senhores, podemos notar claramente a relação com o debate sobre a escravidão em voga na Grã-Bretanha. Segundo o site do conselho do condado de Gloucestershire, no sudoeste da Inglaterra – site vinculado ao governo britânico – em 1823, portanto no ano anterior à publicação do diário, William Wilberforce (1759-1833)<sup>147</sup>

publicou seu ‘Apelo à religião, justiça, e à humanidade dos habitantes do reino britânico em favor dos escravos negros nas Índias Ocidentais’, onde ele dizia que a condição moral e espiritual dos escravos é derivada da escravidão. A emancipação total não era apenas moralmente e eticamente justificada, mas também uma questão de dever nacional perante Deus.<sup>148</sup>

Neste ano também aconteceu a formação da Sociedade de mitigação e gradual abolição da escravidão, que posteriormente se transformou na Sociedade anti-escravidão. Assim, vemos que o *Diário de uma viagem ao Brasil* se encaixa bem na discussão que havia na Inglaterra sobre a abolição da escravidão, construindo um discurso onde a imoralidade e a sua racionalidade econômica prevalecem. Além disso, a questão da liberdade, embora a palavra não apareça nestes trechos, está embutida em todos este discurso, pois, na perspectiva de Graham, sendo a escravidão imoral e economicamente ineficaz, a liberdade destes trabalhadores é o caminho para uma sociedade moralmente elevada e economicamente eficaz. Ela dialoga, assim com Wilberforce que diz que nenhum cristão pode ignorar os sofrimentos físicos todas as circunstâncias cruéis causados pela escravidão negra<sup>149</sup>. Isso pode ser encarado também como um indício da alteração dos escritos originais da autora, pois ela parece querer preencher as lacunas de um discurso

---

<sup>147</sup> William Wilberforce foi um parlamentar britânico muito influente na luta contra a escravidão na Grã-Bretanha. Junto à Thomas Clarkson, aprovou na *House of Commons* o ato de libertação de escravos, pouco antes de se aposentar, em 1825. Também foi figura atuante na luta pela abolição do tráfico negroiro.

<sup>148</sup> Livre tradução de: published his ‘Appeal to Religion, Justice, and Humanity of the Inhabitants of the British Empire in Behalf of the Negro Slaves in the West Indies’, which claimed that the moral and spiritual condition of the slaves stemmed from their slavery. Their total emancipation was not only morally and ethically justified, but also a matter of national duty before God.

<sup>149</sup> Wiberforce, 1823.

aboliconista que não viveu a escravidão – novamente aqui lembramos a dificuldade de confrontar os escritos originais do diário com o livro publicado.

Com isso, tendo em vista que, como discutido no capítulo 2 o interesse da autora era contar por meio de suas vivências a história política do Brasil e considerando que a escravidão era um viés da história que ela buscava transmitir aos seus leitores, passaremos agora à discussão dos assuntos relacionados à independência do Brasil relatados por ela em seu diário.

### *3.3 Diga ao povo que eu fico: a transcrição dos discursos de D. Pedro, a liberdade do povo brasileiro e a descrição dos eventos da independência.*

Chegamos agora ao segundo tema de destaque na narrativa de Graham. Como vimos no capítulo 2, ela tinha a intenção de fazer uma história política do Brasil, e provavelmente já tinha isso em mente quando embarcou na Inglaterra rumo às Américas. O que ela não sabia era que tipo de história iria contar, já que a independência era apenas uma das possibilidades para os eventos em curso. Considerando isso, e também tendo em mente que a escravidão também era um tema político, visto que ela queria dialogar com os aboliconistas ingleses ao tratar do tema, passaremos agora à discussão dos comentários da autora sobre os discursos relacionados à independência transcritos por ela em seu diário. Ademais, ela sempre relaciona abolição e independência à libertação de algum tipo de tirania, seja ela do senhor de escravos ou da metrópole portuguesa.

Como vimos, a discussão sobre a independência está mais presente na terceira parte do livro, ou seja, quando ela retorna ao país vinda do Chile. Neste ponto, o Brasil já havia declarado sua independência de Portugal e Dom Pedro já havia sido escolhido como governante e o povo brasileiro, segundo o relato de Graham, idolatrava sua família. Embora a política ganhe mais ênfase quando ela descreve a sua segunda visita ao Brasil, o assunto não é ignorado em sua primeira passagem pelo país, já que eventos importantes na cronologia da independência, como o dia do fico e os conflitos entre brasileiros e portugueses em Pernambuco aconteceram durante sua primeira estadia no país. Os conflitos em Pernambuco foram inclusive os primeiros assuntos relacionados à política relatados por ela, desconsiderando a introdução onde ela praticamente só narra fatos

políticos que aconteceram desde o descobrimento do país até a chegada da fragata Dóris em território brasileiro. Assumiremos aqui a ordem cronológica, como a do diário. Também não analisaremos todos os trechos que tratam do assunto, pois para isso teríamos que transcrever quase todo o diário. Assim, analisaremos dois pontos considerados importantes por Graham para a trajetória da independência brasileira, sendo o primeiro a insurreição em Pernambuco, período em que a inglesa chega ao país, seguido pelo dia em que Dom Pedro anuncia que ficará no país, contrariando as ordens de seu pai e da corte portuguesa. Posteriormente falaremos sobre algumas ações de Dom Pedro, cujo título agora era de Imperador Constitucional e Perpétuo Defensor do Brasil por parte de Dom Pedro, chegando assim à conclusão deste trabalho.

O primeiro trecho será a descrição de Pernambuco sitiada. Antes, porém daremos atenção a um trecho da introdução onde ela descreve a insurreição de Pernambuco em 1817. Optamos aqui por dar atenção a este trecho por ser a informação que ela tinha ao aportar em terras pernambucanas e também o motivo pelo qual seu marido fora encaminhado ao país. Segundo ela,

Os descontentamentos nas províncias do Norte iniciaram uma insurreição na capitania de Pernambuco. O povo de Recife e suas imediações tinham absorvido algumas das noções de governo democrático de seus mestres holandeses. Além disso, eles lembraram que seus esforços, sem qualquer ajuda do governo afugentaram estes mestres e restaurando à coroa a parte norte de seu domínio mais rico. Eles estavam, portanto, dispostos a ficar enciumados das províncias do Sul, especialmente do Rio, a qual consideravam mais favorecidos que eles próprios e estavam indignados pelos pagamentos de impostos e contribuições, dos quais nunca obtiveram proveito e que só servia para enriquecer as criaturas da corte, enquanto existia grande abuso especialmente na parte judicial do governo, que eles gostariam de ver modificado e corrigido. Estes foram os eventos que impulsionaram a insurreição de 1817, em Pernambuco, que ameaçou por muitos meses a paz, se não a segurança, do Brasil. O exemplo da América Espanhola teve influência e com isso um plano para a obtenção da independência foi desenvolvido, tropas foram criadas e disciplinadas, Recife sendo um ponto de segurança e fortificações foram iniciadas em Alagoas e Penedo.<sup>150</sup>

---

<sup>150</sup> Livre tradução de: the discontents in the northern provinces had broken into open insurrection, in the captaincy of Pernambuco. The people of Recife and its immediate neighbourhood, had imbibed some of the notions of democratical government from their former masters the Dutch. They remembered besides, that their own exertions, without any assistance from the government, had driven out those masters, and had restored to the crown the northern part of its richest domain. They were, therefore, disposed to be particularly jealous of the provinces of the south, especially of Rio, which they considered as more favoured than themselves, and they were disgusted at the payments of taxes and contributions, by which they never profited, and which only served to enrich the creatures of the court, while great abuses existed, especially in the judicial part of the government, which they despaired of ever seeing redressed. Such were the exciting causes of the insurrection of 1817, in Pernambuco, which threatened for many months the peace, if not the

Apesar deste trecho ter sido escrito depois de sua visita ao país, quando estava preparando o livro para publicação, ele revela que Graham era simpática às iniciativas que buscavam o rompimento com Portugal. Notamos isso na sua descrição da expulsão dos holandeses e quando diz que os nordestinos sentiam por terem que pagar impostos sem ver o retorno destes e ainda mais por terem que sustentar uma corte que não estava nem perto deles. Assim, mesmo sabendo que a escrita desta parte se deu depois de conhecer o país, vemos o lado que ela assume. Embora o clamor popular ao qual ela se refere seja uma interpretação política feita para defender o seu posicionamento de que a independência era o melhor caminho para o país e que Dom Pedro era quem iria trazer a liberdade para o Brasil. Esse partido que ela toma nas disputas da independência se revela no decorrer de todo o livro, principalmente, como veremos mais adiante, na segunda visita, quando ela se aproxima da Família Real e mais ainda da figura da Imperatriz.

O próximo fragmento foi escrito no dia 21 de setembro de 1821, data que a fragata aportou em território brasileiro. É bom lembrarmos que, embora simpática à ideia da independência do Brasil e das outras colônias da América Latina, assim como o abolicionismo foi tomando forma durante sua estadia, os elementos que culminaram na idolatria do Imperador e da Imperatriz foram da mesma forma se moldando de acordo com sua vivência. Embora o trecho relate acontecimento dos dias anteriores, ela só tomou conhecimento deles ao chegar ao país.

Apesar da disposição para a revolução, que estávamos cientes há muito existia em toda parte no Brasil, também havia inveja entre os portugueses e brasileiros, aumentados pelos acontecimentos recentes. (...) Esta manhã o sobressalto da cidade foi aumentado pela descoberta de vários homens armados escondidos nos campanários das igrejas, onde também estavam escondidas várias armas. Luiz do Rego é um soldado e está ligado à causa real. Ele serviu por um longo tempo junto ao exército inglês em Portugal e na Espanha e, se eu não estou enganada, esteve presente no cerco de São Sebastião. Ele é um homem severo e, especialmente entre os soldados, mais temido que amado – boa parte do regimento dos Caçadores deixou-o para juntar-se aos patriotas e formaram os batalhões mais eficientes no ataque da noite passada. Formou-se uma milícia razoavelmente armada e treinada com as pessoas da cidade. A cidade está bem abastecida de farinha de mandioca, carne seca e peixe salgado, mas os sitiados não permitem a entrada de provisões frescas. Todas as lojas estão fechadas e toda a comida é escassa e preciosa. A maior parte das pessoas que tem peças de valor em prataria ou joias, as empacotaram e alojaram nas casas dos mercadores ingleses. Muitas pessoas com suas esposas e famílias deixaram suas casas e refugiaram-se junto aos ingleses. Os últimos,

---

safety of Brazil. The example of the Spanish Americans had no doubt its weight, and a regular plan for obtaining independence was formed, troops were raised and disciplined, and Recife being secured, fortifications were begun at Alagoas and at Penedo. (57[I]-58)

que em sua maior parte, dormem nas casas de campo na vizinhança, chamadas de sítios, deixaram-os e permanecem todos juntos na casa dos contos no porto: em suma, tudo está incerto e alarmante.<sup>151</sup>

A imagem que ela traça aqui para seus leitores é de um estado que não pode mais prosseguir, já que seu líder maior, o governador, gera medo nos habitantes e está ligado ao lado que busca que o Brasil permaneça como colônia, retornando à condição que tinha antes da vinda da família real portuguesa. Ela começa também a desenhar aqui o retrato do brasileiro forte que luta pelos seus objetivos, muitas vezes deixando o lado que detém o poder, como no caso dos caçadores, para batalhar pelos ideais que acreditavam e sair do domínio português. Ainda assim, Graham quer mostrar aos seus leitores que a população sofre com os rumos da disputa, tendo muitas vezes que abandonar suas casas e pertences para se proteger, criando a alegoria do terror que estas pessoas vivem: não há comida, nem segurança e não se sabe os lugares onde há pessoas escondidas. Lembramos aqui que esta é a visão da autora e que os fatos históricos que ela narra não necessariamente aconteceram daquele jeito.

Mais à frente no diário ela descreverá com riqueza de detalhes um encontro que teve com o lado brasileiro da batalha para arranjar provisões frescas para o seu navio e para os ingleses que estavam na cidade. E, apesar de descrever os brasileiros com modos extremamente rudes, dizendo que eles não usam talheres ou se importam com os bons costumes à mesa como os europeus – principalmente ingleses e franceses – fazem, eles são bravos e valentes na busca de seus objetivos, além de cordiais<sup>152</sup>. Com isso, vemos

---

<sup>151</sup> Besides the disposition to revolution, which we were aware had long existed in every part of Brazil, there was, also, a jealousy between the Portuguese and Brazilians, which recent events had increased no small degree. (...) This morning the alarm of the town's people was increased by finding several armed men concealed in the belfreys of the churches, whither also they had conveyed several stands of arms. Luiz do Rego is a soldier and attached to the royal cause. He served long with the English army in Portugal and Spain, and, if I mistake not, distinguished himself at the siege of St. Sebastian's. He is rather a severe man, and, especially among the soldiers, more feared than loved. – Great part of the regiment of Caçadores has left him to join the patriots, and formed the most efficient corps in the attack last night. The towns-people have been formed into a militia, tolerably armed and trained. The town is pretty well supplied with mandioc flour, jerked beef, and salt fish; but the besiegers prevent all fresh provisions from coming in. All shops are shut, and all food scarce and dear. Most people who have property of value, in plate or jewels, have packed it up, and lodged it in the houses of the English merchants. Many persons with their wives and families have left their homes in the out-skirts of the town and have taken refuge with the English. The latter, who, for the most part, sleep, at least, in country houses in the neighbourhood, called sítios, have left them, and remain altogether at their counting-houses in the port: every thing in short, is alarm and uncertainty. (97[O]-98)

<sup>152</sup> Sobre uma carta do Capitão Graham para os brasileiros solicitando provisões frescas, ela diz: Eles educadamente me disseram que não leriam a carta enquanto eu estivesse esperando ao lado, mas logo que nos sentamos o secretário a leu em voz alta. Livre tradução de: They politely told me they would not read the letter while I was waiting below, but as soon as we were seated, the secretary read it aloud.

que ela pensa que o povo brasileiro precisa ser lapidado como um diamante bruto, para então poder florescer. Assim, ela constrói a ideia de uma nacionalidade brasileira em formação e que só vai poder se consolidar caso se liberte de Portugal. Novamente a liberdade entra como costura da narrativa, e assim podemos inferir que Graham moldou seu discurso para que a liberdade fosse o tema central, embora nem sempre a palavra apareça em relatos sobre escravidão e independência. Inferimos daí também que ela considera a si própria e aos ingleses como um todo, os propagadores da liberdade, pois eles querem o fim da escravidão e ajudam nas batalhas pela independência dos países da América Latina.

Como já analisamos uma parte deste trecho no capítulo 2, enquanto discutíamos as pistas que aparecem no diário que revelam a construção dele, assim, com o objetivo de não nos alongarmos em assuntos já discutidos, passaremos à transcrição do que ela escreve no dia seguinte, portanto 10 de janeiro de 1822 sobre os eventos do dia anterior. Diz ela,

Ontem houve uma reunião na Câmara do Rio, depois de uma breve consulta aos membros, seguiram em procissão acompanhados de um grande número de pessoas ao pátio do Príncipe, com uma forte admoestação contra sua partida do país, e com sincera súplica de que ele ficaria junto ao seu fiel povo. Sua Majestade Real recebeu-os graciosamente e respondeu que, como parecia ser o desejo de todos, ele permaneceria. Esta declaração foi recebida com gritos de entusiasmo, que foram respondidos pela salva de tiros e todos os símbolos de alegria pública.<sup>153</sup>

Aqui vemos a descrição da cena que ficou marcada quando Dom Pedro profere a famosa frase: “Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico”. Os pormenores desta proclamação do então Príncipe não nos interessa neste trabalho, por isso, vamos nos deter à descrição de Graham à cena. Ela não reproduz a célebre frase, mas diz que o futuro Imperador não teria gostado da intimação de seu pai para que ele regressasse ao velho continente e que esta foi uma das motivações que ele encontrou para ficar no país. Novamente, ela trata o episódio como uma coisa boa para os brasileiros, principalmente pelo uso dos adjetivos “graciosamente”, “entusiasmo” e “alegria”. A simpatia que ela tem pela independência se deve à sua admiração por Dona Maria

---

<sup>153</sup> Yesterday there was a meeting of the Camara of Rio; and after a short consultation the members went in procession, accompanied by a great concourse of people to the Prince, with a strong remonstrance against his leaving the country, and an earnest entreaty that he would remain among his faithful people. His Royal Highness received them graciously, and replied, that since it appeared to be the wish of all, he would remain. This declaration was received with shouts of enthusiasm, which were answered by the discharge of artillery and every mark of public rejoicing. (178)

Leopoldina, que assim como ela era uma estrangeira tentando se adaptar ao Brasil. A admiração pela Imperatriz se estendeu a toda a sua família e principalmente a Dom Pedro, que ela considera agora a figura mais capaz para liderar o país. Neste ponto ela já não esconde a admiração que sente pela família real, esta é demonstrada numa entrada dois dias depois da anterior, portanto dia 12 de janeiro. A passagem descreve um ataque de tropas portuguesas durante uma apresentação da ópera no teatro. A apresentação fora interrompida por um breve momento em função da agitação causada pela ausência do príncipe em sua cabine, porém quando ele retornou a ela, a apresentação teve prosseguimento. O príncipe se retirara para dar ordens às tropas brasileiras para acabarem com a agitação causada pelos portugueses. O comentário de Graham sobre a atitude de Dom Pedro revela a sua estima para com ele.

A frieza e a presença de espírito do príncipe, sem dúvida, preservaram a cidade de muita confusão e pesar. Quando a ópera terminou as ruas estavam suficientemente desobstruídas, a ponto de permitir que todos fossem para suas casas em segurança.<sup>154</sup>

Com isso ela revela aos seus leitores que Dom Pedro é um comandante capaz de governar um país com as proporções do Brasil sem criar pânico em situações em que a segurança da população encontra-se em risco. A entrada deste dia é bastante extensa e cheia de detalhes tanto sobre o dia da autora que queria visitar as tropas, quanto das ações tanto das tropas portuguesas quanto das brasileiras. O que chama atenção nesta entrada é a descrição da felicidade do povo brasileiro ao ver as tropas portuguesas dispensadas. Segundo ela,

Os habitantes em geral, mas especialmente os mercadores estrangeiros, estão muito contentes em ver as tropas lisboetas dispensadas, pois eles há muito são os mais brutais e tirânicos com estrangeiros, com negros e, frequentemente, com brasileiros. E durante as semanas passadas, sua arrogância estava desagradando tanto o príncipe quanto as pessoas.<sup>155</sup>

---

<sup>154</sup> The coolness and presence of mind of the prince, no doubt, preserved the city from much confusion and misery. By the time the opera was over the streets were sufficiently clear to permit every one to go home in safety. (182)

<sup>155</sup> The inhabitants generally, but especially in the foreign merchants, are well pleased to see the Lisbon troops dismissed; for they have long been most tyrannically brutal to strangers, to negroes, and not unfrequently to Brazilians; and, for many weeks past, their arrogance has been disgusting to both prince and people. (185[BB])

Aqui ela pinta o retrato dos portugueses como figuras opressoras que conseguem o que querem usando a força, ao contrário do príncipe que se mostra sempre generoso. Ela também relata que os estrangeiros estão mais contentes que todos com esta retirada, talvez porque ela representasse maiores possibilidades de comércio. Além disso, ela separa brasileiros de negros, o que pode ser uma indicação de que há um distanciamento moral entre os brasileiros, brancos, e os negros. Com isso, ela termina o relato relacionado ao Dia do Fico, dizendo aos seus leitores que o Brasil ficará melhor sem o jugo português e com o príncipe como líder máximo do país.

Quando Dom Pedro aceitou o título de Imperador Constitucional e Perpétuo Defensor do Brasil, Graham ainda estava no Chile, contudo ela relata como foi a aceitação e aclamação do povo brasileiro ao governante do país. Este relato encontra-se na introdução da segunda visita ao país, quando ela faz um apanhado dos acontecimentos políticos no país durante a sua ausência – o que, como vimos, é mais uma evidência de que o diário foi fabricado. O que podemos dizer sobre esta parte do livro é que agora o favoritismo da autora frente ao Imperador é evidenciado pela quantidade de adjetivos positivos utilizados por ela, seja para falar da imagem do governante em si ou para revelar o afeto que o povo tem por ele. Assim vemos que ela de fato quer compor a imagem de Dom Pedro como algo positivo, como um homem cheio de predicados, que é capaz de falar com seus compatriotas de forma clara, um líder que seria capaz de conduzir o país à liberdade e assim criar uma nação. Além disso, percebemos que tudo em sua escrita converge para a exaltação do princípio da liberdade.

Em função disso, passaremos à análise de trechos relacionados à política adotada pelo soberano após a independência do Brasil. O primeiro deles está relacionado ao levante acontecido na Bahia, motivo pelo qual Graham retornara ao país, acompanhando Lorde Cochrane. Neste fragmento, ela cita notícias de jornais da Bahia que consideram Dom Pedro um usurpador, ele aparece no dia 16 de maio de 1823. Em suas palavras,

Conforme o esperado, eles trazem o mais violento e inveterado espírito contra o governo Imperial e todos por ele empregados, chamando o Imperador de déspota turco, sultão, etc., e José Bonifácio um vizir tirânico. Lorde Cochrane, é claro, não escapou e, junto à todas as velhas calúnias contra ele, eles acrescentaram que ele é um covarde, elogios que serão ternamente retribuídos, penso eu. O suplemento da Idade D'Ouro, do dia 25 de abril dá a lista dos dois esquadrões trazidos para inspirar a confiança nos portugueses, subestimando a força dos navios de Lorde Cochrane e os

representando grosseiramente – embora de acordo com eles, as medidas mais opressivas tenham partido deles – como se não fossem capazes de enfrentar os portugueses. (...) Eles publicaram uma carta circular chamando todos os oficiais e tripulação para esforçarem-se, prometendo a destruição da frota brasileira.<sup>156</sup>

Com isso, vemos o esforço da autora em mostrar que os portugueses ainda buscam sua manutenção no poder do Brasil. Vemos ainda o empenho de Graham em dizer que os jornais que diziam isso estavam equivocados, criando uma imagem pouco fiel tanto de Lorde Cochrane, quanto do Imperador e de José Bonifácio, figuras que são defendidas ferrenhamente pela autora – principalmente Lorde Cochrane, seu amigo íntimo. Mesmo quando Bonifácio é afastado do governo, como veremos a seguir, ele segue sua defensora fiel, considerando que o Brasil perdeu um grande líder. Esta entrada é do dia 18 de julho de 1823.

A cidade ficou consideravelmente agitada hoje, pelo conhecimento que ontem o ministério dos Andradas caiu. Parece que alguns dias atrás, no dia 16 acredito eu, uma pessoa desconhecida apresentou uma carta na porta do palácio e disse ao servo que a recebeu que sua vida não estaria a salvo se ela não fosse entregue às mãos do Imperador. A carta foi entregue de acordo com as instruções e lida, em seguida Sua Majestade Real mandou buscar José Bonifácio: eles ficaram a portas fechadas por um longo tempo e o resultado desta conferência foi que José Bonifácio demitiu-se do cargo que ocupava, e o Brasil perdeu um talentoso ministro e o Imperador, um servo zeloso. O rumor que corre é que uma carta foi escrita de São Paulo e continha 300 assinaturas de pessoas reclamando da conduta tirânica dos irmãos Andrada naquela província; particularmente, prendendo pessoas que se opunham a eleição de alguns membros da assembleia, e ordenando a outros, sob vários pretextos, a volta ao Rio, onde eles foram afastados de suas famílias.

Estes acontecimentos, contudo, são passíveis de uma interpretação favorável e num tempo de intempéries, alguma severidade é necessária, ou, de fato, o zelo do ministro o levou muito longe.<sup>157</sup>

---

<sup>156</sup> As might be expected, they breathe the most violent, and inveterate spirit against the Imperial government, and every body employed by it; calling the Emperor a Turkish despot, a sultan, &c., and José Bonifacio, a tyrannic vizier. Lord Cochrane, of course, does not escape; and to all old calumnies against him, they now add that he is a coward, for which agreeable compliments they are likely to pay dearly I should think. The Supplement to the Idade d'Ouro of the 25<sup>th</sup> of April gives the lists of the two squadrons, drawn up for the purpose of inspiring confidence in the Portuguese, under-rating the force of Lord Cochrane's ships, and representing them as so ill manned, – although, according to them, the most oppressive measures were adopted to man them, – as not to be able to face the Portuguese. (...) They have published a circular letter, calling on all officers and crews to exert themselves, promising them the destruction of the Brazilian fleet. (247-248)

<sup>157</sup> The city has been thrown into considerable agitation to-day, by the knowledge, that yester the ministry of the Andrardas ceased. It appears that a few days ago, I believe on the 16<sup>th</sup>, an unknown person presented

O afastamento dos irmãos Andrada do ministério é tratado por Graham como um equívoco da parte do Imperador. Apesar de mostrar o equívoco e lamentar a perda de Bonifácio, ela tenta fazer um contraponto, talvez para que seus leitores não associassem a injustiça à imagem de Dom Pedro. A decisão da deposição do ministério, porém pode estar associada a outros motivos, segundo Isadora Eckardt,

ao contrário do que prega a historiografia tradicional que muitas vezes apresenta Dom Pedro como o salvador que proclamou a nossa independência e em quem o povo depositava todas suas esperanças, ele ficou em uma situação difícil e complicada logo que seu pai foi embora. Como o rei limpou os cofres públicos antes de partir e várias províncias passaram a se recusar a remeter impostos para o Rio de Janeiro, ou por absolutamente não reconhecerem a autoridade de Dom Pedro ou por estarem primeiramente vinculadas às Cortes e ao rei que agora estava em Portugal e não mais naquela cidade, o regente ficou sem dinheiro para poder atender às reivindicações dos brasileiros, o que causava descontentamento e revolta.

Portanto, neste primeiro momento da regência de Dom Pedro, o povo desconfiava dele e de seu principal ministro, José Bonifácio, e não foi da noite para o dia que o Regente conquistou popularidade entre os brasileiros.<sup>158</sup>

Assim, podemos assumir que tanto o afastamento de Bonifácio pela parte do Imperador, quanto a defesa de Graham à imagem de Dom Pedro, podem estar relacionadas à construção da imagem favorável da figura do governante brasileiro. A motivação da autora para construção desta imagem pode ter sido algum direcionamento editorial. Consideramos, porém que sua real motivação foi sua afeição pela Família Real e também que se ela escrevia um livro sobre liberdade, ela precisaria de um herói para conduzir o povo brasileiro nesta empreitada. Logo, a figura do Imperador se encaixou neste padrão criado pela autora. Ou seja, a derrubada dos Andrada serviu para que o Imperador se

---

a letter at the palace-door, and told the servant who received it, that his life should not be safe if he did not deliver it into the Emperor's own hand. The letter was delivered accordingly, and read; upon which His Imperial Majesty sent for José Bonifácio: they remained closest for a length of time, and the result of the conference was, that José Bonifacio resigned his employment; and Brazil has lost an able minister, and the Emperor a zealous servant. It is rumoured that the letter was written from St. Paul's, and contained at least 300 signatures of persons complaining of the Andrada's tyrannical conduct in that province; particularly imprisoning persons who had opposed the election of certain members of the assembly, and ordering others, on various pretexts, to repair to Rio, where they had been kept away from their families. These things, however, are capable of a favourable interpretation; and in such stormy times, some severity may have been necessary, or, indeed, the zeal of the minister may have carried him too far. (260-261)

<sup>158</sup> ECKARDT, Isadora. Pp 15.

aproximasse do povo, que não teve uma boa aceitação de seu governo no início, ao contrário do que a autora apresenta aos seus leitores. Da mesma forma, a imagem desenhada pela inglesa de um Imperador querido pelo povo é uma forma de levar os leitores a acreditar que o Brasil não precisava mais do jugo de Portugal, pois contava com um soberano que tinha pulso firme para tomar decisões difíceis e contava com o apoio da população para a tomada destas decisões. Com isso, caro leitor, chegamos à nossa parada final, o desembarque está próximo e por isso, pedimos que não deixem seus assentos até que o aporte esteja completado.

## Aportando: o fim de uma jornada

Nesta jornada conhecemos a trajetória do pensamento por trás de um livro, ou seja, como ele foi pensado para a sua publicação. Maria Graham, nossa inspiração nesta jornada tinha um objetivo com esta publicação: vender a liberdade para seus leitores. Mais que isso, mostrar a importância da liberdade na construção brasileira. Seja ela por meio da abolição ou da independência. Este conceito aparece em toda a narrativa: desde as descrições sobre a natureza até as discussões políticas mais densas. Nas descrições sobre a natureza, ela aparece vividamente, pois trata-se, para Graham, de um país onde a natureza é tão exuberante e participa de forma tão ativa das cidades e vilarejos, moldando seus horizontes, que parece crescer livre das amarras das grandes cidades. Mesmo no Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, a natureza é descrita como parte integrante da cidade, como se uma não existisse livremente sem a outra. Em outras descrições, estas não relacionadas à política nem à natureza, a liberdade aparece mais tímida, como na descrição da jangada: uma forma livre de navegar pelas águas brasileiras, já que a embarcação é constituída apenas de toras de madeira amarradas.

O tema fica mais evidente nas principais discussões propostas por Graham, a escravidão e a independência. Nestas passagens, ela conduz ativamente a narrativa e nestes momentos, a autora se coloca como propagadora da liberdade, embora em nenhum momento demonstre a vontade escrava para a abolição ou a força política dos brasileiros para a independência. O que ela demonstra, no caso da escravidão é a imoralidade e a pouca efetividade econômica do sistema. Quando ela se refere aos escravos, quase sempre eles estão em posições onde não conseguem ou não sabem que podem resistir à escravidão, precisando de uma tutoria para tal. Ela coloca a si própria, como representante do povo inglês, como a pessoa que pode e vai lutar pela sua libertação. Isso fica bastante evidente na cena onde ela para para brincar com as crianças de um mercado, sendo assim a fonte de sua alegria momentânea. Ao tratar da independência, ela, representante dos ingleses, não é mais a salvadora da população brasileira, colocando a imagem de Dom Pedro como tal.

Com isso, aprendemos nesta peregrinação que um diário de viagem publicado nem sempre trata narra os fatos tal e qual eles foram vividos. Isso se dá por dois motivos: o primeiro deles é que, mesmo que a publicação inclua todas as passagens do diário como ele foi escrito, a pessoa que o escreveu pode ter distorcido os fatos vividos quando os

colocou no papel. O segundo é que quando um destes diários será publicado, é preciso criar uma linha narrativa para ele, já que os acontecimentos do cotidiano da viagem nem sempre seguem a mesma intensidade. Uma manifestação disso no *Journal of a Voyage to Brazil* é que a maioria das entradas onde eventos políticos são narrados se demoram por longas páginas, enquanto que outros eventos, como festas, bailes e passeios não passam de um breve relato de menos de meia página. Assim, podemos analisar a importância dada pela autora a cada tipo de evento, embora isto não seja uma regra.

No caso de Graham, a linha narrativa escolhida, como vimos acima, é a da liberdade, por isso, todas as partes da sua narrativa convergem para isso. Vemos essa convergência desde a introdução, quando ela faz uma espécie de resumo do livro *History of Brazil* de Robert Southey. O enfoque deste resumo é a dominação e exploração portuguesa. Mesmo quando trata da vinda da Família Real para o país, quando o Brasil passa a fazer parte ativamente do Reino Português, ela trata os portugueses como soberanos máximos. O fato de o Antigo Regime ainda prevalecer na antiga metrópole também contribui para o tom que Graham dá às descrições das políticas portuguesas. Fazendo isso, ela constrói um cenário onde a dominação é iminente e mostra, já nas primeiras linhas escritas depois de sua chegada ao país, que o povo brasileiro está acordando e precisa se tornar independente para continuar crescendo. Novamente, este é o discurso construído por ela para poder fazer da liberdade o tema central do livro.

Construído o cenário de dominação portuguesa, ela passa para o diário propriamente dito, onde segue seu intento de fazer da liberdade o principal tema do livro. Assim, mesmo antes de chegar ao Brasil, quando passa pelas Ilhas Canárias e por outros portos, ela fala de liberdade, principalmente da liberdade de imprensa, ressaltando a importância desta para uma sociedade civilizada. Ao chegar ao Brasil, ela se depara com um cenário que não tinha visto antes: uma cidade em estado de sítio. Não temos como saber se a visita dela a Pernambuco sitiada é verdadeira, mas sendo ou não um fato, sua descrição deste evento é rica em detalhes que fazem com que seu leitor se identifique, ou melhor crie empatia com os brasileiros, pois embora eles mantenham a cidade sem provisões frescas, eles estão lutando por aquilo que acreditam. Embora, como vimos, haja muita maquiagem na descrição destes fatos, esta maquiagem contribui com o objetivo da autora que não é apenas escrever uma história do Brasil, mas também fazer uma apologia à liberdade. E ela vai num crescente, dando argumentos e ilustrando para seus leitores os motivos pelos quais a liberdade é necessária neste país. Esta apologia à liberdade tem o objetivo de

mostrar aos seus leitores que a abolição e a independência são necessárias para o Brasil. Relacionada à escravidão, a ideia de liberdade vem também para endossar o coro abolicionista que ganhava espaço no debate público inglês para chamar a atenção para as crueldades da escravidão e tentar despertar aqueles que eram contra a abolição.

A partir daí ela cria uma cronologia dos eventos que considera importantes para a independência do país, sempre tendo a liberdade como pano de fundo. Assim ela fala descreve o Dia do Fico, cujos discursos e proclamações ela acompanhou. Em seguida fala das dificuldades enfrentadas por Dom Pedro, que assume neste momento do livro o papel de grande libertador do Brasil, assim como Simón Bolívar e José de San Martín para outros países da América Latina. Ela chega então à coroação de Dom Pedro. Neste momento ela já o exalta, revelando apenas suas qualidades. Mesmo quando relata acontecimentos com os quais ela não concorda, como o afastamento dos irmãos Andrada do governo, o faz em tom elogioso, pois o considera um governante capaz e solidário.

Temos assim que falar sobre liberdade é o foco da autora. Para chegar a isto, porém entendemos como o livro foi recebido pelo público inglês, como funcionava o mercado editorial britânico e também como foram as críticas ao livro nos periódicos da época. Em seguida entendemos a estrutura do diário e vimos que a narrativa da liberdade se encontra também nas imagens selecionadas para a publicação. Vimos também que um recurso recorrente no relato de Graham é o uso de adjetivos. Eles geralmente vêm de forma positiva ao tratar do Imperador do Brasil e de sua família, de forma negativa ao se referirem à escravidão e com um tom esperançoso quando tratam da possibilidade da abolição. Os adjetivos também aparecem em abundância quando a autora descreve a natureza e as paisagens do país, sejam elas com cidades ou não. Depois de distinguir estas questões, passamos para o tema da liberdade. Como vimos, ela escolhe caminhos para falar dessa liberdade e os mais evidentes são os relatos sobre independência e escravidão.

Graham chega ao final de seu relato com uma proposta de emprego: cuidar da educação da princesa Maria da Glória, assim, ela volta à Inglaterra para colher material para a tutoria da criança e também para publicar o livro. A última entrada do seu diário, é do dia de seu embarque de volta à Grã-Bretanha, no dia 18 de dezembro de 1823. Nesta entrada ela narra a felicidade que sente pela perspectiva de fazer parte da Família Real brasileira, por menor que seja a sua participação. Ela faz também nesta última parte, um apanhado dos jornais cariocas da época, dizendo o lado defendido por cada um deles, o dos

brasileiros ou o dos portugueses. Ela termina o diário com uma passagem apócrifa do livro bíblico dos Macabeus capítulo XV versículos 37 e 38 que diz: “finalizarei aqui minha narração. Se ela está felizmente concebida e ordenada, era este o meu desejo; se ela está imperfeita e medíocre, é que não pude fazer melhor”. Com isso, ela retoma a questão da verdade iniciada no prefácio, quando ela diz que tudo que escreveu é verdade. Não tomamos o que ela diz por mentiras, mas por verdades construídas, aumentadas, diminuídas ou omitidas. Depois disso, ela faz um apêndice com tabelas de importação e exportação na província do Maranhão entre 1812 e 1821, bem como do estado da indústria e da agricultura desta província. Assim se encerra o relato de Graham e também o nosso, pois, por ora, não nos resta mais o que dizer.

## Referências Bibliográficas

### *Fontes Primárias*

GRAHAM, Maria. *Journal of a voyage to Brazil and residence there*. Spottiswoode, 1824.

Biblioteca Nacional da Escócia, Arquivo John Murray, Cartas de Maria Graham, posteriormente Lady Callcott para John Murray (manuscrito)

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Microfilmagem da biografia de D. Pedro I. (manuscrito)

Washington, D.C., The Catholic University, Biblioteca Oliveira Lima, transcrição do manuscrito das notas de Maria Graham intercalada com a cópia da autora de *Journal of a Voyage to Brazil*. (manuscrito)

### *Bibliografia*

AKEL, Regina. *The journals of Maria Graham*. Tese submetida como requisito parcial para obtenção de grau de Doutora em Filosofia em Língua Inglesa, Universidade de Warwick, departamento de Inglês e Estudos Literários Comparados, 2007.

BARMAN, Roderick J. *Brazil: the forging of a nation*. Stanford: Stanford University Press, 1988.

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. *Relatos de viagem e a obra multifacetada de Maria Graham no Brasil*. Revista Sientibus, n.41, 2009.

CERDAN, Marcelo Alves. *Maria Graham e a escravidão no Brasil*. Revista de História Social de Campinas, n. 10, 2003.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do escritor*. São Paulo: Unesp, 2014.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *Poesia e Polícia. Redes de comunicação na Paris do Século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DAVIS, Natalie Zeamon. *Women on the margin*. Londres: Harvard University Press,

1995.

\_\_\_\_\_. *The return of Martin Guerre*. Harvard: Harvard University Press, 1983.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. *Livros de viagem do Oitocentos e a fabricação do Oriente: a Índia e a escrita de Maria Graham*. Revista *topoi* v.12 n.22 jan-jun 2011.

\_\_\_\_\_. *Subjetividade e viagem em Maria Graham*. Simpósio nacional de História, 2005.

GOTCH, Rosamund Brunel. *Maria, Lady Callcott: The creator of "Little Arthur"*. Londres: John Murray, 1937.

GRIFFIN, Emma. *Liberty's Dawn*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2013.

GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (org). *O Brasil Imperial*. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

IANNI, Octavio. *A metáfora da viagem*. In: Revista *Cultura Vozes*, v. 90, n. 2. São Paulo: Editora Vozes, 1996, p. 2-19.

JOHNSON, Samuel e WALKER, John. *A dictionary of the English language*. Londres: William Pickering & Chancery Lane, 1928.

KUEHN, Julia & SMETHURST, Paul (org). *New directions in travel writing studies*. Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

LINEBAUGH, Peter e REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

MAVOUR, Elizabeth. *The captain's wife*. Londres: Widenfeld & Nicolson, 1993.

PAIM, Antônio; BARROS, Roque Spencer Maciel de (Coord.) *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz d. Leopoldina e cartas anexas*. Tradução Américo Jacobina Lacombe. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. *A intrépida Maria Graham e as lutas da independência*. Encontro anual da Anpocs, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (dir). *Crise Colonial e Independência*. Volume 1. Madrid e Rio de Janeiro: Fundación Mapfre e Objetiva, 2011.

SILVA, Isadora Eckardt. *A literatura de viagem de Maria Graham*. Anais do Seta, n.3, 2009.

\_\_\_\_\_. *Maria Graham e a influência britânica no Brasil*. Revista Instrumento, v. 11, n.1, 2009.

\_\_\_\_\_. *Maria Graham, uma narradora à moda antiga*. Revista Travessias, n.02, 2009.

\_\_\_\_\_. *O viés político e histórico de Maria Graham em Diário de uma viagem ao Brasil*. Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Mestre em Teoria e História Literária, 2009

SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. Vols. I, II e III. Tradução Luís Joaquim de Oliveira e Castro. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1977.

SUAREZ, Michael F. e TURNER, Michael. *The Cambridge History of the book in Britain*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

THOMPSON, Carl. *Travel Writing*. Abingdon: Routledge, 2011.

VALENTE, AJ. *Changes in print paper during the 19<sup>th</sup> century*. In: <http://docs.lib.purdue.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1124&context=charleston>.

Consultado em 20/0/2017.

WILBERFORCE, William. *An appeal to the religion, justice and humanity*. Londres: Ellerton & Henderson, 1823.

#### Outras referências

- <https://www.hodder.co.uk/John+Murray/About+John+Murray.page>, consultado em 18/09/2016.
- <http://www.biography.com/people/daniel-defoe-9269678#death-and-legacy>, consultado em 02/10/2016.

- <https://pw1751.wordpress.com/>, consultado em 04/10/2016.
- <http://www.cgdev.org/blog/priscilla-wakefield-forgotten-pioneer-financial-services-poor>, consultado em 04/10/2016.
- <http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/book/lookupname?key=Wakefield%2C%20Priscilla%2C%201751-1832>, consultado em 04/10/2016.
- <https://womanandhersphere.com/2015/01/12/mariana-starke-travels-in-europe-1791-1794/>, consultado em 02/10/2016.
- <http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/book/lookupname?key=Starke%2C%20Mariana%2C%201762%3F-1838>, consultado em 02/10/2016.
- <http://www.britishnewspaperarchive.co.uk/>, consultado em 18/09/2016.